

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

PONCIANO PETRI

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INACIANA E SEUS
PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA**

**CURITIBA
2015**

PONCIANO PETRI

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INACIANA E SEUS
PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo

CURITIBA
2015

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

P495f
2015 Petri, Ponciano
A formação de professores na educação inaciana e seus pressupostos para a formação humana / Ponciano Petri ; orientador, Ricardo Tescarolo. – 2015. 117 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015
Bibliografia: f. 113-115

1. Educação. 2. Professores - Formação. 3. Jesuítas - Educação.
4. Educação permanente. 5. Espiritualidade. I. Tescarolo, Ricardo, 1950-.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 370

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 757
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

Ponciano Petri

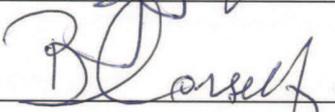
Aos vinte e sete dias do mês de maio do ano de dois mil e quinze, reuniu-se na Sala de Defesa da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo, Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti e Prof.^a Dr.^a Sirley Terezinha Filipak para examinar a Dissertação da candidata **Ponciano Petri**, ano de ingresso 2013, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores. A mestranda apresentou a dissertação intitulada "A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INACIANA E SEUS PRESSUPOSTOS PARA A FORMAÇÃO HUMANA", que, após a defesa foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 15h30. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: A dissertação foi aprovada com loucos e merece publicação.

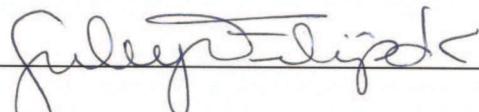
Presidente:

Prof. Dr. Ricardo Tescarolo 

Convidado Externo:

Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti 

Convidado Interno:

Prof.^a Dr.^a Sirley Terezinha Filipak 


Prof.^a Dr.^a Patricia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGE/PUCPR

Dedico esta dissertação a todos os educadores iniciados.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador e Pai, em quem confio e sirvo.

Aos meus pais, Cival e Angélica, pelo amor e preces. Aos meus irmãos, pelo apoio e ajuda sempre presente na minha formação.

Ao professor Dr. Ricardo Tescarolo, orientador e amigo, sempre solícito e confiante na proposta educativa da Companhia de Jesus.

Às professoras Dr.^a Sirley Teresinha Filipak e Berenice Corsetti pela leitura atenta e pelas sugestões que muito me ajudaram.

Ao professor Fernando Guidini e Isabel Cristina Piccinelli Dissenha, pela acolhida, por tantos momentos felizes e de incentivo.

À Equipe Pedagógica do Ensino Médio do Colégio Nossa Senhora Medianeira, pela parceria, compreensão nos momentos de ausência e alegria em colaborar sempre com a educação inaciana.

À Companhia de Jesus, a qual pertenço, pela missão de educar e proporcionar os meios mais eficazes para servir sempre e melhor.

“Para ensinar sempre é necessário amar e saber;
porque quem não ama não quer;
e quem não sabe não pode”.

Padre Antônio Vieira

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o processo formativo de professores do ensino médio que ingressam numa escola da Companhia de Jesus, identificando os espaços de estudo e as estratégias utilizadas. Teve como pressuposto o seguinte problema: como os professores se apropriam dos princípios da educação inaciana e os vivenciam no cotidiano escolar? Em seus objetivos específicos, a pesquisa descreve, a partir de recorte histórico, o trabalho educacional da Companhia de Jesus; identifica os pressupostos integrantes da pedagogia inaciana referentes à formação de professores; pesquisa os fundamentos epistemológicos alusivos à formação humana, presentes na pedagogia inaciana; analisa o modelo de formação continuada para professores ingressantes proposto por uma escola jesuíta e articula o referencial teórico da formação de professores atual ao conceito de humano na pedagogia inaciana. O estudo traz para a discussão o modelo pedagógico utilizado pelos jesuítas durante cinco séculos e as devidas atualizações. Elas buscam atender aos apelos de cada época em que se encontra e dar respostas às transformações que ocorrem. No que se refere à pesquisa, quer contribuir para maior qualificação dos espaços formativos para os professores que ingressam na escola jesuítica. Desenvolveu-se sob a dialética de método e, em sua abordagem qualitativa de pesquisa, a modalidade Estudo de Caso. Utilizou-se de entrevista semiestruturada com professores do ensino médio, utilizando questionário previamente elaborado. Envolveu onze professores de um colégio jesuíta na cidade de Curitiba, tendo como critério de inclusão na pesquisa: tempo de trabalho na escola superior a cinco anos e formação em diferentes áreas do conhecimento. O estudo contribuiu para perceber a influência positiva da educação inaciana ao longo de sua existência, bem como a importância da existência de uma pedagogia que pense o ser humano em sua plenitude e auxilie em seus dilemas atuais. O estudo de caso revelou estratégias promovidas pela escola, lócus da pesquisa, que permitem ao professor que inicia seu trabalho na escola conhecer e aprofundar o método pedagógico jesuítico.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação inaciana. Formação continuada. Espiritualidade inaciana.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar el proceso educativo de los profesores de secundaria que ingresan a una escuela de la Compañía de Jesús para identificar los espacios de estudio y las estrategias utilizadas. Tuvo el presupuesto el siguiente problema: cómo los profesores se apropian de los principios de la educación ignaciana y la experiencia de estos principios en la vida escolar cotidiana? En sus objetivos específicos, la investigación describe el trabajo de la Compañía de Jesús; identifica los propósitos de la pedagogía ignaciana relativos a la formación del profesorado; busca los fundamentos epistemológicos del saber jesuítico que representan la formación humana; analiza el modelo de educación continua para los profesores entrantes propuestos por un colegio de los jesuitas; articula el marco teórico de la formación de los maestros actuales, al concepto de humano en la pedagogía ignaciana. El estudio aporta a la discusión, el modelo pedagógico utilizado por los jesuitas durante cinco siglos y las actualizaciones necesarias. Buscan hacer caso a las llamadas para cada tiempo en que se encuentra y para dar respuestas a los cambios que se producen. Cuanto a la investigación, quiere contribuir a una mayor calificación de los espacios de formación para los profesores que entran en el colegio de los jesuitas. Desarrollado bajo el método de la dialéctica, en su investigación cualitativa, el modo de estudio de caso. Se utilizó la entrevista semi-estructurada con profesores de la escuela secundaria mediante un cuestionario elaborado previamente. Participa once profesores de un colegio jesuita en la ciudad de Curitiba, con el criterio de inclusión en el estudio: el tiempo de trabajo en la escuela superior a cinco años; formación en diferentes áreas del conocimiento. El estudio contribuyó a darse cuenta de la influencia positiva de la educación ignaciana a lo largo de su existencia y la importancia de una pedagogía que piese en el ser humano en su plenitud y les ayude en sus dilemas actuales. El estudio de caso reveló estrategias promovidas por la escuela, lugar de investigación, que permite al profesor que comienza su trabajo en la escuela conocer y profundizar-se en el método pedagógico de los jesuitas.

Palabras clave: formación del profesorado. Educación ignaciana. La educación continua. Espiritualidad Ignaciana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EE	Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PEC	Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SOREP	Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e Pastoral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 MUDANÇA DE VIDA E ORIGEM DO OBJETO DE PESQUISA	13
1.2 JUSTIFICATIVA	17
1.3 PROBLEMA	20
1.4 HIPÓTESE	21
1.5 OBJETIVO GERAL	22
1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
1.7 METODOLOGIA DE ESTUDO	22
1.8 ESTADO DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA INACIANA	24
2 ORIGENS DA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL: VISÃO DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA.....	29
2.1 A PARTE IV DAS CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS.....	32
2.2 <i>MODUS PARISIENSIS</i>	35
2.3 O <i>RATIO STUDIORUM</i>	37
2.4 A ASSIMILAÇÃO DA PEDAGOGIA DA ESSÊNCIA PELO <i>RATIO STUDIORUM</i>	40
2.5 NOVO MODELO EDUCATIVO DA PEDAGOGIA JESUÍTICA.....	44
2.6 A PROPOSTA JESUÍTICA NO BRASIL COLÔNIA	45
3 RENOVAÇÃO DA PEDAGOGIA JESUÍTICA.....	49
3.1 TEMPO DE TRANSIÇÃO	49
3.2 PADRE PEDRO ARRUIPE E O IMPULSO RENOVADOR.....	50
3.3 QUE ALUNO PRETENDEMOS FORMAR?	53
3.4 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS.....	57
3.5 PEDAGOGIA INACIANA. UMA PROPOSTA PRÁTICA	62
3.5.1 Contexto	63
3.5.2 Experiência.....	65
3.5.3 Reflexão.....	66
3.5.4 Ação	67
3.5.5 Avaliação	68
3.6 ANTROPOLOGIA INACIANA: VISÃO DE SER HUMANO.....	69
4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA INACIANA. PESQUISA DE CAMPO	75
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	75
4.2 FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES SEGUNDO O MÉTODO INACIANO	78

4.3 ESPIRITUALIDADE E PEDAGOGIA DE SANTO INÁCIO	80
4.3.1 Ser para e com os demais	80
4.3.2 <i>Cura personalis</i>	84
4.4 FORMAÇÃO PERMANENTE NA PEDAGOGIA INACIANA.....	86
4.5. ESPAÇO DE APRENDIZAGEM PERMANENTE	87
4.5.1 Estudo dos documentos da escola e sobre pedagogia inaciana	88
4.5.2 Seminário de formação	90
4.5.3 Curso de espiritualidade inaciana. Pegadas de Santo Inácio	93
4.5.4 Conhecimento da pedagogia Inaciana.....	96
4.5.5 Formação do ser humano com excelência humana e acadêmica.....	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS.....	116

1 INTRODUÇÃO

A origem do objeto da presente pesquisa revela-se no meu contato direto com diferentes equipes de ensino, em três distintos colégios da Companhia de Jesus no Brasil. Dois deles na Região Nordeste do país e um na cidade de Curitiba, na qual exerço atualmente a prática de educador.

A prática pedagógica do colégio jesuíta está construída sobre a experiência espiritual de Inácio de Loyola, fundador da Ordem Religiosa católica acima mencionada. Essas duas categorias, a saber, experiência espiritual e católica, já nos revelam muito daquilo que será exposto no decorrer dessa pesquisa. Dessa forma, concebemos uma pedagogia com vista na maneira como o seu idealizador foi afetado pela pessoa de Jesus Cristo e, com isso, pensou uma pedagogia cristã. Por experiência pessoal, Inácio sabia que o ser humano era capaz de participar de seu processo de transformação interior, não era completamente passivo ou absorvia tudo o que vinha do externo enquanto teoria, ciência e concepções. Elabora, dessa maneira, um método que ajudaria o sujeito a encaminhar suas dimensões mais vitais para o amor e para o bem, expressos na pessoa de Jesus Cristo.

Desde o início da atividade educacional dos jesuítas, no século XVI, observa-se que Inácio logo percebeu o quanto a educação poderia ser um campo fértil para levar a termo aquilo que consignou como A Maior Glória de Deus. Não demorou em unir o vigor missionário e a boa formação humana e intelectual de seus primeiros companheiros para fazer irromper o Apostolado educacional como um dos seus maiores aliados e levar outros a aderirem a seu projeto. Logo fez-se necessário sistematizar um modelo de educação que expressasse todo o desejo de Inácio, que se colocou à frente em redigir normas para melhor expressar seu pensamento nesse campo. Nesse sentido, encontramos a Parte IV das Constituições da Companhia de Jesus como o primeiro e expressivo documento sobre o trabalho no meio educacional.

Uma das principais características desse documento é tratar a educação como Apostolado, ou seja, que sirva de meio para a evangelização e surge, assim, como espaço indispensável para desenvolver o potencial humano e cristão dos jovens.

A educação da Companhia de Jesus foi normatizada no passado pelo *Ratio Studiorum* (1599) e hoje encontra em “Características da Educação da Companhia de Jesus” (1989) sua forma mais atual e completa. A forma de executar essa proposta está exposta em “Pedagogia Inaciana – Uma proposta prática” (1993), que busca o diálogo entre fé, justiça e cultura. No

atual colégio em que atuo como educador, essas três categorias estão entrelaçadas pelo viés do conhecimento. Todos os documentos citados acima, documentos próprios da Ordem, apresentam-se como um horizonte no fazer pedagógico cristão e inaciano na escola que se deseja manter.

Em minha experiência com a educação inaciana, na qual já pude conhecer e trabalhar com formas distintas desse fazer pedagógico, percebo um grande esforço em tornar cada vez mais atual os elementos norteadores do método inaciano. A prática pedagógica existente nos colégios nos quais pude trabalhar é expressa pela articulação entre os princípios epistemológicos da antropologia inaciana e valores cristãos. Percebo que tal prática atinge seus objetivos ao oferecer formação para o sujeito autônomo em um processo dinâmico e dialético. Em cada colégio, busca-se criar a cultura de que todos são responsáveis pela educação e todos que trabalham em diferentes setores são considerados educadores.

A concepção de que todos educam numa instituição inaciana exige que seja oferecida formação a todos os seus educadores, que sustente essa afirmação. Meu propósito nessa pesquisa é delimitar o interesse na formação do professor, visto que este vivencia um contato direto com os alunos, sujeitos de nossa ação educativa.

Diante desses elementos constitutivos da pedagogia inaciana e de minha prática como educador numa instituição jesuítica é que nasceu a pergunta fundamental: **Como os professores se apropriam dos princípios da educação inaciana e os vivenciam no cotidiano escolar?**

Essa é uma questão fundamental, pois os professores precisam conhecer os princípios fundamentais da pedagogia inaciana para que possam utilizá-los em sua prática. O interesse está em conhecer uma prática local e analisar sua coerência com o modo de proceder oferecido pelos documentos oficiais da Ordem para a educação.

A presente pesquisa pretende trazer para o campo formativo de professores uma visão antropológica de como o professor, que atua numa instituição inaciana, concebe a sua formação. A relevância científica de se pesquisar o método pedagógico inaciano, com ênfase na humanização, dá-se pelo fato de ser um tema genuinamente universal e atual. É pertinente discutir esse processo de formação e educação no contexto atual, impregnado de individualismo e de competitividade. No momento em que a escola é chamada a cumprir o seu sentido de formação moral/ética/cívica/civilizacional, a tradição jesuítica é modelo inspirador de processo formativo.

Outra relevância dessa pesquisa se dá numa dimensão histórica da pedagogia inaciana, que tem completos 455 anos de atividade. Faz-se reconhecer sua influência na cultura

brasileira e em muitos outros países. A ação educativa da Companhia de Jesus atravessou diferentes contextos históricos e culturais, devido à abrangência geográfica de sua missão, que alcançou escala mundial. Tal importância é endossada pelo momento comemorado em 2014, 200 anos de restauração da Companhia de Jesus, após permanecer pouco mais de 40 anos supressa em quase todo território mundial.

A pesquisa será num momento em que pensamos o professor como mediador de conhecimentos e valores. No momento atual, percebe-se um processo vertiginoso de desumanização provocado por tantos fatores: educação para o trabalho, cultura do superficial e descartável, culto ao corpo, dispensa do coletivo, entre outros. São aspectos que desagregam as pessoas e a sociedade. Nesse contexto, promover educação que forme integralmente o humano e atenda a todas as suas dimensões, também as sociais, apresenta-se como horizonte de esperança. Essa transformação que envolve todas as pessoas requer eficácia e discernimento por parte dos educadores, principalmente dos professores.

Dessa maneira, a pedagogia inaciana pensa a formação integral do professor, ou seja, profissional e humanamente falando, como forma eficaz de refletir sobre a realidade, sobre os contrastes e sobre as desigualdades. As mudanças na sociedade: conexão tecnológica instantânea, ameaçando os vínculos de reciprocidade entre as pessoas; quebra das heranças intergeracionais, gerando conflitos pessoais cada vez maiores e mais cedo; falta de referenciais de sociabilidade e gestação de novas referências, entre outras, revelam maior compromisso e desafio. Tal pedagogia quer formar um professor crítico, sensível, influente e diligente em facilitar, entre os alunos, os processos de conscientização e valorização da dignidade humana.

1.1 MUDANÇA DE VIDA E ORIGEM DO OBJETO DE PESQUISA

Após o término do processo de formação exigido pela Santa Sé para que eu pudesse receber o sacramento da Ordem, recebi a notícia de que meu primeiro trabalho como jesuíta fora de uma casa de formação seria no Colégio São Francisco de Sales, em Teresina, Piauí. Administrado pelos jesuítas, atualmente o colégio tem 107 anos de existência. No entanto, não conhecia muito bem a pedagogia inaciana, nem mesmo o funcionamento de um colégio de fato. Ainda morando em Belo Horizonte, tive a oportunidade de poder conhecer internamente o Colégio Loyola, também dos jesuítas. Um colégio renomado na cidade por sua atuação como instituição católica e por unir a excelência acadêmica com programas de valorização humana e responsabilidade social.

No período em que estive visitando e conhecendo o colégio, pude verificar várias situações do cotidiano que servem de ilustração para a diferença entre um colégio da Companhia de Jesus e outros colégios. Destaque para a organização das séries, que se dá num conjunto de estratégias, todas funcionando de maneira orgânica, ou seja, de modo a considerar o todo enquanto necessidade para transformar a diferença e a diversidade em riqueza coletiva e individual. Acompanhei alguns professores em sala de aula e presenciei o trabalho de pátio na hora do intervalo. No momento era um olhar imaturo, que absorvia toda informação e comentários vindos das mais variadas fontes.

Outra grande oportunidade no mesmo colégio foi poder conversar com o diretor geral, a diretora acadêmica e a diretora administrativa, os quais tiveram a sensibilidade de me apresentar a maneira como a política pedagógica e organizacional relaciona-se à busca pela excelência acima mencionada. Lembro-me que na audiência com o Padre Fuentes, diretor geral, arrisquei uma pergunta: qual é o maior desafio de um colégio jesuíta hoje? Prontamente me respondeu que era atrair os alunos para o exercício de uma liderança eminentemente humana e cristã. O que não foi diferente com as outras diretorias. Mas o que mais me chamou a atenção nessa visita foi um artigo de outro jesuíta, oferecido pelo diretor, intitulado “A proposta pedagógica inaciana está clara. E a mudança?”, do Padre Klein, grande pesquisador da mesma pedagogia. Desse artigo saíram inúmeros questionamentos, que só seriam respondidos depois, já no colégio de Teresina. O que seria necessário modificar? Quais seriam os pontos centrais da mudança sugeridos pelo autor?

Desde que cheguei ao colégio no qual eu iria desempenhar meu ofício de coordenador do serviço de pastoral, pude perceber que havia um movimento interno que demonstrava ares de mudança e renovação. Foi então que pude estudar os principais documentos que orientam a pedagogia inaciana e ver em mim outros questionamentos surgindo. Como transformar todas aquelas orientações contidas nos documentos em prática eficaz para bem atingir a missão a que o colégio se propunha? O que fazer para que a teoria, bem elaborada e fundamentada, pudesse ganhar corpo pelas mãos de toda a comunidade educativa? Logo comecei a ter contato com as distintas coordenações e suas estratégias para fazer da experiência inaciana uma prática adaptada à realidade de uma cidade do Nordeste do Brasil.

O documento “Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina” certamente traduz a constante preocupação no tocante à renovação nos colégios e universidades sob a gerência dos jesuítas. Nessa busca é que se insere o cumprimento das metas que aparecem como prioritárias e servem como instrumento comum de referência para

as políticas e orientações para ação e, conseqüentemente, como avaliação das instituições inacianas.

Depois de dois anos, fui transferido para outra instituição jesuítica na cidade de Fortaleza, na qual pude acompanhar e colaborar com o processo de reescrita do Projeto Político-Pedagógico. Um grande diferencial nesse processo foi a inclusão de todos os envolvidos com a instituição na reescrita. A comunidade educativa toda refletindo sobre o contexto da escola e contribuindo com seu conhecimento, o que favoreceu para criar uma cultura da leitura, da escrita e da reflexão entre os educadores. Como fruto dos encontros e das pesquisas, por ocasião da reescrita do PPP, surgiu ainda um livro intitulado *Pedagogia do discernimento. Reflexões sobre a proposta pedagógica do Colégio Santo Inácio*, organizado por Maria Estrêla Araújo Fernandes. O livro é uma das expressões do que significou todo o trabalho da comunidade educativa, que durou dois anos. Para mim, uma grata satisfação por contribuir com esse espaço de formação continuada e ao mesmo tempo um aprendizado com as experiências e reflexões partilhadas.

O processo de reescrita do PPP não impõe barreiras somente ao ato em si, mas descortina um horizonte imediato e em longo prazo, que o conhecimento adquirido oferece. Isso se dá naquilo que representou para a comunidade educativa do colégio. O processo pode ser entendido como formação continuada, pois reafirmou vários princípios educacionais, tais como reflexão, reflexão da ação, planejamento, produção de conhecimento, entre outros. Desse modo, a formação continuada dialoga com a prática dos educadores e as perspectivas para o trabalho futuro. Pode-se dizer ainda, desse processo, que foi uma opção pela reflexão e pela qualificação de todas as ações da escola. Essa mudança de visão no fazer pedagógico da escola, em relação aos educadores, não permite mais atividades pontuais diante de seu plano diretor.

O engajamento de toda comunidade educativa no processo de reescrita do PPP permitiu-nos perceber que foi possível inculcar a todos o princípio de que este é um processo de conscientização e de exercício da cidadania. Ao mesmo tempo, constitui-se em um instrumento de recuperação da função social da escola, de forma democrática e sistemática. Tal função social está associada à dimensão moral a que uma escola inaciana é comprometida. Diz-se democrático porque se constituiu a partir de um processo participativo de reflexões e de decisões das quais se viu desvelar os conflitos e as contradições no interior do exercício de educar.

De maneira consensual, constatou-se que reconstruir ou reescrever o PPP da escola significou a busca de reflexão e de sistematização de suas ações de forma coletiva e

consciente. Esse trabalho colaborou para ressignificar a identidade institucional e tornou-se um caminho a ser percorrido: coletividade, formação permanente, atualização profissional, entre outros. O individual e o coletivo constituem-se numa interface no interior da escola, pois se a essência do PPP é coletiva, no campo individual encontra seu complemento. Essa relação dialética, de influências mútuas, completa-se e revela-se como um instrumento valioso de mediação. No entanto, positivamente falando, o processo é longo e a assimilação por parte de todos é gradual e aberta a avaliações constantes.

Atualmente, na prática de educador, atuando com a dimensão pastoral e religiosa de uma escola jesuítica, o trabalho também se caracteriza como reestruturação dos serviços. Tendo como foco principal o modo como a pedagogia inaciana pode auxiliar no processo de autoconhecimento e amadurecimento pessoal, as estratégias do serviço estão direcionadas à elaboração de um projeto de vida individual. O processo de reescrita ainda está em curso e levará algum tempo para todos os serviços delinearem suas estratégias, depois de definidos os objetivos que se caracterizam como “o quê” e “para quê”.

O contexto local no qual se insere o colégio em questão é o pano de fundo dessa atividade de reflexão e produção teórica sobre as práticas e direcionamentos cotidianos. Considerando as influências e até mesmo as consequências para o processo formativo dos alunos e sua íntima relação com o processo cognitivo, julgamos ser de grande importância que tenham um referencial no que diz respeito à sua autonomia quanto a sua formação. A partir desses referenciais, é desejável, em nossa pedagogia, que o aluno aprenda a discernir diante das influências do contexto em que vive sobre a formação de personalidade, sobre suas convicções e sua prática como cidadão. Tal construção dá-se numa abertura para a interação com os outros, só sendo possível em um espaço plural em que sejam aprendidas e vivenciadas atitudes éticas.

No ensino médio, foco da abordagem desse trabalho de pesquisa, a opção pela forma sistêmica de trabalho e atuação entre os serviços é devido à consciência de que vivemos tempos incertos e transitórios. Essa realidade exige uma atitude que possa salvaguardar os princípios defendidos pela pedagogia inaciana: valores cristãos, ética nas relações, criticidade, visão global do contexto, entre outros, e que serão mais bem explicitados posteriormente. A prática local, articulada com as diretrizes de uma rede de escolas que sustenta uma prática de amplitude global, deve justificar toda intencionalidade e diretividade como dinâmica articulada. O elemento articulador de toda teoria e prática é o conhecimento.

Dessa pouca experiência é que surge o desejo de pesquisar, conhecer e aprofundar os princípios da pedagogia inaciana. Naturalmente será de grande importância para continuar

meu trabalho como jesuíta numa instituição de ensino. O objeto de pesquisa é uma união de interesses: sobre a pedagogia inaciana e a forma como um colégio dos jesuítas oferece formação a seus professores para conhecerem seu modo próprio de trabalho, visto que é um instrumento específico da Companhia de Jesus.

1.2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa pretende trazer para o campo formativo de professores uma visão antropológica de como o professor concebe a sua formação humana. Sua relevância científica dá-se no momento em que pensamos o professor como mediador de conhecimentos e valores. No momento atual, no qual se percebe um processo vertiginoso de desumanização provocado por tantos fatores que desagregam as pessoas e a sociedade, promover integralmente o humano e atender a todas as suas dimensões, também as sociais, apresenta-se como horizonte de esperança. Essa transformação que envolve todas as pessoas requer eficácia e discernimento por parte dos educadores, principalmente, dos professores.

Dessa maneira, a pedagogia inaciana pensa a formação integral do professor como forma eficaz de refletir sobre a realidade, sobre os contrastes e sobre as desigualdades. Tal pedagogia quer formar um professor crítico, sensível, influente e diligente em facilitar, entre os alunos, processos de conscientização e valorização da dignidade humana.

Essa visão da realidade não é exclusiva da pedagogia inaciana, mas ao defendê-la, faz, a partir de um lugar específico, uma análise do contexto de trabalho e das relações pessoais com seus pares e com seus alunos. A pesquisa sobre as mudanças humanas de comportamento e pensamento, desvelando suas implicações num conjunto maior e diversificado de influências, articula-se com o projeto em desenvolvimento, denominado *A formação de professores no contexto da metamorfose civilizatória contemporânea*, do professor Dr. Ricardo Tescarolo. Acredito ser pertinente pesquisar, conhecer e aprofundar as consequências do processo de envolvimento nos mecanismos mundiais que delineiam as atividades humanas como um todo e particularmente para a formação de professores.

As orientações próprias do método inaciano apontam sempre para aquilo que é o fim último e a razão da existência dos colégios hoje: formar homens e mulheres para/com os outros. De certa forma, é preciso colocar todo esforço para que se destaquem pela competência, integridade e compaixão. A educação inaciana assume essa orientação, sem perder de vista a pessoa real, concreta em seu tempo e espaço definidos. É dessa realidade da

pessoa que deriva um princípio geral da pedagogia inaciana, denominado *alumnorum, cura personalis*. Cada aluno merece receber, por parte de todos da comunidade educativa, um afeto e desvelo pessoal autênticos. Já o *Ratio* insiste que os professores conheçam seus alunos dedicando-se a conhecer suas qualidades e limites; conhecer e respeitar, em todas as circunstâncias, a realidade familiar deles.

A ênfase está, nesse momento, nas relações interpessoais que se constroem na escola. O educando passa a ser o centro do processo. A teoria está a serviço dos educandos, para isso é preciso uma abertura às relações afetivas e deixar-se levar pelas necessidades dos alunos. As palavras de ordem passam a ser: aceitar, ajudar, tornar significativo afetivamente o momento da aprendizagem e da vida na escola, que deve funcionar como um lar, em que o principal é ser feliz. Liberdade é um conceito-chave e a afetividade surgida desse processo torna o educador, em especial o professor, quase como um expectador da aprendizagem.

Vive-se, hoje, uma realidade repleta de incertezas que tornam o trabalho educativo um imenso campo teórico de reflexão em todas as áreas. O desaparecimento das fronteiras econômicas, o processo de globalização, as redes de conhecimento, a virtualização da realidade, as incertezas comportamentais referendadas pela mídia e pela mudança na escala de valores do homem pós-moderno põem o educador em contato com uma necessidade de leituras que o fundamentem em sua prática diária. Não basta que domine a sua área de conhecimento, a sua ciência, o educador no contexto atual necessita saber ler a realidade, posicionar-se diante dela, conhecer os caminhos da ciência construídos historicamente e pensar a ação educativa enquanto ciência e processo envolvido na construção/reconstrução permanente da sociedade.

Todo esse esforço pelo cuidado em relação aos alunos está situado no contexto histórico de cada época. Nosso interesse recai sobre o contexto micro, ou seja, o contexto brasileiro da prática pedagógica inaciana, com olhos naquilo que está acontecendo em nível macro. É próprio de a educação inaciana inserir seus alunos no diálogo com o mundo, para conhecê-lo e transformá-lo. Respeitando povos e lugares que ainda não conhecem os benefícios da ciência tecnológica, toda pessoa hoje tem acesso fácil a diferentes serviços e informações, nunca antes registrados.

Diferentes são os vieses que tentam encontrar um ponto de vista que amenize o paradoxo vivido pelo ser humano hoje: mais evoluído e menos humano. O problema é que atingir esse importante limiar de desenvolvimento não garantiu o controle das consequências dessa evolução. Os fatos do cotidiano, por si, revelam a carência do senso de humanidade. Brutal, em si, seria escolher um deles para ilustrar essa análise. Humanizar o mundo

apresenta-se como uma questão crucial e decisiva para o futuro da vida planetária. Mas o que é humanizar senão inverter a lógica paradoxal e colocar o mundo a serviço do humano? A ciência garante-nos alcançar bons níveis de conhecimento e alto grau de certezas, mas assombra a forma como é colocada a serviço da destruição. Sabiamente, o Padre Pedro Arrupe, Superior Geral dos jesuítas nos anos 1965 a 1983, lançou as bases para o início da reformulação interna à Ordem, perguntando: “que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade?” (ARRUPE apud KOLVENBACH, 1993, p. 103).

Todas as instâncias da Companhia de Jesus iniciaram o processo de reestruturação e encaminharam os pedidos e orientações feitos pela Congregação Geral XXXII (órgão deliberativo máximo da Ordem), que redefiniu os rumos da missão universal dos jesuítas: “o serviço da fé e a promoção da justiça”. O apostolado educacional colocou-se a serviço e publicou as *Características da educação da Companhia de Jesus*, que definem os elementos próprios da educação na Companhia, a partir da visão e experiência de Inácio de Loyola, dos *Exercícios espirituais*, das *Constituições* e de toda tradição pedagógica, que é secular. O objetivo desse documento, além de alinhar o apostolado educativo às novas exigências, deu um sentido de identidade e unidade às instituições educativas da Companhia. Sua publicação, para os jesuítas, foi celebrada ao comparar-se, de algum modo, ao lançamento do *Ratio*.

No ano de 1993, surgiu um novo documento, intitulado *Pedagogia inaciana. Uma proposta prática*, como instrumento para aplicação do documento anterior. Ele visa a sala de aula mediante uma prática pedagógica inspirada nos *Exercícios inacianos* e afirma que “[...] a pedagogia inaciana inspira-se na fé. Todavia, mesmo aqueles que não compartilham esta fé podem descobrir neste documento expectativas válidas, já que a pedagogia que se inspira em Santo Inácio é profundamente humana e, por conseguinte, universal” (PEDAGOGIA INACIANA, 2009, p. 18). É nesse contexto de abertura e diálogo com o diferente, expressos na cultura, na sociedade e na religião, entre outros, que a pedagogia inaciana insere seus valores e princípios.

Esses dois documentos foram colocados em prática com as devidas adaptações a tempo, lugar e pessoas. O que se seguiu foi um constante esforço para atualizá-los em vista de uma prática local. Todo o documento não teria sentido se não oferecesse essa possibilidade e garantisse a emancipação da prática, dentro de um projeto mais amplo, que é formar novas gerações.

1.3 PROBLEMA

A proposta da pedagogia inaciana é formar homens e mulheres responsáveis com e para os demais, comprometidos com o contexto em que vivem, desenvolvendo todo o seu potencial nas diversas dimensões da vida e formando líderes comprometidos com os valores cristãos. No horizonte de uma educação profundamente arraigada de humanismo, torna-se necessária a estreita vinculação com uma pedagogia para o ensino de valores. Pensando nisso, em seus documentos recentes, a educação inaciana elaborou diretrizes que aperfeiçoam o modo de se fazer presente na formação de seus educadores. Segundo o documento *Projeto educativo comum da Companhia de Jesus*, “[...] os responsáveis pelas instituições assegurem a formação dos recursos humanos, com diversos modos e meios, para aperfeiçoar suas competências e para que se familiarizem e comprometam com a espiritualidade e pedagogia inacianas” (PEC, 2005, p. 15).

Para alcançar tais objetivos, a pedagogia inaciana estabelece práticas que asseguram a formação daqueles que, de certo modo, são os primeiros agentes que garantirão a eficácia de seu paradigma: os professores. É preciso pensar na humanização dos professores como garantia de que seja, de fato, derivada de um processo maduro e permanente. Sabendo-se que o professor traz consigo saberes adquiridos em sua história de vida, cabe aos responsáveis diretos da instituição de ensino considerar essa formação, dando sentido e complemento a ela, segundo o paradigma norteador de seu fazer educativo. Esse paradigma, apoiado por teorias que o ajudem a compreender o professor como um todo, oferecerá condições ainda mais atuais e pertinentes para se pensar o professor humano e dotado de conhecimento. Nesse sentido, trazemos para a discussão a questão-problema: **como os professores se apropriam dos princípios da educação inaciana e os vivenciam no cotidiano escolar?**

O princípio epistemológico da questão que norteia essa pesquisa pode ser encontrado na concepção de ser humano, elaborada por Inácio de Loyola. Para ele, o princípio e o fim do ser humano é Deus. A relação amorosa entre o Criador e sua criatura é mediada pelo Filho, Verbo Encarnado, Jesus Cristo, que oferece a cada ser humano um encontro com Ele. O humano forma-se no encontro com a humanidade de Jesus, que mostra a vontade do Pai para aquele que se deixar guiar pelo seu Espírito. Acontece que Inácio não sistematizou ou criou uma corrente antropológica, mas é em sua experiência espiritual que se deixa ver toda uma experiência antropológica.

A experiência espiritual de Inácio está toda exposta no livro *Exercícios espirituais*, do qual emana todo o método inaciano de educar. É possível constatar, assim, que toda atividade

que se define como inaciana é cristã, pois a centralidade de todo itinerário espiritual está na pessoa de Jesus Cristo. Mesmo dividido por uma distância temporal, uma comparação ajuda a compreender o esforço inaciano de “salvar almas”. Hoje, vivemos no coração de um mundo sacudido por grandes metamorfoses resultantes de um cenário de muitas informações e de pouco pensamento. Se nos é permitido usar de uma porcentagem de crítica a vários meios aos quais o ser humano faz parte, identificaremos condições de desordem e frustrações existenciais. Também o contexto em que viveu Inácio era sacudido por ideologias filosóficas e religiosas que o instigaram a aprofundar a experiência do humanismo da Renascença do século XVI, principalmente na prática em Paris.

São dois períodos separados por cinco séculos e que ainda convidam a pesquisar as raízes das buscas internas do ser humano. No caso em questão, deparamo-nos com uma antropologia cristã e ética. Dessa maneira, é importante ter presente que a originalidade da pedagogia inaciana reside na forma como os elementos que fizeram parte da formação pessoal de Inácio integram-se a partir de um espírito e finalidade específicos de um método pedagógico. Com esse enfoque, podemos dizer que o *Ratio* é a construção de um projeto educativo novo, profundamente humanista, inspirado na concepção de mundo, de ser humano e de Deus, que brota fundamentalmente do coração de Inácio. A partir dessas considerações, que não são as únicas, vemos a finalidade da educação assumida pelos jesuítas de diferentes lugares e tempos ficar notória: nela está a consigna de Inácio que o movia, a saber, Para a maior Glória de Deus.

1.4 HIPÓTESE

O processo formativo atual de professores que a pedagogia inaciana oferece tem uma respeitada herança que remonta a séculos de experiência em todas as partes do mundo. Essa realidade permite ter uma visão de contexto e de ser humano para possibilitar a elaboração de metas que delineiam a atividade de ensino e aprendizagem. O método inaciano, arraigado na vida espiritual de Santo Inácio de Loyola, quer unir conhecimento e virtude no desejo de se constituir como um referencial teórico-prático para ajudar a toda comunidade educativa a desempenhar sua função. O referido método dialoga com diversas ciências no sentido de possibilitar novos processos que discutam seus fundamentos e avancem em iniciativas que permitam transformar o contexto e a humanidade.

1.5 OBJETIVO GERAL

Analisar o modelo de formação de professores que a pedagogia inaciana adota e oferece, a partir de uma experiência local, para colocar em prática o método pedagógico que tem por característica principal a promoção do ser humano na busca constante de formar com excelência humana e acadêmica.

1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever, a partir de recorte histórico, o trabalho educacional da Companhia de Jesus.

Pesquisar os fundamentos epistemológicos do saber jesuítico para a formação humana e sua articulação com o processo formativo contínuo de professores.

Analisar o modelo de formação continuada para professores ingressantes, proposto por uma escola jesuíta.

Articular o referencial teórico da formação de professores atual ao conceito de humano na pedagogia inaciana.

1.7 METODOLOGIA DE ESTUDO

Ao refletir sobre as condições necessárias à formação do professor para que desenvolva, via conhecimento, a cultura da humanização mediada pela pedagogia inaciana, é necessário aprofundar as teorias que darão a visão epistemológica da pesquisa.

A formação de professores, sob o olhar da proposta inaciana de ensino, busca por referenciais formativos coerentes frente aos desafios hoje impostos. Conforme o documento *Pedagogia inaciana. Uma proposta prática* (1993), “[...] a pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida à mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar”. Assim, faz-se importante a comunidade educativa estar atenta às mudanças e promover o ambiente propício à formação integral, de modo particular do professor. Tendo primordialmente como pressuposto o ser humano que revela Deus, a

[...] educação jesuíta, portanto, investiga a significação da vida humana e se preocupa com a formação integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus. O objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 24).

Pelos princípios orientadores da educação jesuítica, tal proposta envolve a todos os sujeitos pertencentes aos centros educativos da Companhia de Jesus. Faz-se necessário, portanto, estar atento à realidade desafiadora, oferecendo condições para respostas satisfatórias às inquietações e aos problemas cotidianos que envolvem o fazer educativo.

No intuito de se criar um espaço humanizador dentro de uma escola de inspiração jesuítica, faz-se necessário pensá-la como comunidade educativa. Nessa definição, todos os agentes são responsáveis por uma educação definidamente humana e conscientizada. Klein (1997) é consoante quando levanta várias discussões pertinentes no que se refere à formação em valores. Para chegar a esse ponto, percorre momentos essenciais de transformação da pedagogia inaciana e insere a relação com a pessoa do outro como um dos elementos fundamentais do fazer pedagógico inaciano. Não se trata de algo simplesmente idealizado, mas baseado em pressupostos pelos quais tal pedagogia está intimamente ligada. Dessa forma, vemos que “[...] os valores primordialmente pretendidos pela educação jesuítica são os valores que reafirmam a dimensão religiosa do ser humano” (KLEIN, 1997, p. 108).

Para esse autor, as diretrizes da pedagogia inaciana têm um caráter de ousadia em suas metas e precisão em suas estratégias: um método pedagógico que tem em sua raiz epistemológica a justiça nas relações como orientação central; a formação dos estudantes para que sejam solidários, a partir do contexto social que gera desigualdade; a contínua motivação para que o processo de aprendizagem seja em constante parceria entre professores e alunos. Essa visão expressa o ideal inaciano de ser motivação de constante renovação da prática docente. Entende-se ainda que para alcançar tais objetivos, é preciso que todos responsabilizem-se por essa forma de educar que carrega as marcas dos valores cristãos e humanos de seu idealizador.

A pedagogia inaciana, em sua origem, processos históricos, fundamentos e renovação, será analisada ainda a partir de documentos próprios e em um vasto estudo de técnicos conhecedores dela. Nesse sentido, Franca (1952) será de grande importância, por se tratar do único autor que traduziu o *Rato Studiorum* para a língua portuguesa. Existem ainda anais de vários congressos realizados no período pós-renovação das diretrizes pedagógicas. Tais congressos estimularam o avanço para colocar em prática os meios necessários para uma renovação efetiva. Outra fonte, no caso primária, é o conjunto dos pronunciamentos dos três últimos superiores gerais da Ordem. Esses homens são conhecedores da realidade ao redor do mundo pelo relato daqueles que trabalham em contextos mais diversos: educadores, estudiosos da doutrina na Igreja Católica, estudiosos em temas de sociologia, de cultura.

Pela importância de se considerar o contexto vivido pelos educadores em meio ao processo educativo, será utilizado Freire (2011) como referencial teórico para fundamentar o conceito de emancipação do ser humano. O autor oferece aos professores importantes pontos de referência diante de quem ele ensina. Seu empenho foi de, a partir de uma educação que constrói, que liberta o ser humano daquilo que lhe é determinado, fazer florescer um indivíduo capaz de pensar e agir no seu meio. A autonomia dá-se no momento em que o indivíduo tem consciência e é capaz de refletir sobre o meio em que vive.

Freire parte de uma ideia de que ensinar é interferir na realidade do humano uma vez que este é um ser condicionado. Essa é a razão pela qual não deixa de evocar uma ética pelo respeito à liberdade ao ensinar. Dentro dessas possibilidades, respeitando a autonomia do educando, o professor testemunha que vive a sua autonomia e interfere no outro com conhecimento adquirido na experiência. Tal saber é definido como humanizador, ético e respeitoso à dignidade humana, uma vez que “[...] o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitada ajudam a evitar a degradação humana e o discurso fatalista da globalização” (FREIRE, 2011, p. 13).

Além do estudo sobre os documentos da pedagogia inaciana e dos autores acima citados, essa análise será composta também pela pesquisa feita em um colégio da Companhia de Jesus, sob uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando como procedimentos a análise bibliográfica, entrevistas e observação participante. A concepção dialética de método, em suas categorias de historicidade, criticidade, reflexividade, contradição e transformação, impõe-se como via metodológica capaz de conduzir os passos dessa reflexão.

A presente pesquisa também objetiva dialogar com as ideias de diferentes pensadores que, a partir da educação, estabelecem referenciais de análise que nos permitem dialogar com o contexto atual, suas transformações e consequências frente aos processos formativos de professores.

1.8 ESTADO DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA INACIANA

Na década de 1990, dois notáveis livros aparecem como grande contribuição para pesquisadores da pedagogia inaciana. Egídio Schmitz (1994) procura delinear em sua obra a filosofia presente no método de ensino dos jesuítas. Traz à discussão elementos que são característicos desse método, mesmo que não sejam evidentes em todos os documentos. Fundamentado nos princípios da educação inaciana, o autor mostra que o que subjaz a toda

experiência em educação é a experiência espiritual de Santo Inácio. Essa caracteriza-se como um diferencial: para conhecer e colocar em prática o modo de educar dos jesuítas é preciso conhecer os *Exercícios espirituais* vividos e elaborados por Inácio. Para o autor, não é de se estranhar que o que Inácio entendia por educação era um conceito de desenvolvimento do humano de modo completo, harmônico e com princípios cristãos.

Para Luiz Fernando Klein (1997), a Companhia de Jesus apresentou um processo de renovação em seu método de ensino, que remonta ao *Ratio Studiorum* como início oficial de todo trabalho de sistematização da teoria e prática, até chegar aos novos princípios denominados pedagogia inaciana. Salienta o período desde a fundação dos primeiros colégios em 1542, analisando seu progresso e adentrando na busca pela recuperação da tradição pedagógica no momento em que a Ordem esteve em processo de restauração a partir do ano de 1814.

A atualidade do método inaciano é tratada por Klein com base nos últimos documentos elaborados pela Ordem e por pronunciamentos de Superiores Gerais desde o pós-Concílio Vaticano II. Conhecida como Congregação Geral, órgão máximo dos Jesuítas, tais assembleias ajudaram os colégios a perceber a necessidade de se encontrar um modo específico de responder aos apelos mais latentes da realidade vivida por tantos povos espalhados em tantas partes do mundo. Definiu-se, então, pelo resgate do humanismo social cristão como objeto de estudo e promoção nas instituições e no ensino, que recebeu apoio de outros setores de promoção humana atendidos pela mesma Ordem.

No ano de 2000, por ocasião das celebrações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, Laércio Dias de Moura apresenta uma obra que traz um expressivo levantamento sobre a participação e contribuição da Igreja Católica na educação no Brasil. São elementos que visam mostrar o modo como a Igreja se fez presente pela educação desde o princípio, com a chegada dos primeiros missionários europeus, a evolução desse sistema, de seus problemas e de suas perspectivas. Segundo Moura, foi preciso privilegiar alguns períodos, principalmente no início da atividade, para poder apresentar um trabalho mais coerente com a proposta estabelecida. É assim que se insere a pedagogia inaciana: presente em momentos importantes na formação do Brasil e determinando o rumo de futuras frentes da educação. Além disso, mostra-se indispensável para o estudo da presença dos jesuítas num contexto local.

Como mencionado acima, outra fonte de pesquisa sobre a presença e prática da pedagogia inaciana em diversos contextos são os pronunciamentos e alocuções dos Superiores Gerais da Companhia de Jesus.

Para estabelecer uma linha de raciocínio e compreensão naquilo que podemos conhecer sobre o método inaciano de educação, faz-se necessário conhecer aquilo que já foi pesquisado e analisado, a partir do levantamento em teses e dissertações. Um ponto característico entre elas, naquelas que selecionei para análise, é o interesse pela categoria histórico-crítica da prática jesuítica na educação. Os dados encontrados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) demonstram que houve crescente produção sobre a temática. Utilizando o portal da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), no espaço de biblioteca virtual, também foi possível constatar a presença de pesquisas relacionadas à prática da pedagogia inaciana.

Na dissertação de mestrado de Domingos (1991), o autor utiliza como objeto de estudo e interesse a disciplina em suas distintas formas e fundamenta sua pesquisa no *Ratio Studiorum* como um dos modelos de imposição de disciplina. Em 2007, Rodrigues apresenta sua dissertação com o objetivo de analisar a prática do jesuíta José de Anchieta como fundamento para a gênese da educação brasileira. Tendo a observação de Anchieta como fonte de pesquisa, a autora versa sobre a influência jesuítica nos primórdios da formação social do Brasil. Toda produção do primeiro jesuíta dedicado à educação em terras brasileiras, ou seja, cartas, poesias, teatro e registros dos aldeamentos, são analisados após a definição clássica de educação.

Ainda em 2007, Skalinski destaca em sua dissertação, partindo do contexto europeu de vivenciar o surgimento da modernidade no século XV, o humanismo renascentista que colaborou para o surgimento do sujeito moderno. O autor analisa a estrutura dos *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola, para chegar ao *Ratio Studiorum*, o que determina a compreensão do diálogo entre mística e educação. Dessas linhas mestras é que o mundo testemunha uma nova modalidade de relação do homem com o trabalho. Observa-se o surgimento de uma espiritualidade do e no trabalho cujo esforço pessoal pode determinar o sucesso de objetivos previamente estabelecidos.

Di Piero (2008) pesquisa em seu mestrado as possíveis conexões entre o desenvolvimento da ciência e a educação preconizada pela Companhia de Jesus nos séculos XVI e XVII. Para isso, a autora faz revisão de literatura e leitura de documentos próprios da Companhia, em especial o *Ratio Studiorum*. Tal recorte temporal não permite pensar a atividade científica vinculada aos trabalhos de religiosos católicos. O estudo permite pensar que não há incompatibilidade entre ser jesuíta, ser educador e ser cientista. Fundamentando sua pesquisa em jesuítas que se dedicaram ao estudo científico, a pesquisa considera-os como fundadores de novas metodologias na ciência, bem como aqueles que introduziram o

aprendizado científico no ambiente escolar. A dissertação destaca ainda que os jesuítas, frente às novas realidades, eram flexíveis e abertos a inovações.

Em 2009, podemos destacar a dissertação de Cantos. A autora faz sua pesquisa abordando a história da educação, com especial atenção à prática educacional assumida pelos jesuítas. A Ordem religiosa católica fundada por Inácio de Loyola sempre conciliou suas atividades educacionais com a catequização. Para investigar o aspecto educacional dos jesuítas, a autora realizou estudo sobre os colégios jesuíticos, local por excelência da prática pedagógica. A investigação contemplou, além da história da fundação da Ordem, as normas que regiam, e ainda regem, toda prática educacional. Destacou-se o *Ratio Studiorum* como método pedagógico aplicado pelos jesuítas no interior de seus colégios.

Em 2010, destaca-se a dissertação de mestrado de Guidini. Esse autor analisa as possibilidades teórico-práticas dos princípios educativos da educação inaciana e da teoria da complexidade na prática pedagógica de professores da educação básica. A partir da trajetória de vida dos professores, a pesquisa desenvolvida quer refletir sobre a prática pedagógica. A pesquisa fundamentou-se nos elementos teóricos da educação inaciana e na teoria da complexidade, categorias bastante difundidas no colégio jesuítico no qual se realizou a pesquisa de campo. O paradigma emergente, segundo a visão do autor, pode dialogar com a educação inaciana e contribuir para verificar se a *práxis* dos professores inacianos está de acordo com os princípios adotados pela instituição.

Fonseca (2011) pesquisa, em seu mestrado, a crise e tensão pela qual vive a educação. A pesquisa apresenta como origem e explicação de tal fenômeno a coexistência, no ambiente escolar, de dois paradigmas, opostos e divergentes: o da unidade e o da multiplicidade. Estes possuem características próprias e forjadas em ambientes culturais bem distintos. Para analisar os dois paradigmas, foi utilizado o método dialético como ferramenta. Partiu-se da compreensão antropológica de ser humano como constituído de desejo e busca, ao mesmo tempo de unidade e multiplicidade. A pesquisa apresenta ainda como a pedagogia inaciana procede diante de cenários como os descritos acima: como enfrenta, encaminha e supera as tensões e as crises, próprias da educação escolar.

A temática da humanização do professor por meio dos princípios fundamentais da pedagogia inaciana, nos espaços virtuais pesquisados, não apresentou resultados. Essa realidade torna-se um desafio e uma oportunidade para fazer a presente pesquisa enveredar por caminhos pouco ou nunca explorados. A epistemologia da pedagogia pesquisada possibilita-nos avançar em busca de referenciais que nos permitem associar os valores cristãos presentes na prática inaciana com autores que ao longo dos tempos foram de grande suporte

para que os colégios jesuíticos continuassem a oferecer excelência acadêmica e humana eficaz à promoção do ser humano que sempre se pretendeu formar.

2 ORIGENS DA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL: VISÃO DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA

Nesse capítulo, propomo-nos a pesquisar sobre o início das atividades da Companhia de Jesus no campo da educação e da fundação dos colégios na Europa e em algumas de suas colônias. Para nortear tal pesquisa, uma pergunta faz-se pertinente: por que uma Ordem Religiosa que foi fundada para ser missionária iniciou seus trabalhos apostólicos em colégios?

No dia 15 de agosto de 1534, sete companheiros universitários sobem a uma colina em Montmatre para, em uma pequena capela de Saint-Denis, perto de Paris, apresentarem ao Senhor o resultado de suas longas e difíceis decisões. Diz-se desse fato ocorrido com Inácio de Loyola e seus amigos de Universidade, que tenham, mesmo sem saber, fundado uma nova Ordem religiosa católica: a Companhia de Jesus. Estiveram ali porque queriam peregrinar à Terra Santa no desejo de colocar-se a serviço de Deus e de seu Reino. Também estavam de acordo que, não podendo viajar a Jerusalém, iriam colocar-se a serviço do Vigário de Cristo, o Papa.

A viagem a Jerusalém não se confirmou e, conscientes daquilo que haviam proposto, apresentaram-se ao Pontífice Paulo III para que pudessem ser enviados para ajudar as almas, onde quer que fosse. Certamente o desejo do serviço ao Reino era a maior motivação a esses primeiros companheiros. Não havia ainda um plano de missão, não existia uma tarefa específica a ser cumprida. Nem mesmo sabiam se haveria outros descaminhos, como não irem a Jerusalém. Havia corações obstinados a algo *Magis* – proveniente do latim, que quer dizer o mais, o maior, o melhor no sentido qualitativo (FERREIRA, 1999, p. 698) –, impregnando as características do caminho que se abria. Sabiam que os levavam a Deus, para o serviço a Ele e ao próximo sempre mais completo, para o bem sempre mais universal.

Se a incerteza do futuro rondava os desejos idealizados, os limites e obstáculos não foram motivações para desânimo ou mudança de objetivo. O desafio constituiu-se numa nova oportunidade para deixar Deus falar-lhes. Nasce a necessidade de estarem sempre atentos para aproveitar as oportunidades que vão surgindo e dentre elas discernir, escolher aquela que mais colabora com aquilo que desejam.

Ao contrário do que se possa pensar, quando analisamos uma Ordem Religiosa católica do início do século XVI, a Companhia de Jesus, na pessoa de Inácio de Loyola (1491-1556), sempre manteve seu olhar numa perspectiva do *Magis* e do melhor. Para levar a cabo o que iniciara com outros companheiros, Inácio percebe que é preciso uma sólida formação intelectual, principalmente, mas não somente. Ao mesmo tempo, sabia que não

podia contar com tal formação intelectual daqueles que se dispusessem a fazer parte do grupo de missionários. Decide, então, acolher jovens de comprovado talento para que morassem em suas residências, de forma que, de perto, pudesse acompanhá-los em seus estudos. Tais estudos eram feitos em universidades públicas, mas não demorou para que fossem oferecidas aulas também nessas residências aos jovens candidatos à Ordem.

Na origem da Companhia de Jesus não se encontram traços da intenção de que seja ou de que esta venha a ser uma Ordem educadora. Antes, identifica-se nela um desejo de entrega absoluta a Deus por meio do serviço a sua Igreja. Essa visão missionária fundamental deveria estar alicerçada sobre uma forte identificação com aquilo que se haveria de testemunhar: o amor a Jesus Cristo e a sua ação evangelizadora. Essa deveria ser a primeira motivação daquele que desejasse fazer parte do grupo iniciado por Inácio de Loyola e nesse objetivo deveria entregar toda a sua vida. Ser missionário ainda deveria obedecer a alguns critérios particulares da nascente Ordem: ser enviado em missão pelo Vigário de Cristo na terra, a saber, o Sumo Pontífice; sustentar-se apenas de esmolas e sem lugar permanente de residência.

As características apresentadas já nos permitem compreender o motivo da ausência da inspiração educacional no início da Ordem. Elas nos apontam para a mobilidade em decorrência da necessidade de estar pronto para ser enviado em missão. O apostolado no campo educacional exigiria morada fixa e dispensa de trabalhos que caracterizassem mudança de lugar, o que não condiz com a inspiração do fundador e as normas que regem a Ordem em seu início. Podemos conferir o propósito de Inácio no livro das *Constituições da Companhia de Jesus* (2004, p. 29), em referência à instituição da mesma Companhia

Foi instituída principalmente para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da Palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade, e nomeadamente pela formação cristã das crianças e dos rudes, bem como por meio de Confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis cristãos.

Ao considerar que o exposto acima é teoricamente um ministério sacerdotal, percebemos Inácio não permitindo que este fosse realizado por quem não estivesse suficientemente bem formado para tal serviço. Tal formação estava relacionada à dimensão espiritual e intelectual. Como então realizar o melhor serviço dispondo de homens bem formados? Com a autorização do Papa Paulo III, os primeiros jesuítas fundaram, em 1540, em Paris, o primeiro colégio destinado a jovens interessados em aperfeiçoar sua formação intelectual com formação religiosa. No entanto, não se podem definir tais colégios como uma

instituição dedicada ao ensino propriamente dito, pois era de cunho pastoral e não decididamente educativo.

Dois fatos contribuíram, de forma mais expressiva, para a instituição de colégios destinados a jovens externos, ou para aqueles que não tinham interesse em iniciar sua formação para se tornar jesuítas: serviria de instrumento para a instrução cristã e uma necessidade de contexto. As experiências anteriores dos jesuítas com a educação dos internos logo chegaram ao conhecimento de reis interessados em ter em seus domínios a mesma formação para os seus súditos. Dessa forma, temos a abertura do primeiro colégio na cidade de Messina, Itália, nos moldes de uma instituição destinada ao ensino. Em agosto de 1548, a pedido do Vice-Rei e da cidade de Messina, Santo Inácio aceitou e abriu nessa cidade o primeiro colégio clássico da Companhia, plenamente organizado (FRANCA, 1952, p. 7).

A experiência desse colégio irá contagiar e animar novas frentes e confirmar a intuição de Santo Inácio sobre o que poderiam fazer pelo Reino de Deus enquanto educavam. Franca salienta ainda que

Em dezembro de 1548 o padre Nadal escrevia a Inácio que se tornara necessário abrir mais uma aula de gramática porque os alunos passavam de 180. No ano seguinte já eram 214, sem contar os dos cursos superiores de nível universitário. Num relatório enviado a Roma, forçando-se talvez o otimismo, dizia-se haverem pais averiguado que os seus filhos, em pouco meses do novo colégio, tinham aprendido mais que antes, em vários anos. (FRANCA, 1952, p. 9).

Nota-se um crescente entusiasmo dos primeiros educadores jesuítas ao constatarem os resultados de seus esforços e é dessa experiência pioneira que já em 1551 encontra-se redigido o plano de estudos que servirá de inspiração para os outros colégios que serão fundados em outras cidades. É o caso do Colégio de Palermo que, em 1549, adota o método de Messina, fazendo algumas modificações, dado a prática anterior.

Faltava ainda um colégio na cidade centro da cristandade: Roma. Santo Inácio percebeu a importância de se ter nessa cidade um grande colégio que servisse de modelo e centro para os demais espalhados por todas as partes do mundo. Na concepção de Santo Inácio, seria fundamental poder colaborar com os que ali residiam, mas também estar presente nos lugares nos quais autoridades, como príncipes e bispos, com certa frequência costumavam visitar. Outro objetivo desse colégio seria formar os futuros professores da Ordem que seriam instruídos nos melhores métodos e pô-los em contato com os educadores mais expressivos da época. Para tal finalidade, também foram escolhidos os melhores mestres no ofício de educar. Para isso, "o corpo docente, para preencher as finalidades que tinha Inácio em vista, era muito escolhido e, sem exclusivismo de nacionalidades, recrutado nas diferentes nações com o

critério único da competência e eficiência” (FRANCA, 1952, p. 11). Esse colégio era conhecido como Colégio Romano. Atualmente, suas dependências abrigam a Universidade Gregoriana, ainda pertencente à Companhia de Jesus, na mesma cidade.

Dessa forma, podemos perceber que a atividade educacional ganhou grande espaço na atividade missionária da Ordem. Não demorou e países como França, Espanha e Portugal logo teriam em seus territórios a mesma atividade. A esses países incluem-se as respectivas colônias já espalhadas em vários continentes. Desses fatos podemos mencionar que, em 1549, chegam, ao recém-descoberto Brasil, quatro jesuítas que iriam dedicar-se primordialmente à catequese. No entanto, ao trabalho de cristianização do novo mundo, logo agrega-se o ofício de educar. Esse tópico será mais bem explicitado em referências posteriores.

2.1 A PARTE IV DAS CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS

O processo de fundação de colégios como parte da perspectiva missionária da Companhia de Jesus foi acolhida por Inácio de Loyola como um instrumento de evangelização. Se desde o início ficou comprovado que era possível a educação ser meio para a defesa e a propagação da vida e doutrina cristãs, ela também seria um meio de aceitação dos jesuítas em outros países. Concomitante à aceitação e o progresso dos colégios, não demoraram a surgir alguns imprevistos de ordem disciplinar e acadêmica. Não tardou que chegassem a Inácio de Loyola pedidos de sistematização e catalogação de normas que viriam auxiliar e expressar melhor o fim do apostolado educacional da ordem. Esses fatos deram origem à Parte IV nas Constituições da Companhia de Jesus.

Com o título de *Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia*, o texto destina-se aos jesuítas com a finalidade de ajudá-los a melhor exercer o trabalho docente. Inácio de Loyola recapitula as experiências vividas na prática dos colégios já em funcionamento no intuito de firmar ali os princípios-chaves da educação para a Companhia. Como podemos notar, não se trata de um código completo e sistematizado de pedagogia como pediam os companheiros que já atuavam nos colégios, mas, antes, é expressão de suas observações e reflexões advindas das práticas de alguns jesuítas no apostolado da educação. Na visão de Labrador, na Parte IV, “[...] encontramos claras orientações educativas, às vezes assinalando uma atitude psicológica, ascética e humana, outras enfatizando pormenores específicos de eficiência e metodologia prática entre professor e aluno” (LABRADOR, 1992, p. 23).

Essa perspectiva de analisar Inácio de Loyola apresentando a toda Companhia um documento que seria basilar para a atuação no meio educacional deve estar acompanhada do propósito inicial da Companhia, que não era objetivo do fundador esse campo missionário. Torna-se pertinente associar a Parte IV no todo das Constituições levando em consideração o ideal de Inácio de melhor servir a Jesus Cristo e ao Reino que anunciou. Certamente Inácio teve o cuidado de, ao elaborar um plano de atuação nos colégios, fazê-lo contemplando as peculiaridades de cada contexto. Por essa razão, não encontramos nesses escritos recomendações alheias ao processo de inserção da comunidade humana nos acontecimentos da época. No bojo das mudanças vividas pela sociedade europeia, iniciava-se uma perspectiva de que era necessário deixar que cada contexto expressasse suas particularidades para então os jesuítas atuarem com certeza de estar fazendo o melhor.

É no proêmio da Parte IV que encontramos as respostas fundamentais sobre o que vem a ser o trabalho dos jesuítas no campo da educação. Como já dissemos, não encontramos em Inácio um pedagogo com ideia formada e linhas de atuação previamente definidas e que pudessem auxiliar no seu apostolado. O que encontramos no texto legislador são orientações e concepções advindas de sua experiência pessoal e que estão intimamente vinculadas ao método espiritual. Dessa maneira, lemos que:

O fim que a Companhia tem diretamente em vista é ajudar as almas próprias e as do próximo a atingir o fim último para o qual foram criadas. Este fim exige uma vida exemplar, doutrina necessária, e maneira de a apresentar. [...] Para isso funda colégios e também algumas universidades, onde os que deram boa conta de si nas casas e foram recebidos sem os conhecimentos doutrinários necessários possam instruir-se neles e nos outros meios de ajudar almas. (CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS, 2004, p. 115).

A expressão “ajudar as almas”, presente no texto, já nos indica a influência da espiritualidade de Inácio de Loyola. Essa característica fundamental em todo trabalho apostólico da Ordem será determinante nas instruções gerais que se encontram em todo corpo das Constituições. Falávamos acima que a fundação de colégios ou universidades não estava nos propósitos iniciais de Inácio. Mas, atento aos sinais que se apresentavam diante dele e dos demais companheiros, compreenderam que ajudar as almas exigia, acima de tudo, estar onde “as almas estivessem”, ou seja, logo vislumbraram, na necessidade do contexto, a oportunidade de se fazerem presentes aos jovens, oferecendo a eles sólida formação intelectual e humana.

Após o proêmio da Parte IV, o texto segue numa perspectiva normatizadora

Servindo-se das primeiras experiências pedagógicas dos seus companheiros e dos estatutos de outras universidades europeias, que mandava recolher. [...] Expressava os princípios pedagógicos jesuíticos, de modo ainda geral, com a promessa de ser completado por um documento posterior. (KLEIN, 1997, p. 29).

Servindo-se dos melhores modelos de métodos pedagógicos que conhecia, Inácio de Loyola faz chegar aos seus companheiros o princípio de adaptação a pessoas e lugares. Certamente Inácio sabia que aquilo que escrevesse teria grande importância para toda a Companhia, em todos os lugares do mundo. Adaptar-se às circunstâncias locais foi uma maneira de fazer chegar à especificidade da Companhia, no tocante à educação, e garantir a unidade dos trabalhos realizados, podendo-se, em todas as experiências, colher algo que completasse o trabalho de outros, em outras regiões. A presença de novas ideias pedagógicas em alguns lugares poderia não ser bem recebida, caso tais ideias não levassem em conta as particularidades locais.

O princípio de adaptação pode ser observado na Parte IV. Isso não significa que as normas não sejam precisas em relação ao objetivo formal da educação. Era conveniente considerar o contexto e a realidade dos alunos. Inácio de Loyola sabia que cada aluno tem o seu próprio processo de aprendizagem. Com isso, esclarece que “Dizemos somente que esse trabalho deve adaptar-se aos lugares, aos tempos e às pessoas, embora seja para desejar, quanto possível, que se chegue a uma ordem comum” (Constituições da Companhia de Jesus, p. 141). O cuidado em valorizar cada realidade servirá de inspiração para o recolhimento de diversas práticas ao redor de tantos lugares em que a Companhia já se faz presente. Será essa a motivação que dará início à compilação de todo trabalho realizado e que originará o que mais tarde será o *Ratio Studiorum*. Esse será, durante muitos anos, o documento norteador de todo trabalho apostólico educacional dos jesuítas.

Sem dúvida, a Parte IV das Constituições revela o núcleo espiritual e pedagógico que sustenta a regulamentação educativa de todas as instituições jesuíticas de ensino. A atenção dada por Inácio de Loyola a esse apostolado, no que se refere à leitura de contexto e sua visão de futuro, incentivando jesuítas a formarem-se para o desígnio de educador, revela preocupação tanto com o futuro da Companhia quanto com o futuro da formação da sociedade. Será objeto de estudo posterior, mas aqui cabe salientar que a Europa do século XVI está toda ela vivendo ao contagiante nascimento da modernidade. Esse fato mudará radicalmente o curso da humanidade e desafiará um novo sentido de vida, colocando à prova todo ensinamento da Igreja em relação ao homem, ao mundo e a Deus.

2.2 *MODUS PARISIENSIS*

Inácio de Loyola chegou a Paris em 1528, depois de algumas experiências nas universidades de Alcalá e Salamanca (Espanha). Mais tarde teve a oportunidade de conhecer também o funcionamento das universidades italianas. Durante o tempo que passou estudando em Paris, obteve contato detalhado com o sistema utilizado ali e presenciava o que o centro mais brilhante de cultura da Europa oferecia. Dessa maneira, é possível conferir que tendo ele adquirido experiência nas distintas universidades, pôde escolher dentre elas o modo que melhor ajudaria a firmar seu futuro no apostolado educacional. Assim, o *Modus Parisiensis* ou método da universidade de Paris foi escolhido por Inácio de Loyola e por seus companheiros.

O *Modus Parisiensis* chega até os colégios da Companhia com uma defesa pessoal de Inácio de Loyola. Um ponto que vale ressaltar é que uma vez confirmado o interesse pelo método de Paris e a certeza de que este seria de melhor auxílio, Inácio não se deixa duvidar e insiste que este permaneça. Inácio considerava o método eficaz e nesse sentido tinha clareza de que não podia esmorecer diante dos questionamentos por parte de alguns jesuítas. Para Franca, “[...] esta preferência era baseada na convicção enraizada da superioridade dos métodos parisienses sobre os demais. A seu ver, não havia outro mais eficiente para levar ao conhecimento rápido e perfeito da língua latina” (FRANCA, 1952, p. 30). Deliberava-se, assim, o futuro da inspiração jesuítica para os colégios e universidades que se quisesse fundar.

Esse método forma um conjunto de normas pedagógicas próprias do ensino parisiense e caracteriza-se fundamentalmente por sua originalidade. Essas normas conjugavam coerência, rigor, eficácia, valorizavam a ordem, a rapidez e a disciplina da aprendizagem. De posse desse modelo, faltava aplicá-lo da melhor forma possível. Era preciso transpor o método da Universidade de Paris para que adquirisse o espírito próprio da Companhia. Esse trabalho só pôde ser realizado a partir das experiências que foram chegando até Inácio e este se encarregou, enquanto pôde, de estruturar o plano de estudos que estava ainda longe de ganhar forma definitiva.

Para compreendermos melhor o que levou Inácio de Loyola a adotar o método parisiense, recorreremos a Codina (2001), que explicita com precisão as características que o compõem:

- * Boa ordem nos estudos, dispostos em forma sistemática e progressiva.
- * Separação e gradação nos estudos das matérias.
- * Fixação de prazos e provas para o vencimento de cada curso.

* Insistência na necessidade de se ter um bom fundamento antes de se passar ao curso posterior.

* Divisão de alunos em classes, de acordo com seus níveis de conhecimento.

* Atividade constante dos alunos por meio de exercícios escolares.

* Recurso a competições.

* Disciplinas e regras da vida escolar.

* Estudo das artes liberais com conteúdo humanista renascentista de inspiração cristã.

* Insistência em conjugar virtudes e letras.

Ao analisar essas características do método parisiense, compete-nos recordar que Inácio de Loyola e os primeiros companheiros jesuítas graduaram-se na mesma universidade e, por isso, a opção e defesa desse método como inspirador do método jesuítico. É importante perceber que o que torna a pedagogia dos jesuítas original não se pode encontrar nos elementos inspirados no método parisiense. Antes, é a forma como tais elementos integram-se a partir de uma finalidade e um espírito específico, revelando, assim, o modo como a Companhia compreende seu apostolado nos colégios. O desafio que se encontrará é o de confrontar o método ideal com as realidades próprias de cada lugar em que estivessem presentes.

Ao voltarmos nossa atenção à estrutura do método parisiense, podemos mais uma vez entender o funcionamento deste concatenado à vida universitária e ao momento vivido pela Europa do século XVI. O movimento renascentista já se fazia presente na Universidade de Paris e também já manifestava sua influência nos mestres. Assim, o centro europeu da cultura mostra-se, assim, aberto aos novos movimentos e sabia integrá-los em sua vida intelectual. Segundo Klein (1997, p. 25), o *Modus Parisiensis*:

Recolhia uma longa experiência educacional, testada nos embates entre humanistas e escolásticos desde o século XV. Calcava-se nas humanidades clássicas como fundamento para os ulteriores estudos das Artes (filosofia) e Teologia. A grade curricular apresentava-se concatenada, orgânica com as matérias dispostas numa progressão que não permitia o avanço do aluno em débito com os conteúdos daquela etapa. Insistia-se na atividade do aluno, com muitos exercícios de repetição, em vista da assimilação pessoal. Os alunos eram divididos em classes conforme a idade, a bagagem intelectual e a complexidade das matérias. A frequência às aulas era obrigatória; os professores encontravam-se disponíveis ao atendimento dos interessados.

Compreendem-se, assim, as grandes linhas mestras da pedagogia jesuítica em seu rigor educacional. Tendo sido provado pelos grandes mestres de Paris, o método ali empregado suscitou grande interesse em Inácio de Loyola e em seus companheiros, que

passaram a utilizá-lo nos colégios que foram surgindo. A base para a formação que exigisse o emprego de todas as faculdades humanas e mobilizasse todos os recursos estava colocada para ganhar corpo e relevância em toda a Companhia. Por fim, um testemunho do próprio Inácio de Loyola, que não hesitava em recomendar a um sobrinho que estudasse na Universidade de Paris:

Se o meu juízo tem algum valor, eu não o enviaria a outro lugar que não Paris, porque lá vós o fareis aproveitar mais em poucos anos que em muitos outros em outra universidade, e depois é ter onde os estudantes conservam mais a honestidade e virtude. (CARTAS DE SANTO INÁCIO apud FRANCA, 1952, p. 30).

2.3 O *RATIO STUDIORUM*

Já se passaram mais de quatro séculos (415 anos para ser mais preciso, 1599-2014) que o Padre Geral da Companhia de Jesus, Claudio Acquaviva, aprovava e enviava a todos os jesuítas o *Ratio atque Instituto Studiorum Societatis Iesu*. Tratava-se do plano de estudos da Companhia e o primeiro documento diretamente pedagógico aprovado para todos os colégios e universidades da Ordem. Nascia, assim, o sistema educativo jesuítico, que se desenvolveu com consistência e sentido de unidade em todo o mundo, prevalecendo como eixo central de toda atividade educacional jesuítica até a supressão da Companhia, em 1773.

Aqui, o *Ratio Studiorum* não será analisado no seu conjunto de regras e normas, mas, antes, no seu princípio e na sua evolução. Terá lugar na análise a maneira como foi desenvolvida a construção desse sistema e a sua subsequente utilização nos colégios, da mesma forma, será analisado como a prática educacional já adotada nos colégios contribuiu sistematicamente na sua elaboração.

Na Parte IV das Constituições da Companhia de Jesus, observamos que os primeiros jesuítas destinados por Inácio de Loyola a desenvolver seu apostolado em colégios manifestaram o desejo e a necessidade de que fossem escritas algumas normas para o direcionamento e o funcionamento dos estabelecimentos de ensino. Esse fato dava-se devido à inexperiência dos professores e ao rápido crescimento de alunos. Prometia um “tratado à parte” naquilo que tangia em questões de método próprio, exercícios, aulas, entre outros, e que seria efetivado meio século depois no *Ratio*. Isso acontece dado o fato de que

Inácio, então, autorizou os padres Jerônimo Nadal e Antônio Araoz a redigir uma primeira *Ratio Studiorum* para os Colégios de Messina (1548) e Gandía (1549). Em 1551, padre Anibal Coudret, a pedido de Inácio, fez uma descrição pormenorizada do colégio de Messina, que tinha três anos de fundado: sua divisão em classes, o programa e o método das matérias, e a disciplina. Este trabalho foi considerado a primeira fonte clássica para as descrições da organização e procedimentos nos primeiros colégios jesuítas para externos. (KLEIN, 1997, p. 33-34).

O caso de Messina oferece-nos duas certezas: o zelo de Inácio pelos alunos não jesuítas e a prática pedagógica como fonte inspiradora para a elaboração dos princípios pedagógicos jesuíticos.

As sistematizações das regras de estudos que aos poucos iriam converter-se em princípios pedagógicos acontecem com Inácio de Loyola ainda em vida, pressupondo que ele pôde dar suas instruções aos padres redatores. Seguindo o princípio de adaptação, respeitando pessoas, lugares e tempos distintos, Inácio concedia a liberdade aos reitores de cada colégio para que pudessem elaborar, eles mesmos, seus planos de estudos. Esse fato leva-nos a conhecer o *Ratio* em várias versões desde 1448, data da fundação do Colégio de Messina – a 1599, data da versão final. O Colégio Romano é considerado o centro para o qual todas as práticas realizadas pelos jesuítas convergiam e ganhavam retoques redacionais.

A versão definitiva do *Ratio* teve sua realização após um longo caminho de experimentos e depois de cumprir a promessa de Inácio de Loyola de que haveria um tratado à parte para dar ordem e modelo aos estudos propriamente ditos. Fruto do trabalho coletivo, teve a participação “[...] de muitas equipes e pessoas, muitas delas desconhecidas, ao longo de toda a metade do século XVI. [...] Muitos teólogos, filósofos, humanistas e outros especialistas contribuíram na estruturação do plano de estudos da Companhia de Jesus” (CODINA, 1999, p. 8). Ao todo, são 30 conjuntos de regras que especificam funções e atribuem aos envolvidos nos colégios suas devidas tarefas.

Para compreendermos um pouco mais sobre a aplicação das regras do *Ratio*, faz-se necessário que tenhamos presentes seus princípios pedagógicos. Segundo Klein (1997, p. 35), consistia em um manual de funções, com indicações da responsabilidade, do desempenho, da subordinação e do relacionamento entre os envolvidos no processo. Porém, a objetividade e a diretividade das regras podem fazer parecer que não se leve em consideração o contexto das pessoas envolvidas. No entanto, é preciso que sejam lidas, refletidas e interpretadas à luz da fundamentação espiritual e pedagógica especificados na Parte IV das Constituições. Tal fundamentação já era do conhecimento dos professores, uma vez que todos eles eram jesuítas. Por isso,

Para quem, pela primeira vez, se põe em rápido contato com o *Ratio*, a impressão espontânea é quase a de uma decepção. Em vez de um tratado bem sistematizado de pedagogia, que talvez esperava, depara com uma coleção de regras positivas e uma série de prescrições práticas e minuciosas. (FRANCA, 1952, p. 43).

Como já explicitamos, o fim da existência dos colégios na Companhia de Jesus é para o auxílio das almas próprias e do próximo. Essa finalidade da educação aponta-nos para os princípios pedagógicos que estão presentes nas regras.

Entre tais princípios, destaca-se aquele no qual se fundamenta toda pedagogia cristã: a união entre virtude e letras. Entende-se virtude na concepção cristã do dom oferecido por Deus a todo ser humano que, na perspectiva da pedagogia jesuítica, traduz-se em solidariedade, fraternidade, mansidão com o outro. Encontramos, desse modo, a busca pela formação e pelo desenvolvimento do ser humano como um todo. A esse respeito, Labrador (1992, p. 25) sintetiza que:

A pedagogia de adaptação e dinâmica do *Ratio* pretendia unir virtude e letras, a vida com a ciência e a conduta com o saber. Porque não devemos esquecer que são características da pedagogia jesuítica as fórmulas de sínteses entre teoria e prática, entre pensar e agir, entre conhecer e sentir, entre fé e razão, entre aprender e praticar.

Podem parecer contradições ou até mesmo apresentar algumas tensões entre si, mas é próprio do espírito jesuítico promover, entre características contraditórias, a conversão em complementares. Essa atitude exige atenção primordial no aluno, que deverá assimilar, de modo satisfatório, os conteúdos das disciplinas e as atividades complementares. Os objetivos de cada disciplina deveriam ser selecionados e adaptados aos estudantes.

Para colocar em prática os princípios pedagógicos, era necessário ter claros os objetivos, mas ao mesmo tempo utilizar métodos eficazes. Aqui, entende-se método como conjunto de processos didáticos relacionados ao conhecimento e os estímulos pedagógicos adotados. Segundo Franca (1953, p. 56),

A intenção que os ditou foi não só de orientar os professores novos como de unificar o sistema de ensino e a tradição pedagógica da Ordem. Nem por isso houve uma padronização rígida que tolhesse a responsabilidade indispensável ao trabalho dedicado de formação das almas. A própria multiplicidade de métodos propostos já deixa uma ampla liberdade de opção adaptada à diversidade dos dons e à variedade das circunstâncias.

O sentido de unificação do sistema de ensino confere à Ordem o bom andamento de inúmeros colégios espalhados em vários lugares. De certo modo, o que se pretende manter firme é o propósito inicial de Inácio de Loyola, ou seja, o de assegurar o caráter apostólico

dos colégios. A dinâmica de valorização da atividade pessoal centrada no aluno coloca-o como ativo em seu processo de amadurecimento integral: intelectual e humano.

Para aprofundar tais categorias que se articulam no contexto da educação, podemos ainda explorar como, a partir do *Ratio*, entende-se o conhecimento e o ser humano. À luz da espiritualidade inaciana, que brota exclusivamente da experiência pessoal de Inácio de Loyola com Deus e amadurece no processo de conversão, até atingir todo o seu ser, desenvolvendo a mística própria da Companhia, teremos acesso à concepção desenvolvida por ele. A essas duas categorias ainda está intimamente relacionada a visão de mundo que Inácio tinha, a partir de seus estudos humanísticos e filosóficos.

É próprio de a perspectiva jesuítica considerar o humano como alguém conhecido e amado por Deus. O Deus cristão que se revelava gratuitamente na pessoa de Jesus Cristo e que convida a participar de seu Reino, propondo, para isso, o caminho da perfeição. Nesse sentido, Inácio concebe o ser humano inacabado, sendo criado constantemente numa atitude generosa com o seu Criador. Para isso, é preciso ser livre e chamado a trabalhar para que os outros sejam livres. A partir da concepção espiritual, configura-se a utopia do ser humano ideal, todo ele voltado ao Transcendente e radicalmente aberto para deixar-se conduzir por Ele. Assim, Inácio de Loyola acredita que o humano pode realizar seu ideal, uma vez que este é capacitado pela virtude.

No que se refere ao conhecimento, vai além daquilo que se adquire em si mesmo. Trata-se de envolver o aluno no processo de permanente construção de atividades nas quais ele participa ativamente. Para atingir esse objetivo, as regras apontam para que se façam na medida em que os alunos possam acompanhar e que sejam suficientemente compreendidos. A atenção sempre presente está desenvolvida naquilo que se prescreve para que cada atividade esteja contextualizada a pessoa, tempo e lugar específicos. Assim, o conhecimento irrompe a dimensão do intelecto, para dar um novo significado do mundo numa ação direta da pessoa envolvida.

2.4 A ASSIMILAÇÃO DA PEDAGOGIA DA ESSÊNCIA PELO *RATIO STUDIORUM*

O que foi exposto até agora sobre o método jesuítico permite-nos compreender a inspiração da pedagogia cristã. Diante das modificações na sociedade empreendida por diversos fatores, era preciso salvaguardar o princípio de dignidade do ser humano. Dessa forma, intensifica-se o método de condução do homem para Deus. A pedagogia da essência encontra na pedagogia jesuítica um lugar de assimilação, continuidade e aperfeiçoamento.

Basicamente, muitas das referências bibliográficas associam a pedagogia da essência, desenvolvida na mesma esteira da modernidade, com o *Ratio Studiorum*, organizado pelos jesuítas. Pedagogia esta que tem um sujeito novo como referencial de estudo, interesse e compromisso. Um novo ser humano em um mundo sacudido por mudanças estruturais e de referenciais. Seria arbitrário dizer que se trata de um ser humano sem Deus (o Deus cristão), mas que pouco Dele depende para a consecução de seu fim.

Como pode então o ser humano realizar sua nova forma de viver e relacionar-se sem cair no vazio e no desespero da solidão? Quais são as categorias que sustentam a determinação do novo sujeito em relação ao seu semelhante e com o Transcendente? Segundo a concepção platônica (século IV a.C.), a educação tem um papel fundamental na condução à “descoberta da pátria verdadeira e ideal” (SUCHOGOLSKI, 2002, p. 14). Ali sim o conhecimento é puro, verdadeiro e imutável porque originário. O acesso ao conhecimento platônico dá-se pela reminiscência e alcança a pátria verdadeira para dela obter a luz que transmite o que há de mais precioso para o ser humano. Vemos, assim, uma distinção entre o mundo vivido pelo humano (o que ele chamou de real) e o mundo verdadeiramente essencial ao homem (o que ele chamou de ideal). No mundo das ideias está o homem verdadeiro em oposição ao “reproduzido” do mundo real. A grande tarefa existencial do humano é contemplar o verdadeiro, atingindo, assim, o “ser ideal” de todas as coisas.

A concepção cristã da educação muito aproveitou-se das teorias platônicas, sem, no entanto, levar o humano a desejar um lugar ideal, mas, antes, um lugar celeste. De ideias abstratas, a orientação do humano agora é para o Deus cristão, o qual será a origem de tudo, inclusive do conhecimento humano. Para o cristianismo, a educação além de não se apoiar nessa realidade, deve vencê-la. Assim, “[...] à verdadeira educação cumpre ligar o homem à sua verdadeira pátria, a pátria celeste, e destruir ao mesmo tempo tudo o que prende o homem à sua existência terrestre” (SUCHODOLSKI, 2002, p. 14). Mesmo não satisfazendo totalmente a tradição cristã, tal ascese pedagógica serviu como fundamento para que São Tomás de Aquino desenvolvesse sua filosofia numa categoria empírica.

A contribuição jesuítica à pedagogia da essência dá-se no momento em que esta está em disputa com a pedagogia da existência. A Companhia de Jesus, Ordem religiosa católica fundada por Santo Inácio de Loyola em 1540 e erroneamente associada ao combate aos hereges e ao avanço do protestantismo contemporâneo a tal movimento, desponta como instrumento intelectual, motivado pela Igreja a evangelizar e educar. São os primórdios da educação moderna como modelo de ensino e aprendizagem, caracterizando uma nova concepção de conhecimento que, atualmente, chamaríamos de conhecimento sistematizado.

Mesmo que na sua origem não haja intenção clara de fundar colégios, a Companhia de Jesus é impulsionada a evangelizar por meio do apostolado educacional.

Dadas às necessidades e à decisão de trabalhar em colégios, os Jesuítas dedicam-se a definir seus princípios e suas orientações práticas. Sob a responsabilidade do fundador, foi redigida uma parte das Constituições da Ordem que trata da educação e das instituições educativas.

Aproveitando a coleta das primeiras experiências pedagógicas dos jesuítas e os estatutos das principais universidades europeias Inácio produziu um texto de duzentos itens, em 17 capítulos, os dez primeiros referentes à vida dos colégios e os restantes à das universidades. (KLEIN, 1997, p. 90).

Compreende-se o rigor e a importância dada pelos companheiros de Inácio em relação à vida intelectual. Só poderiam levar a bom êxito o serviço ao Reino de Deus se estivessem à altura das exigências da época e da posteridade. Fica clara a relação da pedagogia jesuítica, que mais tarde seria mundialmente conhecida como *Ratio Studiorum*, com a pedagogia da essência, quando visitados os documentos norteadores da Ordem. Com nítida preocupação em direcionar o humano à pátria celeste, a pedagogia da essência dá a ele sentido e proteção. A pedagogia jesuítica fertilizada pelo ideário de defesa da fé tem, em sua gênese, a mesma concepção essencialista.

Com o aperfeiçoamento dessas instituições, o paradigma jesuítico alcança outros continentes, além da Europa, e destaca-se com forte acento no rigor. O *Ratio* sistematiza as iniciativas executadas em várias unidades de ensino da Companhia e dá fundamentação teórica e religiosa para que o ideário de Inácio fosse plenamente alcançado.

Segundo Saviani (2008), as ideias que são encontradas no *Ratio* estão associadas ao que na modernidade será chamado de pedagogia tradicional. Nela, estão as linhas mestras para desenvolver a concepção de essência do homem, que se traduz numa antropologia cristã. Esta caracteriza-se pela formação do humano aberto às suas grandes perspectivas no descobrir-se uns com outros. Para o autor, a pedagogia tradicional:

Caracteriza-se por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. À educação cabe moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência do homem é considerada, pois, criação divina. Em consequência, o homem deve empenhar-se em atingir a perfeição humana na vida natural para fazer por merecer a dádiva da vida sobrenatural. (SAVIANI, 2008, p. 58).

Desse modo, ainda podemos perguntar-nos pela antropologia subjacente ao modelo pedagógico jesuítico, uma vez que este sempre se mostrou na vanguarda dos processos pedagógicos modernos. Ao mesmo tempo, já podemos delinear que suas matrizes pedagógicas sempre foram pensadas na dinâmica de identificação e salvação do humano que se volta para Deus.

Pensar a pedagogia jesuítica é pensar as relações que se formam no decorrer desse processo. Dessa forma, em relação ao mundo, surgirão as experiências objetivas do ser humano. Em relação aos outros, surgirão as experiências intersubjetivas, com todas as múltiplas regulamentações da sociedade com as quais se decide, por exemplo, sobre a distribuição dos bens produzidos e sobre as relações de direito, as relações de independência, de injustiça, de exploração e de domínio. Em relação a si mesmo, o ser humano fará as experiências subjetivas, pelas quais ele tentará realizar essa abertura radical. E em relação ao Absoluto, o ser humano realizará a experiência de transcendência.

A essência da criatura espiritual consiste nisso: o supraessencial, o que transcende, é o elemento que lhe confere estabilidade, significado, futuro e movimento último, de modo tal, porém, que a essência da criatura espiritual, que lhe confere enquanto tal, não resulta por isso diminuída, mas justamente assim adquire a sua última validade e consistência e progride (MONDIM, 1980, p. 253).

Em conformidade com essa antropologia, o ser humano, enquanto pessoa, é um ser de relações que marca a sua existência desde o nascimento, de modo que a realização humana deve passar, necessariamente, pela concretização de suas relações; isto a nível objetivo, com o mundo; a nível intersubjetivo, com o outro; a nível subjetivo, consigo mesmo e a nível transcendental, com o Absoluto. É na complexidade e justiça dessas relações que o ser humano elabora sua identidade pessoal e coletiva e define seu projeto de vida de ser livre (LIMA VAZ, 1992).

Em toda a pedagogia jesuítica está subjacente o humanismo que, a partir do paradoxo da encarnação, afirma o encontro do divino e do humano na vida dos sujeitos e das comunidades humanas. A partir desse humanismo, surge uma pergunta pertinente aos tempos atuais: como lidar com os desafios postos pela civilização da imagem e do virtual, se o pressuposto antropológico desse humanismo é a abertura do ser humano à realidade? Como afirmar a dignidade humana (tão cara a Deus) nessa cultura de generalizações?

2.5 NOVO MODELO EDUCATIVO DA PEDAGOGIA JESUÍTICA

A pedagogia jesuítica contemporânea, ao contrário da clássica que já vimos, que dirigia sua atenção exclusivamente ao educando, hoje volta-se a todos os segmentos da escola, ou seja, alunos, professores, diretores, técnicos, administradores, funcionários, pais de alunos e antigos alunos. A nova concepção é de uma escola como sendo uma comunidade educativa, na qual a visão do todo prevalece, oferecendo a oportunidade de agir e ser beneficiado da ação, no tocante ao objetivo primeiro da educação da instituição jesuítica de ensino, que é a valorização do humano e sua abertura ao transcendente. Dessa forma, espera-se de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem o testemunho dos valores que promovam o humano.

Em uma atividade em que o humano está intimamente relacionado, é preciso que haja uma atitude básica: atitude ética. Educar requer que a pessoa a ser educada o seja plenamente. A formação integral do humano ou o pleno desenvolvimento de sua humanidade só terá seu pleno êxito se os envolvidos nesse processo estiverem preocupados com tal formação. A exigência ética no processo educacional de inspiração jesuítica faz-se evidente quando tomados os princípios básicos dessa formação, como já assinalados acima, e isso é de tal forma verdadeiro que, sem a ética, todo o trabalho perderia seu sentido. O saber não se basta em si, mas é o bom uso dele que lhe dará significado e fundamento.

O princípio fundante da ação educativa na perspectiva ética está intimamente relacionado ao fato de que o juízo de valor é algo que não se pode evitar ao humano, mesmo que não o queira. No entanto, estamos imersos em uma cultura na qual o juízo de utilidade parece prevalecer, de tal maneira que tende a apresentar-se como único valor. Para que utilizar a ética, ou servir-se dela nas relações, quando o que se presencia é uma fuga do outro? A dimensão de testemunho ético gerado na instância da comunidade educativa, que abriga em si as marcas inevitáveis da relação, aparece como elemento multiplicador no interior da escola. A sociedade está se privando de uma antropologia que alimente os valores que aparecem no humano como absoluto. Na antropologia presente na pedagogia jesuítica, caracteristicamente cristã, a educação em valores cobra sentido e alimenta-se da vivência deles. Aqui está presente também a máxima jesuítica de fazer-se pessoa para os demais e com os demais.

A concepção de formação integral, no sentido de formar os educandos de modo eficaz acadêmica e humanamente, revela desde já que o espaço escolar não será marcado apenas como lugar de crescimento e aprendizagem no aspecto intelectual. Revela-se a face humana da formação, na qual se deseja o desenvolvimento humano pleno para todos os envolvidos no processo educacional. Assim, “[...] a escola declara sua opção por um currículo humanista, que

se organiza a partir do aluno e de suas necessidades de crescimento e realização como pessoa, em determinado contexto social” (MAGALHÃES, 1999, p. 145).

2.6 A PROPOSTA JESUÍTICA NO BRASIL COLÔNIA

Os fatos comprovam que a expansão da missão da Companhia de Jesus está vinculada à expansão política e comercial da Coroa portuguesa no século XVI. Com o patrocínio de Dom João III, rei de Portugal, e o consentimento do Papa Paulo III, Inácio de Loyola vê seus poucos companheiros serem enviados para propagar a fé em domínios portugueses no além mar. Tais acontecimentos são possíveis porque a Companhia de Jesus já tinha sido aprovada em 27 de setembro de 1540. A importância de Portugal, no início da missão dos companheiros de Inácio, está associada ao fato de este país ser o primeiro a receber o estatuto de Província (modo de organização de um grupo de jesuítas em determinada região sob os cuidados de um superior). É a esses fatos que está intimamente ligada a história da educação e da missão dos jesuítas no Brasil.

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil meio século depois de seu descobrimento. As Américas estavam no seu estágio inicial quando, em 1549, Tomé de Souza, primeiro governador-geral, aportou na Baía de Todos-os-Santos. Segundo Tapia (2007, p. 214),

Manuel da Nóbrega e seus companheiros chegaram ao Brasil mais de meio século depois da descoberta da América. Na América espanhola, franciscanos, dominicanos, agostinianos, carmelitas, mercedários e jerônimos já tinham se estabelecido e desenvolviam suas tarefas de evangelização, mas os jesuítas foram os primeiros a chegar ao Brasil. A Ordem, desde as suas origens, sentia-se incumbida da constituição vanguardeira que implicava exercer o seu ofício em lugares de maior dificuldade e de menor interesse para as outras ordens.

Ao desenvolverem em cada um o espírito de missionários, voltados a lugares de pouca motivação para outros religiosos, os jesuítas colocam-se na vanguarda em preocupar-se e defender pessoas mais simples. Colocam-se assim em imediata ação naquilo que é a sua principal característica: a atividade missionária exercida na vanguarda geográfica e espiritual do universo conhecido e também nos lugares de maior dificuldade. Podemos ver dessa forma os jesuítas em algumas fronteiras específicas: na Europa, na vanguarda espiritual da Reforma de Trento; na Índia e na América, na vanguarda geográfica e cultural.

Em carta a Inácio, Manuel da Nóbrega declara: “Esta terra é a nossa empresa [...]” (LEITE, 2004). Em outras palavras, quando os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil, era preciso iniciar todo e qualquer trabalho em relação à conversão dos gentios portugueses, que

era um dos objetivos da vinda. Além da catequese, primeira atividade a que foram incumbidos os jesuítas, logo se distinguem esforços para iniciativas no campo do ensino escolar. A partir das cartas de Nóbrega, Leite seleciona algumas das atividades de ensino, como iniciativa elementar e humanística, a primeira escola de ABC (1549) e a primeira escola de latim, de São Vicente (1553).

Outro nome importante para compreendermos as primeiras atividades educacionais dos jesuítas em terras brasileiras é José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil. Este chega ao Brasil em 1553, com o segundo governador-geral, Duarte da Costa. Com apenas 19 anos, traz uma bagagem invejável, seja de conhecimentos como de hábitos de pensar e expressar-se, numa disciplina mental que o capacitou a aproveitar o máximo de seus dotes naturais e responder, criativamente, às necessidades de uma realidade inteiramente nova e desafiadora. Segundo Mac Dowell (1998), as capacidades mental e intelectual do Padre Anchieta são atestadas já na adolescência por sua grande capacidade de aprender com o estudo do latim e da língua espanhola, em sua cidade natal. Esse domínio das línguas estrangeiras fica ainda mais evidente na produção literária posterior.

A formação inicial realizada na Universidade de Coimbra deu a esse jovem jesuíta, em terras brasileiras, grande capacidade de saber articular o conhecimento adquirido nas aulas de Artes com o conhecimento advindo dos diferentes contextos. Certamente essas foram as bases para que, assim chegado ao Brasil, dedicar-se ao estudo do tupi mediante o contato direto com os indígenas, sem gramática e sem mestres. Com o domínio da língua nativa dos índios, destaca-se também na catequese, na qual soube traduzir os conceitos da fé cristã, aliando a criatividade e o pleno domínio da língua à fidelidade doutrinal. Observa-se, assim, o início do saber, por assim dizer, científico em sua produção. A capacidade de comunicar-se com os indígenas pelo uso da língua materna destes tem sua relevância e destaque num cenário escasso de tal preocupação (MAC DOWELL, 1998).

Seu interesse pelas letras também se manifestou na produção de uma extensa obra, que incluía a elaboração de poesias, sermões, cartas, peças teatrais religiosas e a produção de uma gramática intitulada *Arte de gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*. Essa preocupação com a língua era de essencial importância para a consolidação do projeto evangelizador dos jesuítas, sendo que textos e apresentações artísticas eram produzidos na língua nativa como forma de facilitar a conversão ao cristianismo.

Durante o período em que viveu em terras brasileiras, Anchieta andou bastante pelas regiões que hoje correspondem aos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. No ano de 1567, Anchieta alcançou o cargo de Provincial, o mais alto posto da Ordem de Jesus, que

havia sido desocupado após a morte do Padre Manuel da Nóbrega. A partir de então, o padre José de Anchieta andou por toda extensão do território colonial, orientando as atividades das várias missões jesuítas espalhadas pelo Brasil.

Vale ressaltar que foi com o teatro que Anchieta acredita atingir seu objetivo e intenções sobre a catequese. Para comemorar datas religiosas, escrevia e levava ao público autos que pregavam, de forma agradável, a fé e os mandamentos religiosos, procedimento esse que fazia distinguir os sermões, proferidos de forma discursiva e, conseqüentemente, cansativa. Vale lembrar também que o público que assistia aos autos era constituído de pessoas distintas, pois entre elas estavam indígenas, soldados, colonos, marujos e comerciantes. Para isso, era preciso esforço redobrado para fazer-se entender na própria língua. Contudo, mais uma vez demonstrando sua intenção religiosa, Anchieta tinha como alvo principal o índio. Assim, vendo no nativo o gosto por danças, festas, representações e música, fez dessa preferência seu campo fecundo, haja vista que ao mesmo tempo em que entretinha, também alcançava seus verdadeiros propósitos (LEITE, 2004).

No que se refere a colégios propriamente ditos, em 1556, no Brasil, havia três colégios construídos: o de Salvador, na Bahia; o de Olinda, em Pernambuco e o de São Paulo. Mesmo não havendo as construções, como as referidas nestas cidades, já naquela época o apostolado educacional dos jesuítas era exercido em outros pontos do Brasil, de forma institucionalizada ou não. Segundo Leite, o trabalho de catequese dos índios, tal como efetuado pelos jesuítas, o meio mais seguro e o primeiro a ser utilizado, foi o da instrução. Esta atividade está no projeto maior da Ordem, que vale lembrar, é cristianizar o mundo, ou seja, colaborar na efetivação do Reino de Deus.

Outra iniciativa foi a de construir escolas nas aldeias indígenas. Estabelecidas em sua maioria na costa, caracterizam-se por escolas elementares nas quais se ministrava, aos filhos dos índios, o ensino da doutrina cristã e das letras iniciais. Segundo Mac Dowell, é com Anchieta que essa atividade ganha maior impulso, dado ao seu interesse pelo tupi falado entre os índios. Com marcantes características de pedagogo, utilizou os recursos didáticos mais aptos para atingir a mente e o coração de seus ouvintes. Expressões religiosas e de cunho cultural indígena são encontradas em suas produções que, aliadas à simplicidade e à clareza das explicações, compunham a profundidade de seu sentimento e convicções.

A presença do modelo pedagógico desenvolvido pelos jesuítas no Brasil, aos poucos, mostra suas características. Nota-se a grande diferença de pessoas e lugares entre a Europa (berço da Companhia de Jesus e desse método de ensino) e a Colônia, ora analisada. O que os une é o ideal jesuítico do bem mais universal. Pode-se perceber que o princípio de adaptação

sociopedagógica presente já no início do apostolado educacional encontra sua fertilidade no meio indígena. Imaginar os primeiros jesuítas exercendo seu papel de missionários e educadores é reconhecer o saber impregnado em Inácio de Loyola. Não seria possível a atividade de seus companheiros sem que fossem orientados para tal empresa. Corajosos, criativos, ousados e destemidos, os jesuítas souberam alinhar fé a tudo que estava por fazer.

O trabalho incansável com a educação e outras atividades na Europa e em suas colônias por mais de dois séculos tem seu final quando são reconhecidos os interesses da Coroa portuguesa. Em 1759, os jesuítas são expulsos do Brasil por decreto real. De modo definitivo, o Papa Clemente IV, em 1773, decreta a extinção da Companhia de Jesus e interrompe, assim, todos os trabalhos desenvolvidos por ela. As causas e os motivos da supressão não são objeto dessa pesquisa, mas vale recordar a grande influência que a Ordem já exercia em diversos campos.

3 RENOVAÇÃO DA PEDAGOGIA JESUÍTICA

3.1 TEMPO DE TRANSIÇÃO

A Bula “SOLLICITUDO OMNIUM, ECCLESIIARUM”, do Papa Pio VII, restaurando a Companhia de Jesus em 7 de agosto de 1814, significa o retorno das atividades eclesiásticas dos membros da Ordem e, com ela, também as atividades relacionadas à educação. No entanto, após quatro décadas sem exercer oficialmente as funções próprias de uma Ordem religiosa, na maioria dos lugares nos quais esteve presente antes da supressão, a Companhia de Jesus precisou adaptar seu espírito missionário ao novo tempo, aos novos lugares e às novas pessoas.

Logo após a restauração da Companhia de Jesus, iniciou-se o período pela busca de restauração da tradição pedagógica. A referência para toda atividade continuava sendo o *Ratio Studiorum*, mas era preciso atualizá-lo e esse trabalho coube à comissão de peritos em assuntos de pedagogia e espiritualidade jesuítica, nomeada pelo então superior geral dos jesuítas, o Padre João Roothan. Na verdade, ele estava colocando em prática o pedido da Congregação Geral, instância máxima de governo da Ordem dos jesuítas, composta por padres do mundo todo. No período entre 1820 e 1832, várias tentativas foram feitas no intuito de concretizar o sonho de elaborar um novo *Ratio*. Porém, as condições sociais, políticas e culturais de então inviabilizaram o projeto normativo de dimensões universais.

Diante da impossibilidade de uma nova versão do *Ratio*, ficou determinado que cada país ou região produzisse seus próprios planos de estudos e que deveriam ser aprovados pelo superior geral. Nesse sentido, o documento elaborado pelos jesuítas dos Estados Unidos foi muito bem-sucedido. A *Instrução*, como ficou conhecido o documento, tem data de 1934 e foi elaborado pelo mesmo procedimento do *Ratio*. Segundo o Padre Klein (1997),

A Instrução visava oferecer uma solução estrutural à recuperação do vigor pedagógico e evangelizador dos colégios jesuítas nos Estados Unidos, ameaçado pela organização de escolas anti ou a-religiosas, empenhadas em assegurar o monopólio da educação da juventude e a orientação dos objetivos educacionais.

No caso estadunidense, podemos observar a análise de contexto feita pelos jesuítas e sua resposta cuidadosa aos apelos locais. Foram levados ainda a recuperar a inspiração

jesuítica num significativo empenho em elaborar um plano que contemplasse as condições atuais do mundo e a consciência da dimensão evangelizadora do apostolado educativo.

Na década de 1960, a Igreja católica realizou o Concílio Ecumênico Vaticano II e enfatizou as dificuldades pelas quais passavam todos os povos em diferentes continentes. Com forte acento no tocante a questões sociais, o Concílio Vaticano II abriu espaços para que uma nova dimensão fosse gestada no ciclo de discussões pertinentes à responsabilidade de todos os cristãos. Trata-se de viver de forma nova o humanismo cristão. Um olhar atento para a realidade de um mundo dividido, violento e cada vez mais empobrecido faz descortinar um cenário que não deve ser compactuado por quem professa sua fé no Deus de Jesus Cristo.

3.2 PADRE PEDRO ARRUPE E O IMPULSO RENOVADOR

Com o fim do Concílio Vaticano II, em 1965, a Companhia de Jesus tratou de colocar-se em conformidade com as mudanças exigidas a partir de então. No que se refere ao governo da Ordem, foi eleito, no mesmo ano, para Superior Geral, o espanhol Padre Pedro Arrupe, que exercerá papel fundamental na boa condução dos passos necessários para que os trabalhos com educação ganhassem novo sentido e ardor. Nesse sentido, será utilizado aqui, como fonte primária de análise, o discurso final por ocasião do Simpósio Internacional sobre o ensino médio, ocorrido em Roma, no ano de 1980, com o título “Nossos colégios: hoje e amanhã”. Como Superior Geral da Ordem, Padre Arrupe tinha o dever de zelar pela implementação das diretrizes formuladas anos antes na Congregação Geral XXXI, que exigiam mudanças estruturais na condução dos colégios jesuítas.

O início do governo do Padre Arrupe como Superior Geral é marcado por diversos acontecimentos políticos, eclesiais e culturais que, na década de 1960, definirão e marcarão em muitos aspectos o direcionamento que dará à sua forma de governo. Dessa forma, encontramos profunda originalidade em suas tomadas de decisão, que revelam o descontentamento com a maneira como o ser humano é tratado. No que se refere à Igreja católica, o mais importante acontecimento se dá no Concílio Ecumênico Vaticano II, citado acima. Como veremos a seguir, o Padre Arrupe conduz a Companhia de Jesus para que ela seja integrada ao movimento de renovação eclesial que se estava vivendo. Os jesuítas faziam inúmeras objeções sobre continuar os trabalhos com educação devido à falta de identificação com o espírito missionário da Ordem.

O Padre Arrupe elaborou suas considerações sobre educação e reafirma a sua crença no valor dos colégios, a partir de sua visão de mundo. Dado às proporções de seu tempo, o

mundo que conhecia estava na fase inicial do que vivenciamos hoje. Reconhece com isso que é algo por construir no sentido de dar orientações, devido ao processo de mutações em ritmo acelerado. No entanto, não acredita que seja um tempo todo ele negativo, mas uma oportunidade para que sejam ponderados os valores que subjazem nas pessoas envolvidas nas transformações. O vínculo efetivo que há entre os trabalhos ministeriais dos jesuítas e os colégios dá-se justamente nessa perspectiva: a Companhia de Jesus sempre prezou pela educação veiculadora de valores. Na visão do Padre Arrupe, nas séries finais da educação básica encontra-se o melhor momento para incentivar os alunos a optar pela dinâmica dos valores humanos.

Ao entender a educação como meio eficaz para contribuir com a formação de pessoas capazes de optarem pelo bem, é preciso explicitar de que maneira essa concepção dá-se na prática. Segundo o Padre Arrupe, é no tempo escolar (ensino fundamental e ensino médio, prioritariamente) que os estudantes permitem a assimilação de valores, porque:

Nos dá acesso à mente e ao coração de numerosos jovens, num momento privilegiado: quando “á” são capazes de uma assimilação coerente e arrazoada dos valores humanos iluminados pelo cristianismo, e quando “ainda” sua personalidade não adquiriu sulcos dificilmente reformáveis. É sobretudo no ensino médio quando se forma sistematicamente a mentalidade do jovem e, conseqüentemente, é o momento em que ele deve fazer a síntese harmônica de fé e cultura moderna. (ARRUPE, 1981).

Dessa forma, o colégio jesuíta é entendido como instrumento apostólico, um meio e um campo de trabalho no qual a Ordem desenvolve o trabalho de evangelização. Evangelizar, aqui, entendemos em conformidade com a Igreja católica, é levar a boa-nova a toda humanidade. Significa, ainda, não comungar com o modo perverso de sobrevivência ao qual o ser humano é submetido. É possível perceber que o conceito de instrumentalidade apostólica, que já constava na Parte IV das Constituições da Ordem e do *Ratio Studiorum*, é ampliado e a evangelização por meio dos colégios torna-se contribuição de suma importância.

Para que o apostolado na educação seja devidamente eficaz, ou seja, que cumpra seu papel formador e evangelizador, é pertinente que todos esforcem-se para que seja, segundo os critérios da Ordem, uma atividade de excelência. Trata-se da qualidade do serviço prestado às pessoas que buscam os colégios jesuítas com o desejo de encontrar, neles, apoio e referências para o enfrentamento de suas dificuldades. Nada mais evidente para julgar se esse papel está sendo desenvolvido pelos colégios do que as pessoas que neles são formadas. Para o Padre Arrupe, “[...] esta excelência consiste em que os nossos alunos imbuídos de princípios retos e bem assimilados sejam ao mesmo tempo abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a

cultura e problemas do seu meio, e homens e mulheres a serviço dos outros” (ARRUPE, 1981, p. 12).

Vemos surgir uma nova categoria no método inaciano de ensino: o serviço. Mas não se trata de um serviço meramente voluntário ou desprovido de consciência da parcela de responsabilidade na tarefa de transformar a sociedade humana. Nesse sentido, a caridade humana necessariamente deve ser iluminada pelo evangelho para ser expressão de justiça autêntica. Fica evidente que a atualidade do método inaciano de educação está fortemente marcada por aquilo que a singulariza desde os tempos de sua origem e que está colocado naquilo que é especificamente humano e cristão: a busca por aquilo que é essencialmente humano e que deriva do Deus cristão. Contudo, a grande preocupação do Padre Arrupe é que um colégio da Companhia de Jesus seja identificado como tal. Se algumas características assemelham-nos com outros colégios, outras devem distingui-los enquanto identidade.

A educação oferecida por um colégio da Ordem deve dotar os alunos daquilo que o Padre Arrupe chamou de “inacianidade”. Esta seria a consequência no aluno após passar algum tempo sendo formado pela espiritualidade e pelo método pedagógico de inspiração em Santo Inácio. Não se trata de mérito a ser celebrado, mas ato de louvor a Deus, uma vez que é a Ele que tal serviço é prestado. Essa característica não faz dos alunos inacianos superiores aos de outros colégios, mas quer distingui-los pelas suas atitudes essencialmente humanas, fruto da excelência com que foram motivados.

Essa afirmação de que há preocupação pela excelência na maneira como os jesuítas trabalham com educação pode soar um tanto presunçosa. Talvez seja exagerado o fato de que a Companhia de Jesus atribua-se como próprios e típicos de sua educação certos traços característicos que aparentemente são patrimônio comum de muitas linhas ou escolas pedagógicas, tradicionais ou modernas. O que o Padre Arrupe está dizendo quando se refere a “inacianidade” é no que diz respeito à forma como os alunos devem ser atendidos e formados: em valores, no compromisso social, na qualidade educativa. Mas esses propósitos também não são exclusivos da educação dos colégios da Companhia de Jesus. Nem mesmo os primeiros elementos que configuraram as primeiras sistematizações pedagógicas jesuíticas eram exclusivos.

Na visão de Codina (1998), a originalidade dá-se em outras esferas. Uma vez enraizado em elementos essencialmente humanos, é preciso ter cuidado para tratar desse assunto e não atribuir para si aquilo que já é utilizado em outros ambientes escolares. Nesse sentido, afirma que

O que é original e próprio da Companhia é a maneira peculiar como esses e outros elementos se combinam e se articulam, em função de um determinado projeto de pessoa e de vida. Esse projeto não é outro senão a visão de mundo que Inácio possuía. E aí está precisamente a originalidade e o caráter próprio da educação jesuíta: seu enraizamento na espiritualidade própria da Companhia de Jesus, sua estreita vinculação com o carisma e com a própria vida de Inácio. O mais característico da educação da Companhia é o fato de que está baseada na vida e nos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola. (CODINA, 1998).

Essa afirmação contribui em muito para a compreensão do modo próprio de agir nos colégios jesuítas. A marca da espiritualidade inaciana assume o lugar e papel de critério distintivo no modelo de educação adotada e diretamente interfere nas tomadas de decisão. A inspiração na pessoa de Inácio de Loyola enfatiza a opção pelo rigor nas escolhas das melhores práticas a serem utilizadas. A excelência acadêmica e humana aponta para o perfil da pessoa a ser formada e o modelo de sociedade pretendido. Sinaliza, ainda, que estão implícitos, a toda prática pedagógica, traços fundamentais de antropologia, dita, aqui, inaciana.

3.3 QUE ALUNO PRETENDEMOS FORMAR?

Sem deixar-se levar por teorias e fundamentar-se somente naquilo que podia ser analisado, Padre Arrupe formula uma das questões mais pertinentes sobre o objetivo da educação jesuítica: “que aluno pretendemos formar?”. Essa pergunta tornar-se-ia uma grande fonte de inspiração para todos os que viessem a trabalhar nos colégios da Ordem. Ele mesmo dá pistas para que todo contexto seja levado em consideração, para que o aluno adquira a inacianidade pretendida.

Homens e mulheres de serviço segundo o Evangelho. Tratado como alguém capaz de interagir no seu processo formativo, o aluno apresenta características que são fundamentais para que ele mesmo possa ter consciência de sua realidade e elaborar sua visão de mundo. Retomando aqui a categoria de serviço, podemos compreender a máxima formulada pelo Padre Arrupe, que norteará os documentos sucessivos da Ordem em relação aos colégios. Segundo ele, os alunos “[...] devem ser homens e mulheres para os demais”. Essa nova visão do objetivo da educação jesuítica implica salientar o homem e a mulher influenciados pelas sucessivas transformações pelas quais passam as diversas sociedades e das quais se originam os alunos.

Pensar a educação segundo esse critério é ter a convicção de que o ser humano, todo ele, é formado. Privilegiar a dimensão acadêmica, que é o elemento central de cada colégio,

não pode permitir que a dimensão humana seja esquecida. Ao dirigir-se de modo particular a alunos cristãos, salienta que “[...] devem ser homens movidos pela autêntica caridade evangélica. Falamos tanto de fé/justiça, mas é na caridade que a justiça atinge a sua plenitude interior” (ARRUPE, 1981, p. 13). No entanto, aqueles que não professam a mesma fé cristã também são chamados a interrogar-se sobre sua participação na transformação de sua sociedade, visto que “[...] especialmente em países não cristãos, é necessário acomodar-se às possibilidades na penetração de valores cristãos que ao mesmo tempo são humanos e reconhecidos como tal” (ARRUPE, 1981, p. 13).

O serviço aos demais não quer ser uma espécie de lugar comum e prontamente assimilado por todos os alunos. Essa visão implica projeto de vida, projeto de futuro. Transforma-se, assim, em um verdadeiro propósito a ser perseguido durante o processo de maturação da personalidade e caráter. Vai exigir do ser humano, os alunos no caso, em primeiro lugar, identificação com a proposta jesuítica para, a partir do espírito de decisão, empreender seu curso formativo.

Homens e mulheres novos. Espera-se dos que saem formados dos colégios da Companhia de Jesus que tenham adquirido, resguardando as devidas proporções de seu processo de maturação, um estilo de vida que por si seja testemunho da assimilação dos valores pelos quais teve conhecimento e contato. A ênfase é sobre a caridade que brota da pessoa de Cristo e que move para a justiça. O Padre Arrupe estimula mais uma vez que seja uma proposta para todos: “[...] devemos nos esforçar com empenho por fazer ressaltar estes valores de nossa herança inaciana que podemos também transmitir aos que não partilham ainda da fé em Cristo, traduzindo-os em valores éticos e humanos” (ARRUPE, 1981, p. 13).

No objetivo de educar para o serviço ao outro, ao próximo, está o desejo de uma sociedade transformada pela fraternidade universal. Será esta a base da vida daqueles que assimilaram a educação em valores. De modo pessoal, familiar e social, toda sua trajetória de vida será pautada pelo referencial evangélico de que todos sejam um, que todos sejam irmãos. A abrangência dessa convicção será o motor que provocará as mudanças sonhadas e pretendidas e será a razão pela qual muitos outros também farão a opção pelo mesmo propósito.

Homens e mulheres abertos ao seu tempo e ao futuro. Nesse ponto, o Padre Arrupe faz clara alusão aos *Exercícios Espirituais*, de Santo Inácio, quando traz à reflexão de que o aluno que formamos não é alguém pronto, acabado. Antes, trata-se de um ser vivo em contínuo crescimento. Santo Inácio diz que “[...] o ser humano é criado” (EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, 23) e, por isso, participe de sua formação e aberto a inúmeras realidades que

também o ajudarão a ser quem deseja ser. Durante toda a vida, estará sujeito a provações que revelarão, em suas escolhas, o modo próprio de ser. O campo da vida será em si um aprendizado no qual seu posicionamento frente à realidade será, de alguma forma, o resultado de sua participação. Desse modo, “[...] por isso, mais, talvez, que a formação que lhes damos, vale a capacidade e ânsia de uma continuada formação que lhe saibamos inculcar” (ARRUPE, 1981, p. 14).

No tocante à abertura ao futuro, a orientação é sobre o universo tecnológico. Mesmo que na década de 1980 o revolucionário modo de comunicar-se ainda não tivesse um horizonte definido, sabia-se que a civilização da imagem, do visual, da transmissão de informação já rompia algumas barreiras e fazia-se presente e influente na vida de jovens e adultos. Já se refletia e buscava uma forma sadia de integrá-las no cotidiano escolar. Para isso, “[...] é mister que a nossa educação as tenha em apreço, para servir-se delas e torná-las conaturais aos nossos alunos” (ARRUPE, 1981, p. 15).

Homens e mulheres equilibrados. Nesse ponto, também vemos clara referência à espiritualidade de Santo Inácio ao fazer menção ao equilíbrio pessoal na vivência dos valores assumidos. Eles são potencializados pela coerência de sua prática. O que se espera é a constância de suas atitudes maduras e conscientemente elegidas. A dimensão acadêmica pode favorecer o crescimento de alguém que seja brilhante nesse campo, mas que não avançou humanamente a ponto de não se relacionar com os outros colegas. O objetivo da educação jesuítica “[...] aproxima-se mais ao insuperado homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano” (ARRUPE, 1981, p. 15).

A tecnologia também deve ser observada, quanto ao seu uso, para que não venha desumanizar o humano. Faz-se de grande importância que a educação oferecida seja capaz de salvaguardar o humanismo, sem, contudo, renunciar ao seu uso. Todos esses elementos e sua ênfase educativa poderão ser obtidos, segundo o Padre Arrupe, por meio do currículo, dos princípios e dos métodos educativos, do ensino e da própria vivência dos valores cristãos. Sinaliza, com isso, que são propósitos humanamente praticáveis, visto que são idealizados a partir de realidades concretas.

Podemos verificar nesse documento, fruto de seu pronunciamento e em outros que fará a diversas instituições educativas, que o Padre Arrupe fez importantes definições quanto à identidade do colégio jesuíta e, conseqüentemente, sobre a educação oferecida em cada um deles. Ele, o colégio, é um campo e um instrumento de trabalho apostólico no qual serão recebidos alunos de distintas classes sociais. O aluno, como podemos verificar, é o elemento central do colégio, a quem é oferecida formação integral para ser homem e mulher para os

demais. Grande é a necessidade de se buscar intensa renovação pedagógica das escolas, afastando-se do método antigo que, por muito tempo, serviu de inspiração para todo trabalho educacional.

Nesse contexto, o método inaciano, ao definir sua base estruturante como sendo de justiça, alteridade, de ética, de humanismo, entre outros, evidencia sua necessidade em ter educadores com características capazes de desenvolver e ampliar as discussões fundantes. Percebe-se que há interfaces entre o pensamento inaciano e o humanismo, que exigem formação satisfatória para o amadurecimento de tais valores nos educandos. Esse ponto é crucial para o bom andamento da intencionalidade da instituição jesuítica. Para tanto, os educadores devem conhecer a proposta, e mais, devem estar prontos para dar respostas eficazes quanto à realização das estratégias em sala.

Nesse sentido, identificar a maneira como os educadores apropriam-se e assimilam, em suas vidas, a proposta inaciana deve ter por princípio também as motivações pessoais de cada um deles. Para Nóvoa, significa “[...] dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tato pedagógico” (NÓVOA, 2009, p. 38). Trata-se de acompanhar o educador em sua gradativa percepção de sua potencialidade, como daquilo que necessita de atenção. Este é um dos pontos que sugere o método inaciano: o cuidado de todos os que fazem parte de uma instituição inaciana. Ao longo da análise da pesquisa de campo, poderá ser observada essa preocupação identificada pelos sujeitos da pesquisa.

Será necessário um intenso desejo e fomento por pesquisas de métodos atuais que possibilitarão o avanço e a renovação pretendidos. A atenção aos sinais dos tempos, visíveis nos campos sociais e culturais, será a força motriz para a abertura ao contexto de vida dos alunos. Ao definir o colégio jesuíta como uma comunidade educativa composta por diversos segmentos, é preciso que a visão de Santo Inácio seja garantida na busca pela sua excelência. Tal função recai sobre os jesuítas, presentes nos colégios, em assegurar sua inspiração apostólica e integrar os não jesuítas aos trabalhos. Ao distinguir-se pela excelência e pela inacianidade, o colégio abre-se à dinâmica externa a seus muros e com ousadia deseja melhorar sempre. Sem dúvida, esta é uma atitude de sobrevivência frente às constantes mudanças pelas quais o mundo de então é sobrecarregado e que os colégios da Ordem não estão isentos.

3.4 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Entendemos que, ao analisarmos o discurso do Padre Arrupe, sua intenção é motivar os jesuítas à frente do apostolado nos colégios. Estimulou aos jesuítas a analisar a situação real da educação jesuítica no mundo e solicitou para que elaborassem pistas para otimizar as devidas mudanças. Segundo Klein

Os participantes estavam convencidos da possibilidade de uma renovação dos colégios desde que houvesse uma retomada vigorosa da espiritualidade inaciana e da tradição pedagógica da Ordem adaptadas aos tempos modernos. Animados pelas alocações que Arrupe lhe dirigiu no início e no final dessa reunião, o grupo sugeriu a criação de um grupo de trabalho que prosseguisse aquelas reflexões. (KLEIN, 1997, p. 99 – Visão).

O que se seguiu foi a criação da Comissão Internacional para o Apostolado Educativo (CIAE), com representações de jesuítas e leigos que puderam recolher experiências de distintos colégios da Ordem em nível mundial, das quais regiram o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*. O novo documento elenca vinte e oito características da educação jesuítica, distribuídas em dez seções e mais dois apêndices: um sumário sobre a vida de Santo Inácio de Loyola e outro sobre a trajetória educativa da Companhia de Jesus.

No momento em que o novo documento sobre educação era apresentado a toda a Ordem, assumia como Superior Geral, no ano de 1983, o Padre Peter Hans Kolvenbach. O referido documento representa o desejo de renovação e ao mesmo tempo o auge da formulação pedagógica dos jesuítas nos tempos atuais. É, antes de tudo, uma renovação no interior da Ordem, como expressa o padre geral na carta introdutória: “[...] este documento pode dar-nos a todos uma visão comum e um comum sentido de nossa finalidade; pode ser também um modelo com o qual nos confrontemos a nós mesmos” (CARACTERÍSTICAS, 1989, p. 5).

Em si, o novo documento recolhe o que se esperava dele enquanto explicitação atual do que se entende por educação jesuítica. Expressa com maior clareza a visão inaciana e apresenta uma perspectiva de futuro que orienta a renovação e o desenvolvimento dos colégios da Ordem. Apresenta como característica, sem ser único, “[...] a inspiração, os valores, as atitudes e os estilos que tradicionalmente têm marcado a educação da Companhia e que devem ser característicos de qualquer autêntico centro educativo jesuíta hoje” (CARACTERÍSTICAS, n. 9, 1989). Configura-se, assim, um novo olhar sobre a finalidade, a composição, a configuração, o funcionamento e o âmbito do colégio jesuíta.

O texto de *Características* adota um estilo redacional de frases indicativas para expressar as vinte e oito características selecionadas, todas elas fundamentadas na espiritualidade de Santo Inácio, apoiadas na tradição educativa dos jesuítas e respaldadas por notas de referências. O estudo do texto possibilita compreender seu conteúdo e intencionalidade numa dupla vertente. Um documento que, apesar de não explicitar os dados considerados, começa contextualizando o trabalho educativo e reconhecendo os questionamentos que se faziam às experiências desenvolvidas nas obras educativas. Posto dessa forma, o texto torna-se compreensível para entender e interpretá-lo como documento destinado a oferecer, para os dias atuais, visão e sentido comum da finalidade dos colégios hoje.

a) Deus, criador e Senhor, está presente em nós, trabalhando em nós. Essa diretriz é fundamental no princípio e fundamento dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. Para tornar essa ideia realidade na educação, reconhece Deus presente, afirmando a bondade radical do mundo. A educação deve ser encarnada no mundo em toda a sua extensão e realidade, pois cria “[...] um senso de admiração e de mistério” (CARACTERÍSTICAS, n. 24, 1989). Deus revela-se no mistério da pessoa humana, propondo, assim, que a educação inaciana investigue o significado da vida humana e preocupe-se com a formação integral de cada aluno. Essa é uma forma de “ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus” (CARACTERÍSTICAS, n. 25, 1989).

b) Cada pessoa é conhecida pessoalmente e amada por Deus. Esse amor pede resposta, sendo expressão de liberdade radical. O crescimento pessoal no uso responsável da liberdade é favorecido pela relação pessoal entre estudante e professor. A comunidade educativa de um colégio jesuíta envolve-se pessoalmente “[...] no desenvolvimento afetivo, moral e espiritual de cada aluno, ajudando cada um deles a desenvolver um senso de autoestima e a se tornarem pessoas responsáveis dentro da comunidade” (CARACTERÍSTICAS, n. 42, 1989). Baseado nesse relacionamento, digamos, ativo de cada aluno, despertará o estímulo ao empenho de sua aprendizagem.

Por causa do pecado e dos seus efeitos, a liberdade para responder ao amor de Deus não é automática. Também essa diretriz inaciana está fundamentada no *Princípio e Fundamento dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. A liberdade desejada brota do reconhecimento de que somos influenciados pelas forças negativas, pelos falsos valores e pelas ideologias distorcidas. Para isso, faz-se necessária a verdadeira conversão pelo bom uso da liberdade conquistada. Envolve todas as dimensões da vida humana e caracteriza-se como resposta crítica diante das opções que nos são oferecidas. A educação em valores orienta os

alunos a conhecer-se e equilibrar seus impulsos, sejam eles afetivos ou materiais. Tais dificuldades são superadas por “[...] um esforço constante para reconhecer todos os obstáculos que se opõem ao crescimento” e ao mesmo que proporciona “[...] o desenvolvimento pessoal através da formação do caráter e da vontade, a superação do egoísmo, da falta de preocupação com os outros” (CARACTERÍSTICAS, n. 52, 1989).

c) A verdadeira visão do mundo está centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo. O chamado a configurar-se com a pessoa e proposta de Cristo é universal, a todas as pessoas. Por isso, os que ainda não descobriram sua vocação de serviço na vida pessoal são convidados a conhecer essa proposta, a partir da expressão cristã da fé. De forma singular, há, nos colégios da Companhia de Jesus, membros de várias confissões religiosas que são igualmente convidados e incentivados a ter a Cristo como modelo de toda vida humana. Imitá-lo concretiza-se “[...] no seguimento d’Ele e ser como Ele. Promover, compartilhar os seus valores e modo de vida em tudo que é possível” (CARACTERÍSTICAS, n. 61, 1989).

A educação jesuítica destina recursos pessoais para a atenção pastoral a todos os membros da comunidade educativa para despertar e fortalecer este compromisso de fé pessoal. O lugar dessa atenção concretiza-se no conhecimento da pessoa de Cristo “[...] através das Escrituras, dos sacramentos, da oração pessoal e comunitária, no lazer e no trabalho, nas demais pessoas, imitando o Homem para os outros” (CARACTERÍSTICAS, n. 64, 1989). O meio eficaz para conhecer a pessoa de Jesus Cristo são os *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*, que promovem e despertam a prática criativa e ousada do engajamento e do serviço nas causas humanas.

A resposta amorosa e livre a Deus é mais do que especulativa: é preciso pô-la em prática. A educação jesuítica é para o compromisso de vida ativa de serviço. A fé deve promover a justiça que vem de Deus. Deve incluir a paz que é a “[...] busca de amor e de confiança entre todos os homens e mulheres” (CARACTERÍSTICAS, n. 73, 1989). A justiça é uma virtude que deve ser praticada para a construção de uma sociedade nova, com pessoas renovadas e plenamente humanas e responsáveis. “O senso da dignidade é humana é fundamento para uma sociedade mais justa” (CARACTERÍSTICAS, n. 76, 1989). O incentivo é que se possam desenvolver seus talentos como um aspecto importante para a prática da justiça. O serviço aos outros exige a prática dos dons concedidos por Deus. Esta proposta fundamenta-se em Padre Arrupe que, como vimos, motiva a educação que forme homens e mulheres para os outros.

d) A prática e a vivência da fé. Não há fé por si mesma. Ela, necessariamente, leva ao compromisso de ação pelos outros e pela comunidade numa atitude livre, consciente e

responsável. Para Santo Inácio de Loyola, a resposta ao chamado de Cristo, como adesão pessoal e sentido de pertença à proposta de amor à humanidade, concretiza-se na Igreja católica. Adaptados a lugares e pessoas que são distintos conforme o tempo de cada uma delas, essa diretriz não pode ser considerada como exclusiva para aqueles que confessam a fé no catolicismo. Antes, é o lugar por excelência no qual Santo Inácio colocava seus talentos e virtudes a serviço. Atualmente, os colégios da Companhia de Jesus continuam sua missão a serviço da Igreja católica, como instrumento apostólico.

e) A insistência no *Magis*. Resposta de maior valor. Aspirando sempre à excelência acadêmica e humana, a educação jesuíta confronta-se com o perigo de oferecer conhecimento desvinculado com o contexto das pessoas. Esse fato seria oferecer aos alunos informações, que são em si importantes, mas que, sem o senso de realidade, é vazia. É o aspecto humano que dará sentido e lugar para que sejam desenvolvidas todas as potencialidades intelectuais dos alunos. Para entender melhor o *Magis* e de onde ele deriva, é estabelecido que “[...] é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa de sua vida, e a motivação para utilizar as qualidades em benefício dos outros” (CARACTERÍSTICAS, n. 109, 1989).

f) A colaboração de outros na missão e o sentido de discernimento. Os colégios da Companhia de Jesus adquiriram o senso de comunidade educativa no qual todos que trabalham neles são convidados a darem testemunho do ideal de instrumento apostólico. Não se concebe mais um colégio jesuíta sem a colaboração ativa dos leigos que assumem, cada vez mais, cargos de grande importância e com muita competência. A inserção destes no trabalho que exige a marca da inicianidade pede que eles sejam envolvidos nos processos pedagógicos, administrativos e pastorais. A adaptação dos meios e métodos a fim de atingir a finalidade com mais eficácia não pode ser simplesmente um fator de atualização, exige, antes, um sentido de discernimento pessoal e comunitário. Em atenção aos sinais que provam as mudanças vividas, os educadores são chamados a “[...] discernir a resposta mais concreta ao chamado de Deus e a aproveitar as oportunidades, as técnicas pedagógicas e na formação espiritual” (CARACTERÍSTICAS, n. 152, 1989).

O documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* não pode ser considerado um novo *Ratio Studiorum*. Alguns elementos centrais que distinguem esses dois documentos estão contemplados nas *Características* mesmo. Tal diferença se dá

Basicamente porque apresentam princípios pedagógicos, enquanto aquela prescrevia procedimentos. O documento é uma nova declaração dos objetivos educacionais da Companhia, é uma versão atualizada dos seus princípios pedagógicos. Oferece uma visão comum da finalidade da educação jesuítica hoje, constituindo-se num instrumento para renovação, o aprofundamento e avaliação dos colégios. (KLEIN, 1997, p. 100).

Notam-se, ainda, outras diferenças que fazem de *Características* um método inovador e singular. No entanto, não é esse o objeto de estudo aqui, mas, sim, o que apresenta e o que representa para a atual atividade nos colégios da Ordem.

Outro aspecto a ser observado é que se trata de documento iluminado pela visão e espiritualidade próprias de Santo Inácio. Aprofundando no exercício inaciano do discernimento, passa da reflexão à proposição de características peculiares aos colégios da Ordem. Tais características devem ser entendidas como verdadeiros roteiros de ação e como meios e instrumentos coerentes e eficazes para dar respostas aos desafios do contexto, no desejo de um melhor cumprimento da missão educativa. Nesses aspectos, podemos aludir àqueles defendidos pelo Padre Arrupe que afirmavam não bastar a presença de religiosos ou somente a inspiração cristã para que um colégio pudesse ser chamado autenticamente de jesuíta. É a inacianidade que faz impregnar uma predisposição positiva e uma intencionalidade declarada em determinar aquilo que faz dos colégios um autêntico meio apostólico.

Segundo Klein, o documento foi muito bem aceito a ponto de criar grande entusiasmo entre os colégios jesuítas. Sua publicação foi entendida como um novo vigor a seguir, visto que “[...] trouxe-lhes uma visão educativa atualizada e profundamente enraizada na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola. O documento foi publicado em treze línguas, amplamente estudado pelos diversos segmentos das comunidades educativas” (KLEIN, 1997, p. 101). Uma análise mais aprofundada desse entusiasmo provocado pode levar-nos a compreender que, na verdade, eram os próprios agentes do trabalho educacional que estavam sendo revigorados em seu espírito missionário. Não se nega que as atividades nos colégios precisavam ser revistas e suas metas melhor esclarecidas. Em primeiro lugar, os jesuítas estavam, também eles, desejosos de inacianidade.

Tais elementos fazem de *Características* um texto e um método sempre vivos, por meio dos quais se pode recriar o contexto social que antecedeu a sua redação, ler e refletir sobre as mudanças estruturais e sociais que hoje se experimentam e de novo colocar as tarefas educacionais pertinentes e relevantes para a formação de homens e mulheres.

3.5 PEDAGOGIA INACIANA. UMA PROPOSTA PRÁTICA

Após ressaltar o método e o espírito que guiaram a elaboração das *Características*, surgiram inúmeros questionamentos sobre o modo de aplicação e operacionalização, na sala de aula e no cotidiano escolar, dos princípios e valores enunciados. Segundo Klein, “[...] a comissão tratou de ampliar, de modo especial, a décima seção das *Características*, denominadas Alguns princípios metodológicos da pedagogia jesuíta” (KLEIN, 1997, p. 101). A décima seção não é uma diretriz como as outras, mas abre espaço para aprofundamento no campo pedagógico. O resultado final, após três anos de trabalho, foi apresentado ao Padre Kolvenbach, sob o título *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*.

O documento *Pedagogia Inaciana* (de agora em diante usaremos essa terminologia) se faz chegar ao lugar de trabalho de todos os educadores, de modo particular de professores e alunos, como estratégia prática ao ensino e aprendizagem. Falar de currículo único e que atendesse a todos os colégios jesuítas do mundo todo é algo impossível. Esse documento universaliza a inacianidade em sua prática. Essa preocupação e cuidado em oferecer, em linhas mestras, inspiração para o trabalho educacional ressalta mais uma vez como sendo

O que parece importante e de acordo com a tradição da Companhia é dispor de uma pedagogia sistematicamente organizada, cuja substância e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas. A responsabilidade de efetuar adaptações culturais se dá melhor em nível regional e local. Hoje, parece mais apropriado formular com caráter universal uma paradigma pedagógico inaciano capaz de ajudar professores e alunos a focar o próprio trabalho de tal modo que seja solidamente acadêmico e simultaneamente formador de homens para os outros. (PEDAGOGIA INACIANA, n. 3, 1993).

Configura-se, desse modo, uma perspectiva de educação que envolve a pessoa toda. Muitos elementos novos vão surgindo ao logo do documento e iniciam um processo diversificado, atendendo às distintas personalidades a serem formadas. O conhecimento mais profundo de si, a psicologia, a inserção no processo de ensino e aprendizagem, são elementos que não podem deixar de ser considerados como fundamentais dentro do ideal dos colégios da Ordem.

O modelo pedagógico adotado atualmente pelos colégios da Companhia de Jesus reafirma os processos desenvolvidos em documentos e práticas anteriores, a saber, que os *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola* são a fonte iluminadora e que do aluno formado espera-se que sejam pessoas equilibradas, intelectualmente competentes, abertas ao progresso, religiosas, amáveis e comprometidas com a justiça no serviço generoso do povo de Deus. O Padre Kolvenbach complementa esse enfoque educativo e diz que “[...] pretendemos

formar líderes no serviço e imitação de Cristo Jesus, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão” (KOLVENBACH, 1993, p. 24). Tal discurso pode parecer demasiado religioso e não cativar aqueles que não professam nenhuma fé ou aos que professam uma fé diferente do cristianismo. No entanto, o documento esclarece o caráter universal de sua proposta ao afirmar que

A pedagogia Inaciana inspira-se na fé. Todavia, mesmo aqueles que não compartilham esta fé podem descobrir neste documento expectativas válidas, já que a pedagogia que se inspira em Santo Inácio é profundamente humana e, por conseguinte, universal. (PEDAGOGIA INACIANA, n. 6, 1993).

O presente modelo contempla cinco etapas: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, voltadas a estratégias práticas referentes ao ensino e à aprendizagem. Não se trata de uma fórmula didática aplicável a todo ato de ensinar, mas ajuda a organizar a ação educativa.

3.5.1 Contexto

Na linguagem pedagógica, o contexto é uma forma de considerar o valor enquanto pessoa e dar atenção e cuidado pessoal com cada aluno em particular. O lugar das experiências humanas dá-se em circunstâncias que as condicionam ou as determinam. Não se trata aqui de entrar nos detalhes de cada lugar, mas destacar a ideia de que todo ato educativo recebe de seu contexto um marco de referência que assinala sua orientação para os fins e delimitam suas possibilidades. O contexto social em que nos situamos, a situação socioeconômica familiar, os valores dominantes condicionam a mentalidade dos estudantes. Construir carreira e ganhar dinheiro para obter uma boa posição social são alguns dos elementos que estão presentes como influenciadores do porquê de estudar.

O conteúdo do contexto é um conjunto articulado de fatores, em nível pessoal, grupal, institucional. Devemos considerar ainda que esses elementos articulam-se com um mundo que muda muito rápido e o processo educativo só ocorre em um mundo concreto, palpável, histórico. Fatos isolados muitas vezes não oferecem matéria suficiente para que se possa analisar o processo educativo de uma pessoa em particular.

É a pessoa do aluno, temperamento, caráter, gostos, dificuldades, saúde, formação e vivência religiosa, família, ambiente social, bairro, nível socioeconômico. Ou seja, a trajetória escolar do aluno, com sua história educativa, tipo de inteligência, estilo de aprendizagem, gostos, aptidões, conhecimento prévio do tema que estudará. (KLEIN, 1997, p. 123).

O contexto pessoal compreende a aprendizagem prévia do aluno e sua disposição intelectual e humana diante do tema ou matéria a ser estudada. O professor é convidado a conhecer seus alunos mediante conversa pessoal com a equipe pedagógica e administrativa, para que possa ter maiores informações acerca da realidade daqueles com quem estará ligado no processo educativo. Toda informação colabora para que se possa ter uma visão do todo da pessoa e de seus aspectos positivos e negativos, que devem ser trabalhados e levados em consideração. O professor terá elementos para reconhecer nos alunos

Os conceitos adquiridos previamente que trazem consigo no início do processo de aprendizagem. Seus pontos de vista e os conceitos que possam ter adquirido em aprendizagens anteriores, ou ter captado espontaneamente do seu ambiente cultural, bem como os sentimentos, atitudes e valores que dizem respeito à matéria que vão estudar, tudo isto faz parte do contexto real do ensino. (PEDAGOGIA INACIANA, n. 41, 1993).

O contexto pessoal daquele que aprende está incluído na *cura personalis* que Santo Inácio propõe. *Cura personalis* significa cuidado, atenção particular com a pessoa, nesse caso, os alunos. Esse aspecto desenvolve-se na relação professor e aluno, que favorece o crescimento no uso responsável da liberdade. O professor torna-se, nesse sentido, mais que um profissional acadêmico, mas um sujeito implicado na vida dos alunos e a desenvolver o interesse pelo desenvolvimento pleno deles.

O contexto pedagógico da aprendizagem pode-se iluminar a partir da forma como Santo Inácio preparava cada pessoa para a oração durante os *Exercícios Espirituais*. A pessoa era orientada que, na noite anterior, preparasse a oração para o dia seguinte, pensando nos pontos mais importantes e que deveriam ter maior atenção e dedicação maior de tempo. Aplicando essa iniciativa ao tema pedagógico, a leitura prévia do material que vai ser trabalhado posteriormente na sala de aula pelos alunos constitui-se em componente essencial do processo da aprendizagem. Os pontos a serem destacados podem ser aqueles que não foram suficientemente entendidos, como aqueles facilmente assimilados.

3.5.2 Experiência

Consideramos a experiência como fonte de conhecimento porque consiste em internalização, em apropriação da realidade. Não se trata somente da experiência externa, aquelas que provocam em nós os objetos do mundo material, mas também os fenômenos da própria atividade interior das pessoas. Fundamenta-se também nos *Exercícios Espirituais*, quando recomenda à pessoa que os faz “[...] saborear as coisas internamente” (EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, 2). O que se segue é atitude de afeto, reflexão e de assimilação pessoal. Experimenta-se algo quando se sente e é por meio dos sentidos que conhecemos a realidade.

Para que professores e alunos entendam a dinâmica do saborear internamente, é necessário que se tenha conhecimento dos fatos, dos conceitos e dos princípios. Somente a título de ilustração, a psicologia educativa atual estuda o funcionamento do cérebro humano durante a aprendizagem e elabora modelos explicativos sobre ele. Fala-se em dois hemisférios cerebrais: esquerdo mais racional e direito mais intuitivo. Afirma ainda que temos duas memórias: uma espacial e outra classificadora. Na aprendizagem, compreende-se a pessoa toda com ambos os hemisférios cerebrais. Já nos *Exercícios Espirituais*, Santo Inácio utiliza distintos modos de orar, que se apoiam na utilização do cérebro todo e da memória toda.

A experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual. A aprendizagem, por meio da experiência e a partir dela, exige que a pessoa envolva-se com suas dimensões intelectuais e afetivas, direta e indiretamente. No momento em que há envolvimento com o objeto em questão, a resposta em relação a sua apreensão torna-se mais efetiva. A importância da experiência interna do aluno confere-se à medida que ele desenvolve sua capacidade de assimilação e saiba utilizá-la a seu favor. Desse modo, “[...] se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual a aprendizagem não moverá ninguém à ação” (PEDAGOGIA INACIANA, n. 42, 1993).

Outra chave é que a aprendizagem converta-se em experiência significativa. Isso ocorre quando a experiência de aprender desenvolve potencialidades físicas, emocionais e espirituais da pessoa que aprende. Espera-se que, de alguma forma, a aprendizagem possibilite processos de transformação no aluno: fazer-se pessoa melhor, mais interessada, mais sensível, mais curiosa, mais disposta a continuar conhecendo, da mesma forma que a experiência é significativa quando é capaz de promover valores possíveis de serem colocados em prática. Os valores, que a educação jesuíta quer transmitir por meio da experiência, afirmam a dimensão religiosa do ser humano. Que sejam para as outras pessoas na dimensão de serviço solidário e promovam o sentido positivo da vida e da história humana.

Resulta afirmar ainda que

O empenho intelectual do aluno no estudo de determinado objeto, na busca de compreensão de seus elementos, relações e estrutura, vai produzindo indagações de cunho afetivo, importantes para captar o significado cabal da experiência. Contudo, esta fase, indispensável para o conhecimento humano, ainda é de indagações, com sensibilidade, mas sem conclusões, sem descoberta de significado. (KLEIN, 1997, p. 125).

A tarefa do professor na etapa da experiência é ajudar o aluno a aguçar seus sentidos internos e externos, de modo a envolvê-lo no processo do conhecimento. Uma vez iniciado nesse processo, não será novidade para a sala de aula todas as atitudes e interrogações advindas dele. “Por isso devem os alunos ficar atentos e ativos para conseguir a percepção e a compreensão das realidades humanas que os questionam” (PEDAGOGIA INACIANA, n. 46, 1993).

3.5.3 Reflexão

A *Pedagogia Inaciana* reconhece que as escolas pedagógicas formulam diversas interpretações para os termos experiência e reflexão, mas não os utilizam numa concepção distinta para enfatizar a dimensão personalizante e ativa do processo de ensino e aprendizagem. “Experiência e reflexão são duas etapas inseparáveis no itinerário educativo, não podendo existir uma sem a outra” (PEDAGOGIA INACIANA, n. 58, 1993).

A reflexão contribui para aprofundar e qualificar as experiências e, conseqüentemente, para dar sentido à vida e para enriquecê-la. A reflexão ajuda ainda cada aluno a conhecer-se a si mesmo e a conhecer melhor a realidade. Podemos fazer ainda referência ao primeiro elemento “contexto”, em que o professor é convidado a conhecer para melhor incentivar seus alunos. Agora é a vez de o aluno olhar com interesse maior sobre as dimensões de sua vida, com aspectos mais detalhados, para que possa tomar consciência dos fatos que o cercam e refletir sobre eles.

Para Santo Inácio, a reflexão tem uma extraordinária função. Não se podem alcançar os fins dos *Exercícios Espirituais* sem o exercício constante da reflexão iluminada pela fé. No modo inaciano de rezar, a pessoa é conduzida a fazer a eleição de vida conveniente e isso não se pode fazer sem considerar o passado, o presente e o que o futuro demandar. Não se trata de refletir como ato meramente intelectual. É preciso pôr o afeto para que se conclua como uma atividade é realizada pela pessoa em sua plenitude.

Em termos pedagógicos, o processo reflexivo é realizado na parceria professor e aluno.

O professor assenta as bases para que o aluno aprenda como aprender, iniciando-o nas técnicas reflexivas. Deve-se ativar a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos, para captar o significado e o valor essencial do que se está estudando, para relacioná-los com outros aspectos do conhecimento e atividade humana, para avaliar suas implicações na busca contínua da verdade. A reflexão deve ser um processo formativo e livre, que construa a consciência dos alunos. Consequentemente, o papel do professor é garantir que haja oportunidades de desenvolver a imaginação e exercitar a vontade dos alunos, a fim de que optem pela melhor linha de atuação, que derive do aprendido e seja seu efeito. (PEDAGOGIA INACIANA, n. 28, 1993).

O aluno é instruído a verificar o processo percorrido e a encontrar os elementos mais significativos dele. Segundo esse método, não se trata apenas de pensar sobre o objeto estudado, mas é estratégia educativa para descobrir suas implicações axiológicas. Segundo Klein, está associado ao processo de discernir, que Santo Inácio utilizou muito para esclarecer suas motivações internas.

3.5.4 Ação

A ação é uma consequência lógica e necessária da vida interna das pessoas. É uma expressão de si mesmo, que permite uma tomada de consciência privilegiada sobre o que somos, o que pensamos e o que sentimos. Além disso, a ação permite-nos tomar consciência de que somos humanos em meio a outros e em estreita relação com eles e outros seres no mundo. É a prova dos afetos, demonstram para que lado indicam nossas preferências e opções. Configura-se, desse modo, como resultado indispensável de quem a entende como reflexo do crescimento e amadurecimento, que leva ao compromisso.

Segundo a *Pedagogia Inaciana*, ação refere-se ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se referiu, bem como a sua manifestação externa. Por isso supõe duas etapas:

Opções interiorizadas: brotam da compreensão intelectual da experiência e dos sentimentos que dela despertam. Após a reflexão, o aluno considera a experiência de um ponto de vista pessoal e humano. À luz desse movimento é que a vontade sente-se mobilizada. Os conteúdos percebidos e analisados conduzem a opções concretas, externalizadas, expressões, atitudes e valores internalizados que vão sendo incorporados à pessoa e que impulsionam a uma atuação de acordo com as convicções.

Toda ação humana é intencional e atuamos para expressar o que somos e na esperança em alcançar algo que não temos. A intencionalidade do método pedagógico inaciano, assim como no método inaciano de oração, é direcionada à mudança interior da pessoa, que logo se refletirá em ações concretas. Trata-se de ordenar a vida, os afetos, tornando-se “pessoa para os outros”. No entanto, cada aluno é distinto em personalidade e processos. A atitude do professor diante dessa diversidade deverá ser de acolhida e inspirar total confiança.

3.5.5 Avaliação

Não se trata de prestação de conta pessoal para avaliar o nível de comprometimento ou de conhecimento adquirido das matérias. Trata-se, melhor, de verificar o “[...] progresso nas atitudes, prioridades, modos de proceder” (PEDAGOGIA INACIANA, n. 64, 1993). Uma educação que se dedica também aos valores, de formação de pessoas para o serviço dos outros, elabora a avaliação de modo integral. Deve-se levar em conta o processo como um todo, sem enfatizar ou excluir elementos que podem ser considerados no momento da avaliação. Segundo Klein, “[...] a avaliação do processo formativo deverá incluir os conteúdos e as atividades da aprendizagem, no decorrer e no final da sua realização, para verificar se são mais condizentes ao fim pretendido” (KLEIN, 1997, p. 130).

Elemento constante nesse processo avaliativo é a possibilidade de realizar modificações, conforme a recepção, rejeição ou não envolvimento dos alunos. Caso não haja satisfatoriamente resultados que possibilitem o progresso formativo, há a chance de reforçar algum elemento, ou até mesmo trocá-lo por outro mais eficaz. Note-se que a avaliação deverá então constar já no planejamento, devendo ser executada sempre que houver necessidade. A autoavaliação dos alunos, ou seja, a participação em seus processos de educação vai sendo introduzida na prática educativa. Ela deseja estimular e promover o sentido de responsabilidade e autonomia. No entanto, o aluno deve estar preparado intelectual e pessoalmente.

A avaliação, no método jesuítico, vai além dos aspectos acadêmicos, pois se preocupa com o desenvolvimento equilibrado dos estudantes. É essencial que o horizonte seja a busca pelo *Magis* do trabalho educativo, “[...] de forma que se persiga a excelência em todas as áreas da vida escolar, nas circunstâncias concretas em que ela se encontram e com o equilíbrio no desenvolvimento dos alunos como pessoas para os outros” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 63). Mas é preciso estar atento para que o processo avaliativo não provoque desânimo naqueles que precisam avançar em alguma área ou temática. Não convém estipular

grau ou intensidade de aproveitamento, desempenho e compromisso que seja motivo de sentimento de inferioridade. A medida ou padrão é o máximo que cada pessoa pode atingir após todo o seu empenho no trabalho que assumiu (KLEIN, 1997, p. 131).

Após percorrer o caminho de identificação do método inaciano para atualização de suas atividades educacionais, nas quais se desvela a epistemologia básica do referido método, cabe-nos agora caracterizar a visão de ser humano que emerge de tais concepções. Não se trata de nomear a Inácio de Loyola como antropólogo, mas ao analisarmos a visão de aluno e a visão de pessoa em processo de formação no ambiente jesuíta, podemos identificar traços que fundamentam a existência de uma antropologia inaciana. Desde sua experiência pessoal, bem como o ideal da educação nos colégios da Ordem, o ser humano está sempre em movimento, em busca de algo.

3.6 ANTROPOLOGIA INACIANA: VISÃO DE SER HUMANO

No método inaciano de educação, podemos encontrar o ser humano carente e inconcluso. A expressão fundamental, na qual se fundamenta a busca permanente, encontra-se nos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio* “[...] o ser humano é criado para [...]” (EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, 23). Conhecido como o texto do Princípio e Fundamento no livro dos *Exercícios*, essa concepção do ser humano insere-se também na reflexão séria e sistemática acerca do homem, realizada pela antropologia filosófica. Utilizando-se do método transcendental de conhecimento do ser, podemos afirmar que a antropologia, presente no método inaciano, é filosófica cristã por se tratar da identificação e do desejo de imitar o modelo de ser humano perfeito: o Homem Jesus Cristo.

O que caracteriza a antropologia inaciana não são tanto afirmações teóricas e considerações intelectuais, mas a figura do ser humano que se forma no encontro da Humanidade de Jesus Cristo. Afirmar que o ser humano é criado, na concepção inaciana, tem por base o processo de humanização constante que envolve a todos. Esse processo ganha lugar no interior da pessoa humana quando encontra abertura e liberdade radicais, constituindo-se a condição de possibilidade para o surgimento do ser humano configurado com o Transcendental. A pessoa é criatura no presente e é única diante do Deus que a criou. Ele é o fundamento da nossa existência e para Ele direcionamos nossa disposição em alcançar a completude de nosso ser.

A linguagem utilizada até então pertence ao âmbito espiritual do método inaciano. Importa, agora, entender tais concepções à luz do método pedagógico inaciano e inserir essas formulações no campo da educação. Dessa forma, podemos afirmar que:

O ser humano está constituído por um conjunto dinâmico de operações intencionais e conscientes estruturadas em quatro níveis: o da experiência, o da relação, o do juízo e o da decisão, inter-relacionados e recorrentes que produzem resultados cumulativos e progressivos. Esta concepção nos permite explicar e delimitar tecnicamente os elementos centrais do paradigma inaciano. (SUBSÍDIOS, 1997, p. 56).

Sem perder de vista a experiência da antropologia filosófica cristã, podemos compreender a finalidade da educação jesuíta como meio para que o ser humano possa configurar-se com o seu Criador e Senhor. Tal afirmação não exclui todas aquelas que já foram explicitadas acima, naquilo que se refere ao objetivo principal da existência dos colégios da Ordem. Devemos entender a citação como um novo modo de entender o ser humano, diferente daquele que diz ele ser racional, substituindo pelo modelo existencial.

A humanização é o caminho pelo qual o ser humano pode chegar a ser consciente de si mesmo, de sua forma de atuar e pensar, quando desenvolve todas as suas capacidades pensando não somente em si mesmo, mas de acordo com as necessidades dos demais.

A vocação ontológica do ser humano é a humanização, isto é, ele não é chamado somente a ser, mas a existir. Isso significa existir culturalmente. O ser humano, além de ser no mundo, existe no mundo. Ele existe no sentido de que é capaz de refletir a respeito do mundo e do que ocorre no mundo. No entanto, o ser humano é capaz de fazer cultura, é capaz de transformar a natureza e inventar o seu modo de ser. Entre o homem e o mundo estabelece-se uma relação dialética, na qual somente o homem é consciente de seu ser inacabado. “O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2011, p. 50). O saber-se inacabado possibilita-lhe uma reflexão crítica sobre si mesmo e uma abertura em direção ao mundo, também inacabado, que se torna objeto a ser humanizado e palco da sua humanização.

O homem inacabado não é uma ideia, mas a constatação de uma existência histórica, situada no espaço e no tempo, em devir, vocacionado ontologicamente a ser mais. É esse homem histórico, o sujeito e o objeto da educação, como processo permanente rumo à liberdade. O fato de ser inacabado coloca o homem em permanente busca de sua humanização. Nessa abertura, ele se encontra sempre diante de duas possibilidades: humanizar-se ou desumanizar-se. Humanização e desumanização, dentro da história, num

contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades de homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

A consciência do inacabamento do ser humano por parte do professor gera o saudável desconforto de sua responsabilidade em relação ao ser inconcluso do educando. Esse ponto é desafiador ao método inaciano, pois exige compromisso. A formação permanente oferecida aos professores que fazem parte dessa proposta deve ser capaz de responder às questões relevantes da atualidade: sociedade em rápida mudança, educação como utilitário para o bem-estar na vida, uso de tecnologias como meio de conhecimento, indiferença às questões ecológicas, entre outras. Ao método inaciano cabe fazer coro com a pedagogia de Freire: “[...] sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (FREIRE, 2011, p. 52).

Para o filósofo jesuíta Lima Vaz, o ser humano é capaz de promover o lugar por excelência no qual se dá a interação com os seus iguais. Trata-se da relação recíproca de intersubjetividade como forma singular de participação na história do outro. Uma afirmação antropológica de base é a de que o homem é um ser-com os outros no mundo. Ao tematizar os fenômenos que caracterizam o modo propriamente humano de ser no mundo, o autor apresenta a tese de que o homem é um ser radicalmente aberto e essa abertura é possibilitada pela sua liberdade originária e pela capacidade autorreflexiva. Nesse sentido, faz-se necessário que a relação com o outro tenha mediação que efetive o diálogo de ambos. Desse modo,

O aparecimento do outro no horizonte da intencionalidade do eu tem lugar, por conseguinte no médium da linguagem entendida no seu sentido mais amplo como estrutura significante que se diferencia em múltiplas formas, desde a postura corporal e o gesto até a prolação da palavra e a articulação do discurso, em particular do discurso de interlocução. (LIMA VAZ, 1992, p. 50).

Assim, em relação ao mundo, surgirão as experiências objetivas do ser humano. Em relação aos outros, surgirão as experiências intersubjetivas, com todas as múltiplas regulamentações da sociedade com as quais se decide, por exemplo, sobre a distribuição dos bens produzidos e sobre as relações de direito, as relações de independência, de injustiça, de exploração e de domínio. Em relação a si mesmo, o ser humano fará as experiências subjetivas pelas quais ele tentará realizar essa abertura radical e em relação ao Absoluto, o ser humano realizará a experiência de transcendência.

Em conformidade com essa antropologia, o ser humano, enquanto pessoa, é um ser de relações que marca a sua existência desde o nascimento, de modo que a realização humana deve passar, necessariamente, pela concretização de suas relações, isto a nível objetivo, com

o mundo; a nível intersubjetivo, com o outro; a nível subjetivo, consigo mesmo e a nível transcendental, com o Absoluto. É na complexidade e justiça dessas relações que o ser humano elabora sua identidade pessoal e coletiva e define seu projeto de vida de ser livre.

Aqui, as palavras do Padre Arrupe ajudam-nos a perceber como se concretiza a integração da pessoa formada segundo o método inaciano e as reais necessidades que se apresentam como desafio: “[...] que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade?” Nota-se que o centro da atividade dos colégios da Ordem, continuamente, é o ser humano enquanto capaz de promover espaços de mudanças pessoais e estruturais da realidade. Essa transformação pessoal dá-se na sua experiência com a proposta humanizadora cristã. Em nossa realidade, podemos interpretar o processo de humanização como o “serviço da fé e a promoção da justiça”, que tem sido a representação das necessidades atuais da humanidade, segundo a Companhia de Jesus.

Nesse sentido, a categoria de intersubjetividade encontra lugar propício para ter sua prática em meio aos membros da comunidade educativa jesuíta. A relação com o outro, que interage com o sujeito igual a si, pode originar buscas por relações justas, pautadas pela ética que norteia a conduta de ambos. O método inaciano, sendo ele todo permeado por forte sentido de humanismo, compreende o desejo da humanidade carente pelas experiências fraternas entre os iguais e oferece os instrumentos para a sua realização. Dito de outra forma, a humanização da humanidade passa, necessariamente, pelo princípio de igualdade e pela ética nas relações. Acima de tudo, são elementos fortemente marcados pela abertura do ser humano, que encontra no método inaciano empenho de tornar o desejo em realidade.

É importante que façamos a pergunta sobre a realidade atual em que o método inaciano encontra o ser humano e, com ele, atua na perspectiva de mudança. No decorrer das últimas décadas, uma trajetória de mudanças ocorreu, em que a razão humana em ascensão, desde a influência do racionalismo de Descartes, foi cedendo lugar ao mercado, que foi solidificando-se como o centro por onde gira a sociedade atual. Pode-se dizer, de um modo metafórico, que a igreja (templo) era o espaço físico simbólico do teocentrismo e a universidade, do antropocentrismo. Nesse novo contexto, o *shopping center* é, sem dúvida, o lugar de maior significado para a pós-modernidade, regida e dominada pelas leis do mercado em ascendência, o qual tem como principais elementos o individualismo, o consumismo e a transitoriedade. Nessa economia de mercado, tomam corpo as atitudes de indiferença, banalização da vida e, principalmente, a negação do outro.

Nossa realidade imediata revela a sociedade fortemente marcada pela cultura ou anticultura da imagem, do descartável, do imediatismo e da satisfação obsessiva das

carências. Pessoas que aos poucos vão perdendo a sensibilidade frente às realidades de sofrimento e dor, bem como a capacidade de se alegrar na simplicidade.

O homem contemporâneo vem afirmando-se pela valorização da individualidade, pela afirmação da sua autonomia, pela fundamentação da sua ação na racionalidade. Contudo, esses valores apresentam-se também sob a forma de reducionismos, que acarretam uma série de dificuldades: o individualismo, o subjetivismo, o relativismo, o pragmatismo, o racionalismo. Parece que se perdeu a resposta à pergunta pelo sentido da vida, no entanto continuamos a perguntar o “para quê” existimos e a produzir meios para fins sem sentido. Segundo Lipovestky,

Enquanto o sentimento de vazio aumenta, multiplicam-se comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo da falta de objetivos e de sentidos. Isso posto, esse modelo que sublinha o fundamento ontológico da crise do mundo moderno é uma etapa que agora se acha transposta. Pois a desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, mas da desintegração dos pontos de referência sociais mais comuns, mais básicos, provocada pela nova organização do mundo. (LIPOVESTKY, 2011, p. 31).

Essa desorientação contemporânea é percebida também na maioria das pessoas pela falta de uma abertura intencional, ou seja, a falta de capacidade de comunicação. Estamos cada vez mais isolados e sozinhos, mesmo morando em grandes aglomerados e cruzando diariamente com milhares de pessoas. O ser humano, como diz Bauman, tornou-se alguém sem vínculos, sem ligações indissolúveis e definitivas. As relações são cada vez mais ambíguas, são relacionamentos de bolso, das quais se pode dispor quando necessitamos para satisfazer nossos caprichos egoístas.

Percebemos também que esse sujeito líquido “[...] é igualmente alguém sem autonomia, sem liberdade”, sem habilidade e sem competência para intervir no momento certo e transformar a realidade. Portanto, um sujeito sem sentido e com uma vida sem sentido. E, por essa razão, ainda segundo Bauman, um ser humano paralisado, incapaz de decidir e de agir. Por esse motivo, alguém refém do temor e sem esperança: um permanente fugitivo. Para esse fugitivo, a única atração é a ausência de qualquer tipo de compromisso e a vida não tem nenhum sentido porque ela é apenas a somatória de momentos e nada mais. Sobre essa crise de sentido, Lima Vaz afirma:

O espetáculo que nos oferece a modernidade ao mesmo tempo triunfante e em profunda crise, é o desencadear-se aparentemente incontrolável do não-sentido da violência e da morte: violência brutal das armas e dos meios de destruição de massa, violência sutil da propaganda e da manipulação da informação, violência cega do terrorismo, violência silenciosa e universal da injustiça nas relações políticas, sociais e econômicas entre indivíduos, grupos e nações. (LIMA VAZ, 1997, p. 174).

Diante dessa constatação, o filósofo responde positivamente ao compreender um momento de *crisis* como oportunidade de superação. Bauman chamou de essa fase de “época de maturação”, pois a própria decadência de uma época saturada aponta para a sua superação (BAUMAN, 2003, p. 40). Isso significa que não se deve ser tão pessimista, pois se sabe que a história da humanidade é oscilante. É, pois, nesse contexto e nessa perspectiva que se afirma a abertura da pessoa como ser de relações, capaz de garantir a harmonia e tecer a cultura da solidariedade, abrindo espaço em busca da liberdade e da verdade sobre si mesmo e sobre o que lhe cerca. Esse é o grande desafio da sociedade contemporânea: encontrar meios para estabelecer e construir a comunidade ética universal.

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PEDAGOGIA INACIANA. PESQUISA DE CAMPO

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta análise tem lugar a partir das entrevistas realizadas com professores do ensino médio de um colégio jesuíta, situado na cidade de Curitiba – Paraná. Concebemos a entrevista como sendo semiestruturada, ou seja, foi utilizado roteiro previamente elaborado. Para Triviños, a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos entrevistados. O foco principal seria colocado pelo entrevistador. O autor afirma ainda que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Essa atitude possibilita a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

A importância desse estudo insere-se no processo de construção da prática e da profissionalidade docente, seja ela pessoal ou coletiva, em toda a sua trajetória. Daí a importância de estabelecer um diálogo entre as múltiplas dimensões da formação dos professores no contexto educacional e das pesquisas acadêmicas em torno do conceito de formação permanente, do professor reflexivo e pesquisador. Esses conceitos estão presentes na concepção de educador da escola lócus da pesquisa de campo.

Dadas às características do objetivo desse estudo, desenvolveu-se uma abordagem qualitativa, modalidade de um estudo de caso, focando como campo de estudo o processo de formação continuada dos professores já mencionados anteriormente. Atualmente, as séries que compõem o ensino médio reúnem um total de 32 professores. Destes, foram selecionados 11, obedecendo ao critério de estar há mais de cinco anos lecionando na escola. Consideramos esse critério como necessário para que o professor possa formar sua opinião sobre o tema da pedagogia inaciana. Outro critério de seleção foi a não centralidade de professores em uma disciplina específica, ou seja, a maioria das disciplinas (matemática, biologia, história, língua estrangeira, etc.) tiveram seus docentes incluídos na pesquisa.

Outra característica que merece atenção é que todos os sujeitos da pesquisa são leigos, ou seja, obedecem ao critério da apropriação do método proposto no objetivo, não tendo conhecido o método inaciano antes de ingressarem na instituição jesuítica na qual trabalham.

Todos são graduados, com licenciatura, na disciplina que lecionam. Nem todos possuem mestrado ou doutorado. Nenhum religioso jesuíta participou como sujeito, pois se julga que o processo de imersão no método inaciano destes se dá em espaços e com estratégias anteriores ao ingresso em escolas da Ordem.

Ao longo da pesquisa, utilizamos como instrumento o questionário e os professores foram nomeados por letras do nosso alfabeto, a fim de manter o seu anonimato durante todas as fases do levantamento de dados e sua posterior análise. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos professores (Anexo II), demonstra a preocupação e o cuidado com os sujeitos envolvidos, em sua dimensão ética e sigilo dos dados. Os elementos que surgiram a partir da pesquisa são de grande importância para a elaboração desse trabalho, permitindo a relação entre os elementos teóricos e práticos. Além disso, em termos metodológicos, a vinculação de um lugar educacional permitiu que a pesquisa se tornasse realmente significativa, colaborando de modo epistêmico para o avanço do conhecimento em questão.

Os professores participantes da entrevista foram convidados pessoalmente pelo entrevistador. Todos demonstraram interesse na participação e compreenderam a importância e a relevância da entrevista para obtenção de dados que favoreçam a pesquisa. A entrevista foi gravada em áudio, o que favoreceu maior captação de detalhes que são esclarecedores naquilo que diz respeito ao conhecimento adquirido na formação continuada e a maneira como ele é colocado em prática. A entrevista aconteceu nas dependências da escola lócus da pesquisa, por se tratar de ambiente familiar aos entrevistados e ao entrevistador, assim como facilitar o tempo disponível a cada um.

Ao proceder dessa forma, pesquisa com educadores, entendemos que os sujeitos da construção do conhecimento na educação escolar não podem estar à margem do próprio conhecimento produzido acerca das questões da educação, isto é, devem estar intimamente relacionados com a pedagogia inaciana. Não se admitem especialistas que não contemplem o contexto da realidade e que não conheçam a necessidade real da educação. Dar voz ao educador inaciano é deixar que este manifeste o conhecimento, ou a falta dele, que se apropriou no percurso feito até o momento. Ao mesmo tempo, é oferecida, a ele, a oportunidade de refletir sobre seus conceitos e seu agir no ambiente no qual realiza a sua função docente. Esse é um dos objetivos da formação continuada oferecida aos educadores de instituições jesuíticas: que a formação seja alicerçada numa reflexão na prática e sobre a prática.

Da mesma forma, não é possível pensar um educador descontextualizado de sua vida pessoal. Antes de tudo, o professor está num constante fazer-se e constituir-se, de modo que

suas experiências são tecidas num mundo vivido dentro do espaço e tempo próprios. O saber e as representações oriundas do contato com o mundo não se constituem em mera intuição ou especulações que emergem do vazio. Essa afirmação confirma mais uma vez que o professor é sujeito efetivo no mundo pautado pelos avanços e desafios. Ele é sujeito sociocultural e o processo de envolvimento com seus pares confere singularidade na e pela relação. Pensar o professor é pensá-lo, também, na relação com os alunos em cotidianos escolares, mediada pelo conhecimento.

Aos poucos, a pesquisa revela-se como um modo de identificar o humano que tem por tarefa ensinar. Daí surgem novas formas de ver a relação ensino-aprendizagem sob a ótica da identidade do professor. Como se sabe, o envolvimento humano que caracteriza a prática de educar não dispensa a grande marca de conteúdo ético, moral, político e ideológico. Tal prática revela em seu processo a distinção do professor que coloca em pauta os juízos de valor que cada um traz consigo e que, de alguma forma, são transmitidos em sala de aula. Segundo Padre Kolvenbach, “[...] existe a convicção de que no ensino não há aspectos neutros, como tampouco nas chamadas ciências duras. Todo ensino infunde valores” (KOLVENBACH, 1989, p. 110).

Com esse estudo, que se caracteriza pela análise do processo de formação continuada dos professores da escola lócus da pesquisa, podemos continuar aprofundando-nos no conhecimento da identidade do professor. Tratando-se de formação que contempla o profissional e o humano, uma instituição jesuítica deve privilegiar que seus educadores sejam capazes de se apropriar dos elementos que são essenciais e distintivos no seu modo de educar. Eles devem ser capazes de inserir em seu método próprio de sala de aula as características que revelam o diferencial iniciano.

Para oferecer aos seus educadores formação adequada e que contribua para melhor desenvolver sua missão, a escola jesuítica em questão apoia-se em teorias pedagógicas que norteiam todo o trabalho realizado. Isso garante que sejam levados em conta o cotidiano da prática educacional e a realidade histórico-social, como explica Romanowski,

O processo de constituição da identidade profissional é de desenvolvimento permanente, coletivo e individual, no confronto entre o velho e o novo, frente aos desafios de cada momento histórico. Essa identidade contém, concomitantemente, à unidade de ensinar, uma multiplicidade de abrangências pela natureza da educação como prática social, como uma teia de interesses, significados e possibilidades. Além disso, a educação como prática social incorpora significado social para esta profissão. Implica em compromisso, cientificidade, coletividade, competência e comunicabilidade. Torna-se inadmissível um professor realizar o ensino mecanicamente. (ROMANOWSKI, 2006, p. 21-22).

Segundo a autora, aspectos relevantes da educação não podem ser substituídos pela falta de capacidade de o professor atualizar-se e inserir-se no processo histórico de mudanças e nas implicações sociais que cada tempo apresenta, fato que exige do educador constante reflexão sobre a realidade e sobre si mesmo, para compreender as exigências humanas e sociais do conhecimento.

Existe ainda outro aspecto da identidade do professor analisado por Genescá, no tocante à vida e à pessoa do educador. Segundo ela, a prática docente não é uma situação homogênea. Cada um produz sua maneira de ser professor: “[...] é impossível separar o eu profissional do eu pessoal. A maneira como cada um de nós ensina é diretamente dependente daquilo que somos como pessoa, enquanto ensinamos” (GENESCÁ, 1998, p. 120). Todo professor é exigido em suas opções, que são reveladoras da maneira de ensinar, que por sua vez releva a maneira de ser.

4.2 FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES SEGUNDO O MÉTODO INACIANO

Para que se possa alcançar o objetivo posto pelo método inaciano de educação, é preciso que sejam empregados todos os meios necessários para seu êxito. Desde que a Ordem iniciou o processo de reestruturação de seu fazer pedagógico, protagonizado pelo Padre Pedro Arrupe, inúmeras vezes e em distintos momentos procurou-se centrar as reflexões no contexto vivido. Esse apresentava desafios e possibilidades para maior compreensão dos passos a serem dados e as decisões a serem tomadas.

Diante dos desafios e das possibilidades postos na reflexão, é preciso avançar pelo campo de ações educativas que apontem para novos rumos a serem tomados. Tais ações são definidas pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP) do colégio lócus da pesquisa e configura-se como o documento com maior incidência sobre o fazer pedagógico dele. É importante ter presente a maneira como a prática pedagógica dos professores é desenvolvida. Assim, dar enfoque aos elementos centrais do PPP possibilitará compreender a maneira como o colégio dá continuidade à formação de seus professores.

As estratégias de formação de professores utilizadas pelo colégio, lócus da pesquisa, que naturalmente faz parte da Rede Jesuíta de Educação, pertencem a um projeto maior. Elas são definidas pelo Projeto Educativo Comum (PEC), definido para todos os colégios jesuítas da América Latina e pelo Projeto Político-Pedagógico do colégio em questão. Isso garante visão maior de contexto e de pessoa, salvaguardando as devidas características peculiares que

cada realidade contém. Cada instituição precisa efetivar a formação de seus professores, tendo em vista o perfil do estudante a que se propõe formar. Para tanto, segundo o documento, é preciso colocar o professor em constante sintonia com aquilo que se desenvolve na escola.

Como instrumento apostólico, o colégio jesuíta desenvolve suas atividades obedecendo às diretrizes e aos princípios que visam à formação da pessoa que possa trabalhar para a construção da sociedade sonhada. Dessa forma, todos os membros da comunidade educativa precisam ser formados segundo o modo inaciano de educação. Para tanto, nosso interesse na pesquisa está em conhecer as estratégias específicas utilizadas pelo colégio para formar seus professores e como o processo tem continuidade. O PEC salienta que é de responsabilidade das instituições assegurar os devidos recursos formativos a toda a comunidade para a familiarização e maior compromisso com o método utilizado.

Ao revisitar os documentos norteadores do método pedagógico jesuíta, é possível encontrar neles as bases da motivação para a formação permanente promovida no colégio em questão. Segundo Padre Kolvenbach,

Num centro educativo Jesuíta, a responsabilidade principal da formação, tanto moral como intelectual, recai em última análise, não nos métodos ou em qualquer atividade regulamentada ou extraescolar, mas no professor, como responsável perante Deus. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 105).

A Companhia tem consciência da seriedade dessa afirmação e as implicações nelas contidas. Para isso, de forma gradual e permanente é que promove o amadurecimento de seus professores no espírito norteador da missão que cada colégio assume. Não se pretende transformar o professor no responsável imediato pelo sucesso ou fracasso do aluno, mas atribuir a ele as devidas responsabilidades. Por isso, desde o *Ratio* de 1951 é que insiste que o professor deve conhecer o seu aluno em suas qualidades e limitações, bem como o contexto familiar.

Ao determinar o papel do professor, o método educativo jesuítico coloca a seu serviço todo empenho para que ele descubra os meios mais eficazes para melhor exercer sua prática. O Padre Kolvenbach salienta ainda que o essencial é que haja uma relação de autêntica confiança e amizade entre professor e aluno. Essa afirmação está expressa de outras formas nos documentos *Características da educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática*, nos quais são afirmados o duplo papel do professor: o de orientador de vida dos alunos na busca da verdade e dos valores da vida (PEDAGOGIA, n. 14, 26, 27, 30 e 56) e o de orientador acadêmico (CARACTERÍSTICAS, n. 43).

4.3 ESPIRITUALIDADE E PEDAGOGIA DE SANTO INÁCIO

Para iniciar a pesquisa sobre o processo formativo dos professores no que se refere ao método de educação jesuítico, foi necessário abordar a categoria de análise que denominamos espiritualidade e pedagogia de Santo Inácio. Constantemente, tais categorias são mais difundidas como inacianas. No entanto, há distinção naquilo que se refere ao que é próprio da Companhia de Jesus e aquilo que é assumido por outras instituições não jesuíticas. No campo pedagógico, o jesuítico sempre se refere à Companhia de Jesus e implica a responsabilidade institucional da Companhia. Inaciano, por sua vez, diz respeito à vertente espiritual da vida e obra de Santo Inácio, revelando a sua visão, propriamente.

A presente categoria de análise enquadra-se naquilo que os professores conhecem enquanto propriamente da missão da Companhia de Jesus. Isso não significa que ao encontrar a expressão “Pedagogia Inaciana” seja incorreto, mas isso nos faria questionar em muito tudo aquilo que já fora dito anteriormente. Embora apresentando pontos que revelam coincidência com outras pedagogias, o diferencial na pedagogia inaciana é a sua particular visão ou concepção que Inácio tinha de Deus, do ser humano e do mundo. Esta é a “inacianidade” capaz de distinguir o aluno formado pelo método jesuítico.

4.3.1 Ser para e com os demais

Quase todos os professores entrevistados fazem referências indiretas aos *Exercícios Espirituais* quando afirmam que está presente na pedagogia inaciana a preocupação com o outro. Essa é uma afirmação que tem orientado todos os trabalhos do colégio em questão e que é uma definição do Padre Pedro Arrupe e que mais tarde o Padre Kolvenbach acrescentou sua importância: ser para e com os demais. Esse é o fundamento para o aluno que um colégio jesuíta quer formar. É o serviço ao outro, à luz do Evangelho, no qual a pessoa de Jesus Cristo é o centro. A referência indireta aos *Exercícios Espirituais* tem lugar no modo como Santo Inácio apresenta a pessoa de Jesus, que sai à procura daqueles que precisam de Sua presença, de Sua palavra. Estes são os pobres, humildes e rejeitados por todas as esferas da sociedade.

Os professores apresentam algum complemento para esse elemento teórico, ou seja, ser para os demais está associado a uma virtude ou valor que o professor também consegue identificar no método jesuítico. O professor B identifica o sentido desse princípio teórico

jesuíta como sendo um bem adquirido na escola e está vinculado com o ser humano que se pode ser ao colocá-lo em prática:

Tendo a preocupação com o outro que vai além da sala de aula, aqui forma-se para a vida mesmo. Não somente para passar no vestibular ou alguma coisa parecida. De formar pensando em inserir o aluno na realidade, através, também dos conteúdos, contextualizados onde vivem. E isso eu acho fundamental. (PROFESSOR B).

Essa reflexão revela a sintonia entre os princípios definidos pela escola e o modo como o professor interpretou e assimilou esse princípio. Em sua fala, ao referir-se sobre formação para a vida, ele tem claro que ser para e com os demais tem um sujeito específico, que é o próximo necessitado daquilo que a vida representa. Nota-se, ainda, em sua referência aos conteúdos, a possibilidade de inserir no currículo o cuidado, o acolhimento ao outro, mesmo que estes não sejam conteúdos formalmente possíveis de ser ensinados.

O professor C, ao relatar o seu conhecimento sobre os aspectos espirituais presentes na pedagogia inaciana, reconhece que o processo de incorporação pela pedagogia da espiritualidade deu-se de forma contínua e processual. A espiritualidade, que foi a experiência de Inácio de Loyola, foi aos poucos sendo traduzida para o campo da pedagogia, tendo o *Ratio* como instrumento de racionalidade e base acadêmica. A intenção foi colocar a sistematização da vivência espiritual a serviço do processo cognitivo dos alunos, com a intencionalidade de valorização da humanidade do indivíduo que esse processo representa. O que esse professor está dizendo é que a característica que se sobressai na pedagogia inaciana é o resgate humano que o conhecimento favorece. E, na combinação dessa característica com o sentido de coletividade, emerge nova concepção de educação, como também de pessoa a ser formada.

O mesmo professor ressalta ainda que a prática religiosa de Inácio de Loyola pode ser encontrada na ênfase aos valores humanos, que são encontrados em seus escritos. Atualmente, tais valores, que foram adaptados, são entendidos como

Ser para e com os demais traz toda essa relação do ser humano um com o outro, do ser humano consigo mesmo tendo como relação principal a amorosidade, o cuidado com o outro, fundamentados pela fé. Quando falamos nos exercícios espirituais vividos por Inácio, traz as questões da experiência, da vivência da fé como a vivência consigo mesmo. Essa experiência na fé sendo refletida, exige que se saia de si para um contexto maior, para uma ação e para uma autoavaliação. É um novo processo reflexivo. É um exercício espiritual, mas que é trazido também pra o contexto acadêmico e pedagógico. Acho que o grande esforço é de pensar o currículo na relação acadêmica mais humanista. (PROFESSOR C).

Nesse sentido, é preciso reconhecer a importância da leitura de mundo, da leitura de contexto, de situar a pessoa em determinado contexto histórico como forma de ler o ser humano e a realidade em um determinado contexto. Essa atividade deve ser toda ela fundamentada pelo conhecimento que é historicamente elaborado. Revela-se, assim, o ser humano concreto que vive seu tempo e, a partir das ciências, deixa-se ter acesso às suas indagações e ao seu sentido de vida. A pedagogia inaciana reconhece essa concretude humana e toma para si os desafios de pensar os melhores meios de salvaguardar sua dignidade.

O professor D relata que em sua história com a escola, desde o início, ficou clara, para ele, a preocupação na formação de pessoas que pudessem ser transformadoras da realidade. Esse princípio está fundamentado naquilo que o outro representa. Ser para o outro ganha espaço à medida que a escola desenvolve estratégias que permitem ao aluno ver o outro como parceiro no serviço à transformação esperada. É a forma de integrar a todos naquilo que pode ser o resultado do coletivo. Esse professor reconhece que a preocupação com o outro é um diferencial na escola em questão. Já trabalhou em outras escolas e ressalta que a cultura do cuidado, do serviço que se apresenta no horizonte de todo fazer pedagógico e institucional, ele só reconhece onde trabalha atualmente. Segundo ele, “[...] ver que todos têm direito igual, de existência. Isso se manifesta bem aqui. Porque um dos papéis da escola é educar, é levar esses valores ou esse olhar para a sala de aula”.

O professor E reconhece a espiritualidade presente na pedagogia também na dimensão do cuidado com o outro, traduzido em ser para e com os demais. Esse professor associa esses princípios inacianos com outro valor: o altruísmo. A atitude de fazer o bem ao outro incorpora os princípios presentes na escola e convida o beneficiado a fazer parte do projeto maior de justiça em todas as relações. Essa afirmação do professor tem grande assimilação nos escritos do Padre Arrupe, que diz “[...] É um ponto no qual se deve insistir e cuja iluminação e assimilação é indispensável para entender retamente a nossa opção fundamental e, conseqüentemente, podermos aproveitar de sua imensa potencialidade” (ARRUPE, 1980, p. 13).

No entanto, valorizar e ter atitudes que fazem o bem ao outro não podem ser somente geradores de sentimentos bons. O Padre Arrupe alerta para que a bondade não seja somente no nível sentimental, mas reforça que o serviço ao outro deve ser praticado na perspectiva de formação integral e de justiça. A luta pela igualdade, que se traduz no empenho pela justiça, deve passar também pela caridade. Desse modo, a opção fundamental citada ilustra-se no desejo de novos sujeitos que se formem e se dediquem pelos princípios norteadores da

pedagogia inaciana. O ser humano engajado, responsável, justo e caridoso torna-se, assim, potencial para a transformação que se almeja.

O professor F consegue associar o ser para e com os demais com outro princípio essencialmente do método jesuítico, identificado como *Magis*. Esse princípio já foi analisado no capítulo II. Para esse professor, a excelência de toda atividade não pode ficar restrita à sala de aula, mas é um convite constante na busca pelo melhor individual e coletivo. Em suas palavras:

É o sentido da pedagogia inaciana, que de tudo o que se faz, tentar fazer o melhor e sempre é possível fazer melhor ainda. Seja o respeito ao próximo, fraternidade com o próximo, ajuda, doação ao próximo. Essa atitude em sala de aula ou em qualquer lugar, não importando onde a pessoa esteja. O *Magis* provoca isso, não se dar por satisfeito, mas sim procurar desenvolver o que há de melhor em si.

A fala do professor chama a atenção no sentido de apresentar-se como uma característica dinâmica que há no método jesuíta. O melhor, ressaltado pelo professor, impede a atitude de passividade, seja do aluno como do professor, diante de uma proposta transformadora, própria do método estudado. A partir do momento em que o professor toma consciência dessa característica, fica ainda mais evidente o seu compromisso e o desejo por colaborar na sua compreensão e colocá-la em prática. Segundo Klein (1997, p. 65), ao comentar sobre o conceito de excelência, atribui ao *magis* como sendo “[...] a melhor resposta que o ser humano se sente estimulado a dar ao amor gratuito proposto por Deus”.

O termo *Magis*, como definiu muito bem o Padre Cabarrús,

É proveniente do latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. É uma palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola para exprimir que sempre podemos experimentar um avanço em relação aquilo que já fazemos ou vivemos. A própria vida de Inácio foi um peregrinar em direção ao MAGIS, à sempre maior glória de Deus, ao serviço sempre mais fiel aos pobres, ao bem mais universal e aos meios apostólicos mais eficazes. Desse modo, a pessoa que vive e se deixa impelir pelo MAGIS é alguém que nunca está satisfeito com a realidade existente, pois tem o impulso de descobrir, redefinir e alcançar o MAGIS. Aquele que deseja encontrar o MAGIS deve buscar, descobrir e arriscar-se na superação do já conhecido, do definido e do esperado, em vista sempre do bem maior, do amor maior, do mais justo. (CABARRÚS, 2004).

Esse testemunho que nos dá o professor F, sem dúvida, é muito válido e atesta a qualidade humana e profissional do professor da instituição jesuítica. O mero saber não pode ser considerado suficiente para formar o ser humano bom e, conseqüentemente, esperar que viva essa bondade. Faz-se necessário estimular a prática no sentido de verificação dos valores assumidos. Supomos, aqui, a verificação da excelência, que pode ser traduzida por eficiência daquilo que fora aprendido.

4.3.2 *Cura personalis*

Outro elemento presente nas respostas de alguns professores é a *cura personalis*. Para o professor A, no PPP da escola existe uma grande referência ao cuidado com o outro que, de alguma forma, possibilita maior interação com o conhecimento e com a apropriação desse elemento.

Algumas coisas que eu posso identificar, que eu tive contato é o respeito ao aluno. Respeitar o momento dele. Saber que ele tem diferenças, tem passos diferentes, estão em períodos diferentes da vida deles. Então, alguns irão conseguir absorver mais rapidamente, outros menos. Saber ter o olhar diferenciado e conseguir trazer algo que de conta que ele está precisando naquele momento em particular. Um dos valores fundamentais da pedagogia é a alteridade, capaz de reconhecer a dificuldade ou virtude do outro e trabalhar com isso para que esses alunos não só no contato com o professor, mas também entre eles, possam superar essas dificuldades. Então, acredito que também está voltado para uma forma de se doar, de mostrar as ferramentas, para que tal aluno possa superar momentos de dificuldades. Que ele consiga apontar dentro de si mesmo quais virtudes consegue identificar numa situação que se apresenta e supere. (PROFESSOR A).

Mesmo que o professor A não saiba identificar os *Exercícios Espirituais* como fonte desse raciocínio que ele elabora, podemos notar que, mais que formalidade, a espiritualidade está presente. Trata-se do cuidado individual a cada aluno no processo educativo. Tal princípio jesuítico é o contínuo esforço educativo que se traduz em formar homens e mulheres que se destaquem por sua competência, integridade e compaixão. Desse modo,

Inácio jamais perdeu de vista a pessoa concreta. Sabia que Deus dá a cada um os seus talentos pessoais. Disso deriva diretamente um dos princípios gerais da nossa pedagogia, a "*alumnorum, cura personalis*", um afeto e desvelo pessoal autênticos por cada um dos nossos alunos. (PEDAGOGIA INACIANA, 2003, p. 104-105).

No momento em que vivemos como sociedade, um novo olhar para a diversidade e o respeito pela individualidade da pessoa ganha ainda mais espaço. A autenticidade do cuidado será cada vez mais evidente quanto mais o aluno sentir-se acolhido e respeitado.

O professor B, ao identificar o cuidado com o outro como princípio do método inaciano, afirma ser a preocupação individual ao aluno uma prática que percebe frequente na escola: “Esta é uma característica daqui e que nos outros colégios não tem. A preocupação em saber como é a vida do aluno, como ele está em casa, qual a relação com a família, e não apenas transmitir conteúdo por si só e por repetição”. Nesse mesmo sentido, o professor G identifica e aplica no cotidiano em sala de aula o princípio da *cura personalis*, amparado por considerar essencial na pedagogia inaciana. Esse professor associa ainda a categoria de justiça

como sendo inerente ao serviço educacional da escola. Dessa forma, o cuidado pessoal e individual passa a ter uma intenção a mais, que se traduz em igualdade de direitos. O que fica evidente na fala dos dois professores é a opção da escola em proporcionar espaços de discussão e incentivo para a prática.

Esse elemento distintivo na pedagogia inacioniana é também observado pelos professores H, J e L. Suas observações estão na dimensão de interação entre professor e aluno, de troca e de reciprocidade. O que impulsiona o modo jesuítico, segundo esses professores, é a valorização da pessoa enquanto igual e responsável pela manutenção da igualdade. “Pensar o mundo de outra forma, que haja equilíbrio entre o pensar e o agir” que proporcione a “formação da pessoa harmônica”. O aluno, estando em tal processo, será capaz de vivenciar sua autotransformação que, por sua vez, dará a ele elementos para que continue reafirmando sua identificação com inacionianidade pela qual está norteado o modelo de educação que recebe.

Dessa forma, não apenas faz-se importante perceber a experiência até então trilhada pelo aluno, como criar oportunidades para que este experimente o conhecimento historicamente elaborado, permitindo que possa ressignificá-lo. Esse exercício de ressignificação é necessariamente fruto da reflexão que o aluno deverá fazer sobre sua experiência, percebendo as implicações desses novos significados (por ele atribuídos à experiência) em outros campos do saber, bem como sua relação para a persecução de uma sociedade melhor. Esse passo é importante para que o educando possa construir-se a partir da reflexão, de modo que suas convicções pessoais possam contribuir para a promoção de atos que persigam a utopia societária referendada.

Importante salientar que essa autoconstrução pessoal, em diálogo com a realidade física e social que nos circunda, deve consolidar a convicção de que os saberes não são absolutos e eternos, de modo que a permanente busca do aprimoramento intelectual e ético deve sempre nos acompanhar para alcançar a utopia almejada.

Segundo Freire (2011), para haver, de fato, processo educacional, é preciso que haja respeito à autonomia do aluno e dialogicidade. Autonomia no que se refere ao ser e ao saber do aluno que o caracterizam como ser de escolhas e liberdade. Respeitar o saber acumulado, mesmo que esse não seja sistematizado, requer abertura, compromisso e querer por parte do professor. Dessa forma, podemos compreender o autor quando afirma que

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ‘ele se ponha em seu lugar’ ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2011, p. 58).

Mais do que nunca o professor precisa ter consciência de que ele trabalha com pessoas de distintas origens e fases de desenvolvimento cognitivo. Eles trazem em suas experiências marcas de seus sonhos, expectativas, interesses e necessidades. Demonstrar desinteresse pela história de vida do aluno e não permitir que dela faça um instrumento para novos conhecimentos é, na visão do autor, uma atitude antiética.

4.4 FORMAÇÃO PERMANENTE NA PEDAGOGIA INACIANA

O elemento seguinte de análise categorial, formação permanente na pedagogia inaciana, é inserido nessa pesquisa como sendo de grande importância para retomarmos o objetivo a que nos propomos: “Analisar o modelo de formação de professores que a pedagogia inaciana adota e oferece, a partir de uma experiência local, para colocar em prática o método pedagógico que tem por característica principal a promoção do ser humano na busca constante de formar com excelência humana e acadêmica”.

Para obter as informações desejadas acerca do modelo utilizado pela escola, lócus da pesquisa, para formar os seus professores, foi preciso também visitar o seu PPP e seu Planejamento Estratégico, para poder entender como a escola articula as estratégias práticas com o conhecimento.

A dimensão de formação permanente é entendida pelos jesuítas como algo que deva ser mais duradouro e não somente em momentos pontuais, que exijam mais empenho. O sentido de ser permanente está intimamente relacionado ao *Magis*, já explicitado acima. Isso se dá na dinâmica de entender que é preciso capacitar e desenvolver habilidades para que todos os envolvidos com o modelo de educação proposto saibam oferecer o melhor. O professor, como é característico no processo jesuítico de formação, tem lugar central. O seu plano de trabalho, a sua área de conhecimento e a sua personalidade tornam-se o ponto de partida de todo o processo.

O professor tem a instância da coordenação de seu setor, denominada no lócus da pesquisa como Serviço de Orientação Pedagógica, que trata de suas necessidades particulares,

exercendo a atenção pessoal. Elas podem compor um núcleo maior, configurando-se em necessidade coletiva e, a partir delas, organiza-se o programa geral do colégio. Isso acontece sob a orientação das *Características da Educação da Companhia de Jesus* e revela o quanto a formação permanente ganha destaque. As *Características* afirmam

Que os centros educativos fomentam esta formação, oferecendo programas adequados em cada um deles e, quanto possível, também o tempo e a ajuda econômica necessária para uma preparação mais ampla. A fim de chegar à genuína colaboração e partilha de responsabilidade, os leigos necessitam conhecer a espiritualidade inaciana, a história educativa, as tradições e a vida da Companhia. Os colégios jesuítas oferecem programas especiais de orientação para seus novos colaboradores, além de outros programas e processos permanentes, que fomentam uma tomada de consciência e uma compreensão progressiva das metas da educação da Companhia. (CARACTERÍSTICAS, n. 152-153, p. 77).

Esses programas e processos tornaram-se, nessa pesquisa, objeto de identificação e análise para compreensão mais profunda das estratégias adotadas na escola.

4.5. ESPAÇO DE APRENDIZAGEM PERMANENTE

Enquanto categoria de análise, o espaço de aprendizagem permanente configura-se como um dos elementos de suma importância para essa pesquisa, tendo presente que o objetivo principal é conhecer o modelo de formação de professores que a pedagogia inaciana adota e oferece para colocar em prática o método pedagógico humanizador. A formação de professores, de certo modo específica no colégio jesuíta, tem um duplo sentido: que forme os educadores sob a ótica do modo de educar da Companhia de Jesus e que os educadores sejam participantes ativos no processo de formação de alunos, segundo o modelo jesuítico.

As respostas apresentam estratégias que precisam ser mais bem explicitadas aqui no sentido de ampliar o conhecimento do método. Tais estratégias compõem um horizonte maior de intencionalidade no tocante a abordar temas que são em si relevantes, mas que, de certo modo, introduzem o educador em temas relacionados aos alunos. Como já citamos, a formação do aluno é objetivo central na pedagogia inaciana. Sendo assim, o educador consciente de sua função, mas ao mesmo tempo sendo capaz de refletir sobre si e deixar-se conhecer via espiritualidade inaciana, terá maiores condições de realizar sua tarefa com maior êxito.

4.5.1 Estudo dos documentos da escola e sobre pedagogia inaciana

Os professores C, F e G relataram como espaço de conhecimento da pedagogia inaciana os documentos internos do colégio e os que fundamentam a educação jesuítica. Documentos internos, como Projeto Político-Pedagógico, Marco Referencial, Planejamento Estratégico, assim como os externos, ou seja, próprios da Companhia de Jesus, como *Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana. Uma Proposta Prática* foram os mais citados e melhor explicitados. Os referidos professores identificam essa prática como sendo uma tradição da escola e visa a iniciação no processo de formação mais amplo e permanente. O professor C identifica como “um ritual que se mantém na escola”. A leitura desses documentos é o primeiro contato, a aproximação primeira e necessária visando colocar o professor no espaço educacional da escola.

Esse primeiro contato não é fato isolado e nem se caracteriza como único. A intencionalidade dessa leitura é de que o professor possa, num segundo momento, inserir os dados dos documentos para o planejamento individual, como relata o professor C.

Tínhamos o planejamento individual e o planejamento da área que agrega várias disciplinas no mesmo núcleo do conhecimento. Então era preciso fazer uma leitura da pedagogia inaciana principalmente em relação com a leitura de contexto, a experiência tendo o aluno como sujeito, o professor como sujeito, e isso está bem explícito ali. Trazer a comunidade como comunidade viva para o currículo. Ou seja, sempre foi uma discussão muito forte para que esse currículo não fosse somente formal. Mas que a formalidade do currículo ou da base, da estrutura das ciências, dialogasse com o mundo real, com a sociedade, com sujeitos, com pessoas, com as dinâmicas sociais. E a pergunta central que sempre foi feita é: que tipo de mundo, que tipo de sociedade, que tipo de pessoa nos move? A utopia inaciana deve perpassar o conhecimento, o currículo e as ações em sala de aula. (PROFESSOR C).

Esse professor consegue fazer uma contextualização muito interessante do porquê e do para quê os estudos dos documentos jesuíticos são importantes no momento de seu ingresso na escola. Ao fazer referência a vários aspectos do modo de educar, evidencia o projeto pedagógico em consonância com a realidade, o sujeito e a educação pretendidos. Mostra ainda conhecimento daquilo que fala e fundamenta sua resposta em aspectos contidos nos documentos mencionados.

Nessa resposta, o professor C, sem intencionalidade talvez, mencionou ainda aquilo que o colégio chama de “cinco sujeitos do processo formativo”. Mesmo que não seja o foco dessa pesquisa vale, ao menos, enunciá-los. São eles: o contexto; a utopia; o conhecimento; o educador e o educando. Esses sujeitos compõem a base do projeto educativo que possui matriz transdisciplinar e ocorre por meio de concepções comuns sobre a visão de educação, de

conhecimento e de utopia educativa adotados pela escola. Nesse sentido, tal projeto exige um currículo que favoreça toda implementação no cotidiano escolar e de sala de aula.

A matriz inaciana desse projeto revela o desejo permanente do colégio de inserir seus educadores no processo de formação. Evidencia-se um projeto com os educadores dinamizado pela necessidade sempre constante de se fazer uma leitura da pedagogia inaciana à luz do contexto local. O passo seguinte é relacionar o conhecimento adquirido com o conhecimento humano acumulado pelo sujeito dentro e fora da escola.

Para o professor F, ex-aluno da escola lócus da pesquisa, conhecer tal método pedagógico como aluno foi grande facilitador nesse processo. Ter o olhar de educador sobre aquilo que já conhecia e enriquecer com novos textos e novos documentos permitiu sua imersão no método, com novo significado. Para esse professor, os documentos estudados são importantes porque “[...] todo professor que é chamado para trabalhar aqui sabe que é um colégio diferente. Os documentos fornecem o conhecimento inicial necessário para o contato com o modo de educar aqui. E poder contribuir com o meu conhecimento no planejamento é gratificante”.

Nota-se o sentido de adesão à proposta do colégio pelo professor F. Ao expressar sua gratificação ao compor o quadro de professores e ao mesmo tempo reconhecer que pode contribuir com o planejamento da escola, revela-se como professor que assimilou e consegue viver a proposta inaciana. Dessa forma, satisfeito com sua atuação, será capaz de reproduzir aos demais aquilo que considera como essencial para si.

Ao falar sobre o conceito de formação, Garcia (1999) tece algumas considerações que ajudam ter maior clareza em relação ao processo formativo que a proposta inaciana coloca a seus professores. Para o autor, a formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e estruturação da pessoa que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos (GARCIA, 1999, p. 19). O componente pessoal na formação evidencia-se tanto em Garcia como na pedagogia inaciana. Estes direcionam o discurso formativo para além da capacidade de o sujeito agregar novos conceitos e assimilar novas características.

O componente pessoal do processo formativo na pedagogia inaciana destaca-se por conter em sua raiz epistemológica forte conotação de finalidade, meta e valor. Todas essas características são desenvolvidas para a formação do ser humano enquanto sujeito de transformação e capacidades para realizar tarefas que visam melhores condições para os demais seres humanos. Analisando a definição de Garcia, citando Debesse (1982), é possível comparar a pedagogia inaciana ao modo de interformação. Isso se dá uma vez que a

interformação é a ação educativa que ocorre entre os futuros professores ou entre professores em fase de atualização de conhecimento e que existe como um apoio privilegiado no trabalho da equipe pedagógica, tal como hoje é concebido para a formação do amanhã (GARCIA, 1999, p. 20).

4.5.2 Seminário de formação

Outra estratégia como espaço de formação dos professores na pedagogia inicianiana são os Seminários Internos da escola. Segundo as orientações da escola, percebe-se que todos os sujeitos da pesquisa participaram das modalidades de seminário, pois se configuram como uma forma de iniciar os professores no modelo de formação em questão. Os professores C, H, L e E identificam tais estratégias em suas respostas. Isso não significa que os demais professores não tenham participado, apenas não mencionaram tal estratégia. Para os que citaram os seminários de formação, é de grande importância dedicar-se ao conhecimento da proposta do colégio para melhor inserir-se no ambiente.

No que diz respeito às modalidades de seminários, os professores identificaram os que se destacam na programação anual da escola. São eles:

I Seminário dos professores novos

No início do ano, o colégio promove aos professores que estão chegando à instituição estudo da proposta pedagógica e da estrutura didática. É nesse estudo que é apresentada a história do PPP e das bases que constituem a concepção de conhecimento e a sua inserção metodológica e avaliativa em relação ao desenvolvimento dos alunos e do próprio projeto. São realizados trabalhos em pequenos grupos que privilegiam as trocas de experiências entre os professores de todos os setores do colégio.

II Seminários internos

Durante o ano, acontecem dois seminários internos para aprofundamento dos estudos em relação às prioridades anuais. Tais prioridades são definidas coletivamente pelos representantes dos professores junto à coordenação de cada setor, pelo Serviço de Orientação Pedagógica (SOP) e pelas equipes pedagógicas. Essa possibilidade de representação dos professores e dos serviços pedagógicos também pode ser considerada um diferencial na proposta de formação continuada do colégio.

III Seminários entre Escolas Jesuítas do Sul do Brasil

Nas cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, os jesuítas mantêm presença atuante na educação com uma unidade de ensino em cada cidade. O fator geográfico e a proximidade entre as capitais favoreciam o intercâmbio de propostas pedagógicas realizadas por meio de seminários que foram realizados em sistema de rodízio de sede, ou seja, a cada evento, um colégio sediava e promovia os debates. Os seminários ainda contavam com a participação de professores e técnicos da Unisinos, na modalidade de instituição jesuítica convidada. As temáticas eram atuais e envolviam todos os participantes na organização e apresentação dos estudos, desde professores de diversas séries aos educadores dos serviços administrativos e pedagógicos.

O professor H reconhece-se no processo de formação permanente e identifica as estratégias de forma que o auxiliam a viver o processo de forma ativa e propositiva. Em suas palavras, destaca que

Desde quando entrei aqui, tivemos espaços para falar, escrever, quando íamos nas reuniões de áreas, quando íamos escrever o planejamento nós lemos muito sobre a pedagogia. E foi aí que eu realmente conheci, já havia ouvido falar, mas conhecer era pouco. Participei de seminários que tratavam dessa temática e quando reuniam todas as escolas. Escrevemos sobre a pedagogia inaciana com a nossa prática durante os anos que vim trabalhando aqui. Oportunidade sempre foi dada. Orientar um caminho sempre foi uma constante, o incentivo a ler sobre a pedagogia [...] Todo esse conhecer a pedagogia se deu dentro de um processo visto que, o tempo todo eu fui conhecendo, fui aperfeiçoando e a escola foi desenvolvendo [...] em que fui me inserindo aos poucos, visto que não foi estanque.

Nota-se a participação do professor no processo de elaboração e prática do planejamento escolar anual. Essa realidade permite ao professor a construção pessoal de suas estratégias para transformar conhecimento em atitudes colaborativas para que o colégio possa desenvolver seu trabalho de reflexão. Dessa maneira, o colégio desenvolve aquilo que os professores trazem como sendo importante para que os alunos sejam incluídos em todo o processo.

Para o professor L, a inserção da leitura de material ligado à pedagogia inaciana tem-se tornado constante. Isso se deve ao fato de a escola buscar que seus professores sejam atualizados em assuntos que dizem respeito ao método de formação proposto pela Companhia de Jesus. Os documentos já citados anteriormente reforçam essa concepção e são como aval para todo tipo de iniciativa que diz respeito a todos os envolvidos no processo educacional. Para o professor L, tal prática é bem assimilada por todos

Nestes anos em que tive a oportunidade de fazer parte da escola, sempre tive estímulo para os estudos, nas reuniões (núcleo e série) e seminários principalmente. Nesta escola, percebo uma concepção comum entre os educadores. Isso é passado para os que estão chegando, que gradualmente se inserem nesta forma de pensar e agir. Nos últimos anos a pedagogia inaciana é mais efetivamente cobrada nas leituras e reuniões.

O mesmo professor ainda citou em seu processo formativo um curso *on-line* oferecido pela Unisinos, no qual pôde conhecer melhor a pedagogia e a espiritualidade inaciana. Esse professor enfatiza o estudo da espiritualidade como de grande importância para que pudesse compreender os princípios e valores da Igreja católica, visto que a formação pessoal que tem é da Igreja luterana. Essa realidade revela-se como uma prática muito bem aceita: professores de diversos credos religiosos presentes no ambiente escolar jesuítico.

Para o professor C, os seminários constituem-se em instrumento para ajudar os professores a transformarem o conhecimento pessoal em conhecimento coletivo. A partir da experiência pessoal de cada professor, uma nova perspectiva de trabalho surgia: a preocupação constante de ajudá-los a se situar no contexto escolar diferenciado no qual estava se inserindo. Essa estratégia pode ser de grande valia para poder ressaltar a trajetória profissional de cada professor e distinguir os saberes constituintes de sua formação. A partir da singularidade de cada um, a proposta inaciana tinha o desafio de trazê-los para o seu contexto educacional, sem interferir de maneira negativa. Nesse sentido, o professor C demonstra sua certeza de que os seminários cumpriam o seu papel:

Este foi sempre o esforço de fazer uma leitura da pedagogia inaciana para a realidade acadêmica, para a realidade formativa da escola. E, a partir daí, deste contato, as leituras, os seminários dos professores novos, que aproxima o professor com esta realidade. E depois a participação em seminários internos formativos. E seminários externos que chamamos de intercolegial. Pós-graduação, vários professores e, acredito que a grande maioria fez o curso de pedagogia inaciana.

Todos esses elementos citados pelos professores como estratégias à formação permanente agregam de forma propositiva as iniciativas de aperfeiçoar ainda mais a inserção dos professores ao método inaciano de educação. Para tanto, como vimos, será preciso compreender sempre que um modelo de formação pode receber contribuição externa para sua melhoria. Desse modo, a pedagogia inaciana coloca o professor numa atitude de descoberta de suas potencialidades e de suas características pessoais. Para Nóvoa (1995), a formação nesse âmbito

[...] trata de estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1995, p. 25).

A autoformação da qual fala o autor é desenvolvida como trabalho constante no colégio jesuíta por considerar uma riqueza inesgotável e ser exclusivo do ser humano, apresentando sempre ser capaz de novos aperfeiçoamentos. Segundo o mesmo autor, formar-se exige habilidade crítica do próprio processo no qual se é inserido. Dessa forma, defende que

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos métodos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. (NÓVOA, 1995, p. 28).

Nesse sentido, o investimento do colégio jesuíta na formação de seus professores não tem economizado esforços. Ao trazer para a pauta de discussão os saberes pessoais e profissionais de cada professor, a escola defende a inserção de novos métodos de abordagem de temas e constituição de conhecimento. Por isso, desde o início, da chegada do professor à instituição, valoriza-se cada etapa de sua adaptação e crescente identificação com a proposta. Esse aspecto também foi bastante evidenciado pelos sujeitos da pesquisa. Tinham consciência de que estavam chegando a espaço de ensino exigente e diferente. Mas ao perceberem que concomitante à exigência havia o cuidado em preparar o professor para o exercício da função, sentiam-se amparados e entregavam-se à proposta.

4.5.3 Curso de espiritualidade inaciana. Pegadas de Santo Inácio

Para que os professores sejam integrados de maneira pessoal e espiritual na proposta inaciana, é oferecido um curso sobre a vida, a espiritualidade e as convicções de Santo Inácio de Loyola. Caracteriza-se como estratégia de amadurecimento pessoal e espiritual de cada professor que aceita participar. O curso não é obrigatório e dirige-se àqueles que se denominam católicos. Mas há casos de professores de outros credos religiosos que participam do curso, tendo em vista a prática religiosa de cada um. Cada caso é levado em consideração pelo Serviço de Pastoral (SOREP), juntamente com a coordenação do setor. O curso é denominado “Pegadas de Inácio” e tem duração de cinco anos.

As “Pegadas de Inácio” proporcionam aos colaboradores e a outros membros da comunidade educativa do colégio fazerem a experiência da Espiritualidade Inaciana, como um processo de crescimento afetivo espiritual para mais “amar e servir” e viver a felicidade como graça do Deus Criador. O projeto oferece aos participantes a possibilidade de conhecer mais de perto Santo Inácio, a partir do qual nasce o conceito de Espiritualidade Inaciana. Propõe o estudo da vida de Santo Inácio, considerando seu processo de conversão e seu compromisso com a Igreja e com a sociedade de seu tempo, decorrentes da experiência de Deus.

A compreensão sobre o trabalho educativo como tarefa evangelizadora, defendida pelos documentos oficiais da Companhia de Jesus, dá impulso ao novo sujeito apostólico para impregnar-se do sentido da missão que poderão encontrar na vivência dos Exercícios Espirituais. Não se configuram como um ato devocional nem um curso teórico, mas uma experiência profunda de conversão de mente, sentimento e atitudes em sintonia com a vontade de Deus, descoberta por meio de diversas modalidades de oração e com a ajuda de orientação personalizada. Nela, os professores podem colher alguns frutos fundamentais:

- a. Visão purificada dos relacionamentos (com Deus, consigo e com os outros).
- b. A experiência de um método pedagógico personalizado.
- c. A recepção de orientação respeitosa e libertadora.
- d. A consciência de uma missão no mundo de hoje.

O curso é dividido em etapas que duram entre três a cinco dias, dependendo da temática desenvolvida na etapa. No final do curso, é oferecido o retiro espiritual na modalidade de oito dias. Após esse processo, considera-se que o professor seja instrumento diferenciado na tarefa de educar. Tal estratégia atende à exigência de excelência humana da pedagogia inaciana e é determinante para o surgimento de novas estratégias nesse campo formativo.

Os professores A, B e F citam a participação nesse curso como estratégia de formação profissional e pessoal. Conhecer um pouco mais sobre a vida de Santo Inácio ajuda a compreender a vida da escola jesuíta e a ter mais claros os objetivos propostos, ao mesmo tempo em que há a oportunidade de conhecer-se a si.

Logo quando cheguei fui convidado para fazer as pegadas de Santo Inácio, que acabei não dando continuidade por falta de tempo, apesar de perceber naquele momento que foi muito valioso por estar no começo na instituição e não ter tido a oportunidade de entrar em contato com aquilo que seria a pedagogia inaciana. Naquele momento eu não dava conta de que a pedagogia extrapola a sala de aula. Foi um momento importante para perceber que há algo maior que pode estar presente em várias outras áreas em vários momentos da minha vida em particular e também da instituição em outras áreas em outros locais que não necessariamente a sala de aula. Aquele momento de oração, de reflexão, de encontro comigo mesmo, de certa forma induziu a compreender mais sobre aquilo que o colégio propõe e a ter uma leitura sobre o colégio de forma diferente. Em outros colégios que eu trabalhei isso seria considerado uma perda de tempo. Porque valoriza a produção de sala de aula e jamais se admitiria tirar o professor de sala. (PROFESSOR A).

A principal diferença são as pegadas inacianas. Porque eu já fui agora na terceira etapa e desde a primeira eu peguei gosto. Para ser bem sincero eu pensei que iria ser algo chato. Mas me sinto alegre por estar fazendo. E fiquei deslumbrado desde o início mesmo. Não conhecia a história de Inácio de Loyola e tudo está sendo muito rico em conhecer. Os métodos para rezar. E de me conhece melhor. Não sei por que o colégio não investe mais nisso. Assim surgiu o interesse de conhecer mais. E se houvesse uma outra forma, além das pegadas, de nos colocar mais perto desse método, dessa proposta, vale a pena. Porque senão a gente vem aqui, trabalha, ouve uma coisa aqui outra ali [...] você passar por isso, mas não faz a verdadeira experiência de vivenciar um processo (PROFESSOR B).

E outro momento que comecei a viver com mais intensidade foi as pegadas inacianas onde pude compreender quem foi realmente Santo Inácio, a história dele com maior profundidade e isso foi propiciado pelas pegadas, esse exercício e que eu não tinha vivenciado ainda no colégio. Num primeiro momento conhecer Santo Inácio, depois as orações, aprender as formas de oração, e a partir de agora a expectativa de conhecer mais a mim mesmo, e pelos próximos que virão conhecer e compreender Jesus Cristo (PROFESSOR F).

A iniciativa em realizar as “Pegadas de Inácio” tem íntima ligação com o desenvolvimento da espiritualidade inaciana na pedagogia inaciana. A forte marca humana no processo educacional jesuítico exige que sejam preparados professores que auxiliem no desenvolvimento desse método. Desde os últimos documentos oficiais da Companhia de Jesus sobre educação, afirma-se com ênfase a importância da presença de colaboradores leigos no apostolado educacional. Estes devem ser formados na espiritualidade e pedagogia inacianas para melhor desempenhar sua tarefa de educador.

Nesse sentido é que são oferecidos momentos de reflexão no nível espiritual para favorecer que o professor possa ter momentos de proximidade e relacionamento com o Deus de Jesus Cristo. Visto que a formação do professor traz em si forte componente pessoal e que este é convidado a dar respostas sobre os mais variados temas e problemáticas de seu tempo e de seu contexto, a espiritualidade inaciana oferece elementos para que possa enfrentar os desafios. Os professores acima citados reconhecem o valor e a importância de dedicar um

tempo para refletir e discernir a vida. Sentem a necessidade do afastamento do mundo do trabalho competitivo e que promove a produtividade para sanar os exageros dessa corrida para a quantidade.

É com essa percepção da realidade que a pedagogia inaciana propõe um modelo de educação e formação que é distintivo de tantos outros. A antropologia inaciana que se desdobra nesse campo permite que a sociedade seja agraciada com processos educativos que são diferenciados e trazem a força do humanismo cristão. Assim,

Os processos educativos são personalizados e apontam para a formação e capacitação para o trabalho, para a convivência democrática, para impulsionar a mudança e o desenvolvimento social e para a formação ética e religiosa. Orientam-se pela espiritualidade e pedagogia inacianas, encarnadas em uma instituição, para que todos cheguem a ser homens e mulheres para os demais e com os demais, com excelência humana, alto nível acadêmico e capazes de liderança em seus ambientes. (PEC, 2005, p. 18).

4.5.4 Conhecimento da pedagogia Inaciana

Os sujeitos da pesquisa, mediante o questionário anterior, exercitaram a memória e trouxeram à tona elementos significativos no que concerne a sua formação específica no colégio jesuíta em questão. Ao discorrer sobre os elementos que compõem as estratégias formativas inacianas, cada um apresentou, de modo pessoal, mas com linguagem institucional, os elementos centrais daquilo que julga ser importante. Nessa nova categoria, conhecimento da pedagogia inaciana, o objetivo é conhecer e analisar como os professores envolvidos na pesquisa articulam a teoria do processo formativo inaciano com a sua formação profissional e como esses elementos auxiliam-no em sala de aula.

O processo formativo inaciano objetiva oferecer aos professores condições de atuação como professor formador de pessoas, no caso alunos, que saibam colocar em prática o conhecimento adquirido de forma harmoniosa. Propor diálogo entre a formação oferecida aos professores e a maneira como cada um assimila, em sua prática, esta formação é viável para essa pesquisa no sentido de aprofundar os elementos estabelecidos como essenciais na pedagogia inaciana. As respostas dos sujeitos da pesquisa revelam forte acento na dimensão trabalho. Associam o conhecimento da proposta inaciana ao grau de seu uso no exercício da sala de aula.

A tendência pragmática da formação revela inversão de objetivos: para a prática e pessoal. O que deveria acontecer é o contrário: que o professor seja formado enquanto pessoa,

enquanto colaborador na missão, enquanto sujeito consciente daquilo que é distintivo na proposta inaciana de educação.

A entrevista com os professores permitiu trazer para o contexto dessa pesquisa a reflexão sobre o papel fundamental da Espiritualidade Inaciana para a compreensão e assimilação dos princípios fundamentais da pedagogia inaciana. Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou o comportamento do professor no tocante ao assunto da espiritualidade, tendo em vista o objetivo e fim último da presença dos jesuítas no apostolado da educação, como já fora explicitado anteriormente. Acreditamos que para que o professor assimile, vivencie e transmita os princípios e valores propostos na pedagogia inaciana, faz-se necessário conhecer os princípios e valores correspondentes nos *Exercícios Espirituais*.

A categoria de conhecimento da pedagogia inaciana permitiu ainda, aos sujeitos da pesquisa, fazer uma análise pessoal do grau de envolvimento com ela, tendo como referência o seu grau de comprometimento. As instituições da Companhia têm consciência de que não é simples a assimilação e a vivência da pedagogia inaciana. Por isso mesmo, não é um critério para a permanência do profissional no ambiente jesuíta de educação. Os princípios espirituais e pedagógicos exigem que se respeitem a liberdade de todos os que fazem parte das mesmas instituições. No entanto, nem por isso, exige-se menos comprometimento deles.

Os *Exercícios Espirituais*, de Santo Inácio de Loyola, devem, também, ser considerados como fonte de processo formativo para a pedagogia inaciana, visto que sua origem são os mesmos Exercícios Espirituais, uma vez que oferecem as bases da concepção de ser humano, o qual se deseja formar. Além disso, encontramos um método que pode ser aplicado no processo educativo. De certo modo, o método inaciano pode intervir no processo educacional como um todo para responder às interpelações e às necessidades do contexto atual, que muda com rapidez e facilidade. Aqui se apresenta um ponto que a espiritualidade tem interesse: a centralidade do humano naquilo que é humano.

Segundo os sujeitos da pesquisa, faltam elementos, primordialmente teóricos, para que possam considerar que conheçam satisfatoriamente a pedagogia inaciana. Para o professor A, há muitos pontos que precisa esclarecer, pelo fato de não ter contato mais efetivo com o método. Para ele, recentemente, “[...] a supervisora do SOP me passou um livro sobre pedagogia inaciana e eu li alguns trechos somente. Mas eu sinto necessidade de estar aqui, que tem essa prática, este método. Agora, eu como supervisor de núcleo de linguagens, eu acabei tendo contato com isso”.

Surge a busca pelos fundamentos da pedagogia inaciana a partir de uma necessidade real do professor que assumiu também a função de supervisor de área. Trata-se de um

mediador entre os professores de uma área específica do conhecimento, no caso linguagens, e a instância da escola denominada SOP. Ao mesmo tempo, o professor reconhece a dificuldade de se levar determinada orientação para a sala de aula, tendo em vista a diversidade entre os alunos. O professor B manifesta a sua preocupação em como dar continuidade ao processo formativo e como sistematizar as informações de modo que o ajudem a melhor atuar em sala de aula. Para ele, “[...] uma dúvida que eu tenho é como aplicar tudo o que eu aprendi nas pegadas, como colocar em prática com alunos, nas reuniões [...] como não deixar que tudo caia no esquecimento ou seja absorvido pela tarefa”.

Os mencionados professores demonstram que precisaram transformar seus processos habituais como profissionais. A partir do momento que a escola pede, de diferente maneira, a cada um que interaja com o conhecimento adquirido, eles modificam o acesso e o comportamento diante da proposta. Sentir-se exigido e interpelado humanamente torna-se elemento novo em suas vidas e iniciar o processo de amadurecimento e aprofundamento em questões ligadas a espiritualidade desencadeou na qualificação do trabalho, na forma de relacionar-se e entender os alunos.

A dimensão de conhecimento da pedagogia inaciana por leituras está presente também na resposta do professor C. No entanto, este não se considera apto para poder transmitir o que conhece para outras pessoas e revela que está em processo de aprendizagem para poder vivenciar e partilhar. A visão que o professor C tem do papel do educador inaciano mostra que ele identifica-se com a proposta inaciana e assume seu compromisso de transformar o modo de ensinar. Para ele, “[...] pode-se ter um discurso sobre a sala de aula e na sala de aula ter uma prática extremamente conservadora e tradicional e que não traga grandes questionamentos”. A dicotomia entre o discurso e a prática dá-se no momento em que, mesmo conhecendo todos os princípios da pedagogia inaciana, o professor não saiba como aplicá-los.

O posicionamento do professor C em relação ao conhecimento e à assimilação do método jesuíta distingue-o de todos os outros sujeitos da pesquisa. Ele atribui à reflexão sobre a sua prática como professor como sendo algo que extrapole os limites de sala de aula. Envolve a visão de mundo, de contexto, com o cuidado exigido em relação aos alunos e sua heterogeneidade. Outro elemento distinto na resposta desse professor é a sua preocupação com o desafio de levar a reflexão para o domínio da fé. O conjunto de elementos presentes em toda discussão sobre os professores à luz da missão do colégio jesuíta enquanto instrumento apostólico a serviço da fé. Nesse sentido, envolve toda sua visão cristã da educação e seus questionamentos pessoais relativos a ser testemunho dos valores dessa educação.

A inquietação do professor C é algo bastante positivo no sentido de demonstrar abertura, interesse e vontade em compartilhar a visão inaciana de educação. Nessa atitude, a proposta inaciana encontra seu terreno mais valioso. Encontra-se um agente multiplicador e alguém que possa dialogar com os seus pares numa relação de interagir com a proposta e a realidade da escola. Nesse exemplo, e salvaguardando as experiências dos demais sujeitos da pesquisa e dos demais professores, a dinâmica dos *Exercícios Espirituais* oferece condições fundamentais para que o professor possa alcançar a realização de suas inquietações. Os EE, como escola da fé, proporcionam na pessoa mudanças de atitudes e oferecem qualidade de vida e formação integral distintivos em diferentes dimensões da vida.

Os *Exercícios Espirituais* têm como princípio a liberdade da pessoa que os faz para poder continuar no processo de transformação de modo habitual de pensar, sentir e atuar para empenhar-se como colaborador de Deus na obra da criação. Isso só será possível com o conhecimento interno da pessoa de Jesus Cristo, a identificação com o projeto de Reino e o compromisso com as pessoas e são destinados a todos que queiram experimentar a Deus como Senhor de suas vidas. Segundo o Padre Kolvenbach, o alcance dos EE atinge a todos os que se sentem livres para fazer a experiência.

Os EE têm transformado muito corações e muitas vidas e têm sido fonte de importantes mudanças sociais e culturais. Não são um sistema rígido, fechado; pelo contrário, são flexíveis e podem ser adaptados às pessoas de distintos estágios na caminhada espiritual e a diferentes programas. A experiência mostra que cristãos não católicos podem tirar bom proveito dos EE e estes também podem ser adaptados para ajudar os não cristãos. Estou convencido de que não temos nada melhor para oferecer. (KOLVENBACH, 1992, p. 607).

Os EE oferecem elementos antropológicos que podem levar a uma tomada de consciência naquilo que pode ser melhor implementado na vida do professor. Os questionamentos que faz o professor C sobre essa dimensão podem ser facilitados pela imersão na dinâmica dos EE. Essa é uma importante contribuição do professor C para os responsáveis pela formação de todos os educadores da instituição, lócus da pesquisa.

Os demais sujeitos da pesquisa, nessa categoria de conhecimento da pedagogia inaciana, apresentaram elementos que já foram ressaltados pelos professores que tiveram suas respostas analisadas. Consideram que possuem elementos insuficientes para julgar conhecedores da proposta. Relatam ter condições satisfatórias para elaborar seus planos de aula e contribuir nas discussões dos estudos de área de conhecimento acadêmico, assim como demonstram percepção da finalidade da educação jesuíta. Destacamos a resposta do professor J, já que, para ele, é perceptível a busca por uma experiência escolar que elege como utopia a

tessitura de uma sociedade melhor, composta por cidadãos que não apenas sejam academicamente bons, mas que saibam significar e ressignificar os saberes acadêmicos, de modo a aprendê-los de forma ética e solidária e a perpetuar essa aprendizagem por meio de suas ações presentes e futuras.

Consideramos importante, para esse contexto da pesquisa, salientar que os professores inicianos devem adquirir saberes inicianos. Por essa concepção, entendemos que o conjunto de conhecimentos, competências e habilidades provenientes da pedagogia inaciana que permitem avançar na dinâmica de conhecer, assimilar e colocar em prática de forma reflexiva os princípios norteadores da proposta inaciana. Pelo saber inaciano, o professor terá condições diferenciadas de lidar com o material fornecido a ele e saberá exigir novos elementos para o bom cumprimento daquilo que lhe é exigido. Nota-se, ainda, nas respostas dos sujeitos da pesquisa, que nenhum deles citou a categoria experiência como fonte de acesso aos princípios do método ao qual foram iniciados.

A concepção de saber inaciano aborda variados componentes que são prioridades no desenvolvimento e na atuação do professor. Estes são adquiridos na maturidade do processo formativo profissional e na experiência de ações propostas pela escola jesuíta. Esse é um ponto que se mostra fragilizado no lócus da pesquisa. Os professores são motivados a conhecer, via leituras, discussões e isso é muito bom. Mas o fator experiência, componente marcante no modelo inaciano, para os professores, parece ficar em segundo plano. As discussões ao redor de elementos teóricos são mais intensas que reflexões advindas de ações.

As análises dos documentos oficiais da Companhia de Jesus para a educação já evidenciaram a responsabilidade das instituições em oferecer meios mais eficazes para a obtenção de professores bem formados na tarefa de educar. O contexto atual desafia a educação inaciana a oferecer instrumentos humanos e espirituais com solidez para a demanda de situações nas quais percebemos a ausência de valores essenciais em várias dimensões do humano. O mais urgente deles pode ser o sentido da educação para a vida em plenitude. Nesse sentido, está o desafio de oferecer educação de qualidade numa sociedade em que o valor está aos poucos sendo calcado na superficialidade. Essa dicotomia entre o essencial e o transitório ganha força quando o sistema educacional reproduz a fragilidade das pessoas, sem ao menos apontar para um questionamento sério e contundente.

A escola jesuíta é desafiada a oferecer, a seus professores e demais profissionais, condições para o pleno desenvolvimento humano e com a colaboração deles fazer chegar, aos alunos, as condições ideais para que também eles possam ser beneficiados, respeitando o momento em que vivem. Formar pessoas que saibam pensar criticamente e que reproduzam

na sociedade os mesmos valores que acreditam e que são chamados a testemunhar. Essa competência do saber envolve domínio do saber historicamente acumulado, os conceitos e a linguagem específica. Pensando nos professores, são critérios que envolvem saberes didáticos, pedagógicos e da esfera cultural de cada conteúdo da ciência.

Os documentos oficiais da Companhia de Jesus pós-Vaticano II definem a nova perspectiva da missão da Ordem: “o serviço da fé e a promoção da justiça” (Congregação Geral XXXII, d. 4 nº 28). Essa releitura da realidade com finalidade e horizonte de novas maneiras de evangelizar faz dos colaboradores leigos dos jesuítas sujeitos da missão. Isso requer do apostolado da educação novas formas de ensinar, com olhos para a transformação da sociedade. A todos os educadores soa o clamor do mundo contemporâneo desatento, em algumas situações, às formas de crueldade e risco à vida.

Com atenção a esse e a outros pedidos expressos da Companhia de Jesus, é preciso manter firme o propósito das orientações do PEC, que pede esforço para oferecer formação que assegure o aperfeiçoamento e a familiarização dos colaboradores com a pedagogia e espiritualidade inicianas (PEC, 2005, p. 15). Como já analisamos no capítulo anterior, segundo o Padre Arrupe, é preciso haver inicianidade, de modo que se cumpra com distinção o serviço ao outro. O colégio, lócus da pesquisa, atende a essa demanda, mas com fragilidades que ecoam tanto nos professores como nos alunos. Diríamos que são consequências que atingem a missão e o fim das metas estabelecidas.

Recentemente, o Papa Francisco, jesuíta, quando questionado por colaboradores leigos de escolas jesuítas da Itália e da Albânia sobre como o compromisso e o trabalho podem ser mais jesuíticos e evangélicos, respondeu que

Envolver-se na política é uma obrigação para um cristão. Nós, cristãos, não podemos fazer como Pilatos e lavar as mãos, não podemos! Temos que nos envolver na política, porque é um das formas mais altas de caridade, porque busca o bem comum. Os leigos cristãos devem trabalhar na política, pois ela está muito mal. Mas eu pergunto: está mal por quê? Os cristãos não se envolvem nela com espírito evangélico? (PAPA FRANCISCO, 2013).

É preciso entender política em seu sentido mais abrangente e ter presente as mais variadas formas de trabalhar pela justiça e pelo bem comum, seja ela política partidária, políticas públicas, políticas educacionais, entre outras. O Papa fala de cristãos, por entender ser uma ordem, um clamor de Deus, mas ninguém está excluído de praticar a caridade. É um ato essencialmente humano e toda humanidade é convidada a ser mais humana, colocando-se a serviço do outro. Percebemos, nesse sentido, a preocupação social da evangelização, que

exige conversão de coração para que sejam incluídos os injustiçados, os pobres, os excluídos da comunidade humana.

O compromisso social do evangelho, na visão do Papa Francisco, fica ainda mais claro em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do evangelho no mundo. Segundo ele, corre-se o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora. Dessa forma, o *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade.

Subtrair o anúncio, em nosso caso específico, o ensino, de sua prática social, é tornar infecunda a missão transformadora a qual a pedagogia inaciana é convidada a protagonizar na sociedade. Com sua experiência em adaptar-se a tempo e lugares, o método inaciano, em seus fundamentos e princípios, não pode abster-se em preconizar as mais eficazes formas de anunciar e testemunhar o Evangelho.

4.5.5 Formação do ser humano com excelência humana e acadêmica

Ao ler e analisar o Planejamento Estratégico do colégio lócus da pesquisa, foi possível obter ampla visão do enfoque dado à formação do ser humano de maneira plena. Como já vimos, são estratégias elaboradas para colocar em prática o sentido último da existência dos colégios como instrumento apostólico para a Companhia de Jesus. Seria anacrônico se, ao avaliar a comunidade educativa como um todo, não sobressaísse a marca distintiva do modelo inaciano do humanismo em suas distintas afirmações.

A análise permitiu abordar uma nova categoria para a constituição dessa pesquisa por dois motivos: está presente nos documentos oficiais da Companhia de Jesus e está presente na prática local. Denominada como “excelência humana e acadêmica”, essa categoria de análise permitirá a essa pesquisa formalizá-la como sendo numa dimensão avaliativa do comportamento dos sujeitos da pesquisa, frente à proposta da escola. Objetiva-se, com essa categoria, a verificação prática de atitudes internalizadas dos professores e a avaliação destes sobre os alunos.

O critério de excelência, que aborda de modo significativo a qualidade do ensino e da formação humana da pedagogia inaciana, define-se prioritariamente pelo humano que forma. Nisso se dá a concepção de formação plena do ser humano: aquele que sabe conciliar seu domínio intelectual com as aptidões pessoais. Nesse sentido, a missão educativa do colégio lócus da pesquisa, em seu Planejamento Estratégico, indica a preocupação com a formação

centralizada em valores e atitudes na formação de pessoas que contribuam com a transformação solidária da sociedade. Essa proposta valoriza o diálogo inter-religioso em seu projeto pluralista ligado aos desafios da realidade atual. Para isso, precisa indicar princípios e valores centrais da educação que promove. Destacam-se:

Trabalhar o conhecimento como sujeito e meio da leitura crítica e criativa da realidade, como fomentador de utopias dinâmicas de transformação e como formação de pessoas reflexivas com sentido de história, de tempo e de espaço, do local e do global e racional e afetivo. Contribuir com o processo de reumanização social e pessoal, na construção de uma sociedade (realidade) com sentido de ética, de solidariedade/alteridade, de autonomia/heteronomia, de reciprocidade e de justiça. Construir a excelência humana e acadêmica pelo conhecimento ativo e interativo de maneira pluralista, dialogal, crítica, criativa e com a vocação originária de produção de existência. Centrar a formação humana e cristã no diálogo inter-religioso que gere os sentidos de adesão e pertença, a sensibilidade com o outro e com o transcendente, o compromisso com as maiorias empobrecidas, com um novo processo emancipatório e com a inserção para a transformação pessoal e social. (PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO, 2008, p. 1).

Dessa forma, percebemos que os pressupostos da pedagogia inaciana privilegiam o estudo constante da realidade, do conhecimento científico, da utopia educacional e dos valores que caracterizam a formação de toda comunidade educativa. Esses elementos estão vinculados à qualidade pretendida na busca pelo *Magis*, elemento teórico de base inaciana para o desenvolvimento de toda ação.

Aos sujeitos da pesquisa foi pedido que, a partir da vivência com alunos, em sala de aula e em outros ambientes da escola, relatassem uma experiência que eles julgassem indicativo da presença da excelência acadêmica e humana. Os professores atuariam, nesse caso, como observadores de uma situação específica e que, a partir de sua leitura pessoal, pudessem indicar no comportamento do aluno ou da turma aspectos do engajamento na proposta inaciana. A ampla maioria dos professores entrevistados soube relatar uma situação que colaborasse com o objetivo dessa questão. O que se segue são os relatos dos entrevistados e nossa análise da situação e dos termos inacianos que foram surgindo durante o desenvolvimento da entrevista.

O professor A relatou uma situação em que, a partir da heterogeneidade da turma em relação à língua estrangeira que ensina, devido à diferença entre os níveis de habilidades exigidas para a compreensão da língua (fala, compreensão, leitura e escrita) dos alunos, foi sugerida uma interação maior entre todos. Para não haver formação de grupos por níveis dentro da turma, sugeriu um modelo de disposição de lugares específicos para cada aluno na turma.

Combinamos que seriam marcados lugares e que seriam colocados em um nível de proficiência. Então, dentro da perspectiva humana, os alunos que sabiam mais, perceberam que eles conseguiriam ajudar os alunos menos proficientes. O grupo precisava estar junto para realizar a tarefa. Num segundo momento, também na sondagem individual após os trabalhos em grupo para que ninguém se perdesse. (PROFESSOR A).

De uma experiência relativamente simples, o professor conseguiu chamar a atenção da turma para a necessidade uns dos outros. A excelência acadêmica desenvolvida por cada um foi colocada em evidência quando esses alunos passaram a auxiliar os outros, no sentido cognitivo. Em relação à excelência humana, surge a disposição em ajudar, em ser para o outro aquilo que percebe enquanto necessidade do outro. Essa característica representa um passo importante no que diz respeito a colocar o conhecimento a serviço do outro. Mediados pelo professor, os alunos que desenvolveram melhor as habilidades da língua estrangeira puderam fazer a leitura de contexto da turma, aprenderam a situar-se dentro dela e reconheceram o seu papel transformador.

O professor C relatou uma experiência que durou três anos, numa mesma turma. A realidade descrita envolvia alunos que iniciaram suas atividades no colégio no ensino médio, vindos de outras escolas, com realidades muito distintas. Apresentavam deficiências em várias áreas do conhecimento e lacunas de aprendizagem que seriam importantes nas séries seguintes. Outra realidade é que são alunos de classe social menos favorecida e que são beneficiados pelo programa de filantropia adotado pela escola.

Como professor foi gratificante perceber como esses alunos se esforçaram e conseguiram superar lacunas acadêmicas com um processo de estudo intenso, de busca constante. E quando eu falo busca é de se interessar, de perguntar, de fazer junto, de estudar junto. Então não é somente mérito acadêmico, mas é mérito humano também nessa relação de busca. Puderam contar ainda com o apoio dos colegas que já tinham escolaridade na escola. Foi um grupo que se formou no final do primeiro ano, se manteve no segundo e aprofundou no terceiro. É possível perceber aqui a prática da pedagogia inaciona manifestado na busca, no esforço pessoal de superação e na parceria com colegas e professores. Foi empenho coletivo, com apoio moral para que esses alunos se superassem. Nos conselhos de classe também tiveram esse olhar cuidadoso, humano com esses alunos porque foi revelada toda história durante esses três anos. Eu percebi que os professores fizeram parte dessa história. (PROFESSORA C).

O relato chama a atenção pela leitura do professor no reconhecimento daquilo que ele chamou de prática da pedagogia inaciona. Podemos traduzir a busca, a superação, o esforço, a parceria, os relatos pelo professor com sentido de *Magis*. Entende-se aqui como esforço em oferecer o nível de educação que melhor corresponda às necessidades da turma. O

envolvimento dos alunos que já pertenciam à escola por mais tempo no processo de inclusão dos colegas também aparece com ênfase.

O contexto plural da turma, segundo o professor, não foi motivo de comparações, seja entre os alunos, seja entre os demais professores. O que havia era a real preocupação manifestada no cuidado sobre cada um. O fato de a turma permanecer, de certo modo, a mesma durante os três anos do ensino médio deu aos profissionais a oportunidade de conjugar as estratégias de maneira gradual. Os alunos considerados escolarizados pela pedagogia inacioniana assumiram sua participação no ato da necessidade. Não se realizou em um segundo momento, mas vivendo a realidade. Para a pedagogia inacioniana, ter presente a melhor educação para todos os seus alunos significa

O desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa de sua vida, unindo ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros. (CARACTERÍSTICAS, 1989, p. 59).

Segundo o relato do professor C, o olhar cuidadoso para a realidade de cada aluno pode ser expresso nos conselhos de classe, que são momentos de debate e análise da situação da turma no que diz respeito à cognição e ao desenvolvimento pessoal dos alunos. Isso não significa exigência menor no que diz respeito aos compromissos com a escola, mas a história de vida de cada um é, também, critério de análise.

A exemplo da atitude de respeito à história de vida do aluno, este saberá, a seu tempo, ser uma pessoa consciente. Tais valores não são ao certo ensinados, mas são aprendidos. Uma vez ajudado a dar-se conta de si mesmo, a identificar sua riqueza pessoal, bem como as limitações e marcas negativas da vida, pode adquirir liberdade de atuar com competência, compromisso e solidariedade. A turma soube vivenciar a experiência de abertura ao diferente, sem rivalidade nem competições que atrapalham o reconhecimento das qualidades humanas, das culturas e das religiões.

O professor D relatou a experiência feita por uma aluna em um dos programas sociais que têm grande sentido para as escolas jesuítas. Com frequência são realizados projetos de cunho voluntário em distintas instituições de assistência social, que mantêm parceria com a escola lócus da pesquisa. No período da páscoa, tempo também denominado de Semana Santa para a Igreja católica, é desenvolvido o trabalho de visitas a famílias carentes e a alguns doentes de uma região específica. Segundo esse professor, a aluna em questão sempre foi

tímida e apresentava pouca maturidade. O fato de ter certa convivência com ela fora do âmbito escolar permite-lhe fazer esta consideração.

Na visão do professor,

Esta experiência foi significativa para ela porque exigiu algo que ela não estava acostumada a fazer. Uma menina que depois veio a ganhar o prêmio Santo Inácio e optou por ser pedagoga. Sabe-se que é uma profissão de desafio, mas ela quis, não desistiu, embora conheça as dificuldades. Percebo que é alguém que soube assimilar o que tem de melhor enquanto capacidade intelectual e vivenciar novas experiências numa comunidade e contribuir com eles.

O relato revela uma nova estratégia das escolas jesuítas: favorecer-se de meios que estão além dos limites da escola para educar com excelência humana. Mediar experiências em locais desconhecidos de uma parcela dos alunos incentiva a sensibilidade para situações de necessidade dos outros. Conviver com pessoas menos favorecidas em vários âmbitos incentiva o sentir com o outro suas lutas e fracassos. A temática do humanismo social cristão, presente nos Documentos da Igreja Católica para a América Latina, que também está presente nos Documentos da Companhia de Jesus sobre educação, ganha maior respaldo quando conferido na prática. A ação de Jesus Cristo, modelo de pessoa-para-com-os-outros, continua inspirando as melhores estratégias para pôr o ser humano a serviço da humanidade.

O professor G relatou o caso de um aluno que, segundo ele, evidencia a postura de quem soube assimilar a proposta inaciana.

Temos um aluno que está se preparando para o ITA, que sabe muito das disciplinas exatas como nas humanas e você olha e diz: que cabeça invejável. É uma referência na sala, na turma. Mas além disso, de ser academicamente competente é um aluno muito mais competente, porque vive ajudando a todos os alunos a sua volta. Soube posicionar-se diante de uma situação em que exigiu dele olhar humano. Em outros lugares não encontrei algo assim. Existe, mas conjugado dessa forma é a primeira vez.

O desejo da pedagogia inaciana é despertar esse potencial nos alunos. Para tanto, oferece instrumentos eficazes para que o aluno torne-se responsável em suas atitudes e em seus compromissos. Para a pedagogia inaciana, ser competente, que na análise do professor o referido aluno apresenta-se ser, não significa saber fazer bem alguma coisa. Competência tem a ver com preferir o conhecimento aprofundado, coletivo, inovador e criativo. Dessa forma, entra-se na dinâmica do aprender a aprender, cujo objetivo já não é mais aumentar a quantidade de assuntos aprendidos. Antes, é o relacionamento do aluno com o conhecimento adquirido.

O trato superficial, insuficiente com o saber, contradiz a dignidade do ser humano, pode tornar-se um risco diante do fazer tarefas de forma mecânica e sem reflexão. O olhar atento do aluno, citado pelo professor G, permite que coloque aquilo que sabe a favor daqueles que precisam de outras dinâmicas para assimilar o conteúdo das disciplinas em sala de aula. Não se trata de instrumentalizar o conhecimento, mas dar sentido pleno, utilizando-se da dialética conhecimento *versus* contexto.

Saber conjugar conhecimento com realidade provoca no ser humano o ideal de transformação social de situações as quais julga não fazer parte do bem para a humanidade. Essa pode ser uma tarefa muito exigente para jovens em processo de amadurecimento pessoal, coletivo, profissional. No entanto, é um convite a conscientizar-se das múltiplas atividades que realiza de modo simultâneo, às vezes com conteúdo abundante, mas caótico de sentido e de fontes duvidosas. A pedagogia inaciana proporciona aos alunos, mediado pelos professores, a elaboração de um conhecimento próprio e profundo, articulando com as perspectivas pessoais deles.

Em sentido último, a concepção da escola, lócus da pesquisa, no que diz respeito ao trabalho integrado e interativo entre professores e alunos, é de que o ser humano pode ser exigido em várias dimensões no que se refere ao seu desenvolvimento pleno. Julgar-se incapaz de participar da construção de sua história e modificá-la para o bem comum não faz parte do cotidiano da inspiração inaciana. Isso porque

Na verdade não se trata apenas de fazer educação como trabalho burocrático e didaticamente bem feito, mas sim de trilhar um caminho de mudança pessoal e coletiva, na direção de um compromisso efetivo com a causa de uma sociedade mais solidária e de pessoas mais competentes, comprometidas e conscientes. Não se inova sem inovar-se; não se forma sem formar-se; não se educa sem educar-se; não se cria sujeitos pesquisadores sem se transformar em pesquisador inserido em seu tempo e espaço histórico. (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2000, p. 32).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe à discussão a maneira como os professores de uma instituição da Companhia de Jesus apropriam-se e vivenciam os princípios da educação inaciana no cotidiano da escola. Para isso, no primeiro capítulo, optou-se por um resgate histórico do trabalho dos jesuítas no campo da educação, apontando suas principais influências. A partir do momento em que Santo Inácio de Loyola entende que, para levar adiante sua proposta missionária, fez-se necessário encontrar e formar novos membros para a recente fundada Ordem. Tal formação deveria atender a um critério bem específico: que os novos membros apresentassem aptidões suficientes para atender às novas demandas postas à Ordem.

Os pedidos por novos jesuítas em diferentes trabalhos na Igreja foram surgindo com maior frequência feita pelos Pontífices, reis e bispos interessados em ter, nos seus territórios, homens de confiança e ardor missionário. Destacando-se em várias frentes de trabalho que atingiam desde ser confessores de reis e rainhas à participação no Concílio de Trento (1545-1563), os Jesuítas destacam-se como homens intelectuais. Os companheiros de Jesus (os jesuítas) passam a ter uma questão a ser solucionada: aqueles que desejavam ingressar na mesma Ordem não apresentavam as características exigidas em relação à formação intelectual. Eles mesmos passam a acompanhar os estudos iniciais dos jovens que os procuram.

A política adotada pelos jesuítas foi de abertura a novos apelos referentes a assumir o trabalho educativo em alguns locais que até então não constavam no desejo nem de Santo Inácio, nem de seus companheiros. No entanto, esses companheiros não queriam oferecer a mesma educação com algumas modificações. Passam a elaborar um modelo educativo inspirado na experiência espiritual de Inácio, que será o elemento distintivo de forma universal. Essa atitude reflete a razão de existir da Ordem: o serviço ao Evangelho de Jesus Cristo. Assim, tornou-se possível perceber que o trabalho educativo deveria ser pautado pela missão da Companhia de Jesus.

A partir do momento em que se assume o primeiro colégio na Itália, inicia-se o longo processo de construção da identidade do trabalho educativo. Percebeu-se, assim, uma grande importância dos estudos nos documentos fundantes da Companhia, deixando bem claro que a dimensão intelectual tanto na formação dos jesuítas como na missão seriam essenciais. Desse modo, vemos também que Inácio logo percebeu, após sua conversão, que a sua experiência espiritual não bastaria para que seu propósito de dedicar-se a ajudar os outros a crescer na fé e na vida cristã produzisse maior fruto. A valorização dos estudos vai refletir nas Constituições

da Companhia de Jesus. A educação ganha forte característica de apostolado, sendo um meio indispensável para desenvolver o potencial humano e cristão dos jovens.

Essas referências proporcionaram olhar para o contexto na época do início da Companhia. O século XVI desafia com suas exigentes mudanças nos paradigmas sociais e no comportamento humano. Na educação de jovens, criando currículo e conteúdo que articulasse letras e virtudes, os jesuítas desenvolvem aspectos pioneiros que seriam compilados no *Ratio Studiorum*, método que servirá de orientação para todo trabalho educativo até a extinção quase completa da Companhia de Jesus, em 1773. Nesse sentido, abordou-se uma das relevâncias desse trabalho: a ação educativa da Companhia de Jesus que atravessou épocas distintas, contextos culturais múltiplos e chegou até o presente momento.

O segundo capítulo descreve os desafios e avanços do início das atividades educativas no pós-supressão da Companhia de Jesus, que exigiu leitura de contexto no início do século XIX. Com sucessivas tentativas de renovação do *Ratio*, a Ordem dedicou-se a adaptar-se às novas configurações de leis, de Estados que tomaram para si o direito de educar. Percebeu-se o esvaziamento de sentido de insistir com o método que já não mais atendia ao modelo educativo adotado pela sociedade. O capítulo apresenta também os fundamentos epistemológicos do saber jesuítico para a formação humana e sua articulação com o processo formativo contínuo de professores, mediante o surgimento de documentos que atualizam a concepção de humano no método inaciano.

Verificou-se que o Concílio Vaticano II proporcionou à Igreja e à Companhia novo impulso evangelizador. Coube ao Superior Geral, Padre Pedro Arrupe, eleito em 1965, inserir o trabalho apostólico da Ordem no contexto e orientações do recente Concílio. Em seu governo, propõe a todos os jesuítas uma profunda avaliação e renovação espiritual e missionária. É nessa aura profética que o Superior Geral profere a alocução “Nossos colégios hoje e amanhã”, renovando o apostolado educacional. Entende-se, assim, o esforço pela renovação da missão da Companhia com o mesmo espírito inspirador e inovador. Vemos, com isso, na pessoa de Pedro Arrupe, aquele que consolida os ideais de Santo Inácio: adaptar a missão a lugar, tempo e pessoa.

Reunidos em assembleia mundial em 1973, os jesuítas redefiniram sua missão como sendo: “o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta” (Congregação Geral 32, d. 4, nº 2). O caráter social desse decreto reflete imediatamente no trabalho educativo, quando muitos membros questionavam a permanência da Companhia em colégios, uma vez que somente uma determinada classe da sociedade era beneficiada: os ricos. Padre Arrupe retoma esse assunto e reafirma a necessidade de se entender como sendo

um instrumento apostólico. Sem distinção, estavam chamados a oferecer a homens e mulheres educação que visasse a formação do ser humano consciente e comprometido com as necessidades de seu tempo.

Com o ideário de restaurar o projeto educativo, novos documentos surgem para culminar todo trabalho: *Características da educação da Companhia de Jesus; Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática e Projeto educativo comum, para a América Latina*. Nesse sentido, verificou-se outra relevância para a abordagem desse trabalho: a importância de um método pedagógico que tem por princípio oferecer formação crítica frente às transformações atuais. O Padre Kolvenbach, sucessor do Padre Arrupe como Superior Geral da Ordem, fomentou a elaboração desses documentos e proporcionou sua ampla discussão. Vale ressaltar que a participação de leigos na missão da Companhia já está cada vez mais intensificada e na educação aparece com mais visibilidade.

O recorte histórico analisado até este ponto favoreceu para compor o horizonte no qual se situa o problema ao qual foi trabalhado. Como foi possível perceber, há um conjunto de princípios e valores presentes no contexto do trabalho educativo inaciano que devem ser conhecidos por todos os que fazem parte da comunidade educativa jesuítica. A pesquisa de campo com professores, feita em uma escola dos jesuítas, possibilitou o acesso a um conjunto de estratégias utilizadas com a intenção de fazer conhecidos os elementos centrais do método inaciano.

No terceiro capítulo, a análise da pesquisa de campo possibilitou desenvolver os objetivos de analisar o modelo de formação continuada para professores ingressantes, proposto por uma escola jesuítica, e articular o referencial teórico da formação de professores atual ao conceito de humano na pedagogia inaciana. A análise permitiu ter dois olhares: um para os professores que chegam à instituição e que precisam aprender sobre a pedagogia inaciana, como é o processo de apropriação dos princípios da pedagogia inaciana, outro olhar para a escola que investe em formação permanente no quadro de seus professores. Também permitiu analisar o processo formativo, a partir dos documentos inacianos referentes à formação. Com o recurso das categorias de análise, foi possível conhecer como os professores interagem com o processo formativo da escola e, até certo ponto, como compreendem o processo.

Verificou-se que os professores pouco conhecem sobre o método inaciano. Há certos equívocos quanto ao linguajar próprio do método que os afastam da centralidade dos temas abordados. Tal equívoco se dá por dois motivos: o grau de dificuldade existente no método em si e a fragilidade da formação oferecida. É compreensível o estado de desapontamento,

por parte dos professores no momento da entrevista, em não saber articular as ideias a respeito da pedagogia inaciana e aquilo que ela apresenta em sua teoria e prática. O dilema enfrentado por eles em cumprir com sua prática profissional e estarem inseridos em ambiente que exige novas formas de abordagem sobre o conhecimento não é totalmente superado somente com teoria.

Esse ponto é contraditório com a perspectiva do método inaciano que prevê a imersão gradual de seus educadores. O fato demonstra fragilidade das estratégias no sentido de os educadores sentirem falta de algo consistente, que os faça sentir aptos para as demandas apresentadas em sala e fora dela. Com as características que os educadores possuem e que foram apresentadas anteriormente, a instituição pouco sistematizou, de modo individual, os acordos e as estratégias coletivos. Retomando Nóvoa, as dimensões pessoais da profissão necessitam, por parte da instituição jesuítica, ser valorizadas de maneira explícitas.

Por esse motivo, verificou-se que a categoria de vivência dos princípios norteadores da pedagogia inaciana é frágil. Cada professor não “se localiza” facilmente no processo do método e essa realidade agrava-se no momento em que este não sabe interpretar as exigências feitas. Adentrar na antropologia inaciana, com sua visão de ser humano, criado por Deus e chamado a viver segundo os preceitos cristãos, é desafiador, tendo em vista as transformações que a humanidade precisa digerir: o esgarçamento do tecido social, o esvaziamento das narrativas de coletividade, humanismo e justiça social. A vida está facilitada, mas para muitos não está fácil viver devido ao sentido de exclusão forçado pelos padrões impostos pela sociedade de consumo facilmente descartável.

Embora não sendo de fácil acesso a motivações centrais do método inaciano pelos professores leigos, estes podem ter a postura crítica defendida por Freire. Refletir sobre a prática, segundo o autor, é momento fundamental para que se pense a próxima prática. Nesse sentido, os professores teriam a oportunidade de perguntar-se pelo objetivo do método inaciano e, em uma atitude de autocrítica, construir seus referenciais de análise.

O conhecimento e a técnica oferecem expressivo desenvolvimento das capacidades humanas e aperfeiçoamento das habilidades intelectuais, mas empobrecem o senso de humanidade. O mundo carece de ser humanizado e essa tornou-se uma questão central e decisiva para o futuro da humanidade. A educação inaciana é chamada a responder ao apelo de humanizar a própria humanidade, assumindo como tarefa primordial dar pleno sentido à vida. Mediante as relações justas e éticas, promover o reencontro do ser humano com formas saudáveis de manifestar a vida. A pedagogia e a espiritualidade inacianas tematizam o ser humano inconcluso, dependente do amor de Deus e em constante busca de si e de algo.

Paulo Freire defende os mesmos argumentos sobre o homem e sobre aquilo que quer para si

É um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. (FREIRE, 2011, p. 34).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2001.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Ofício de Mestre. Imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARRUPE, Pedro. **Nossos colégios hoje e amanhã**. São Paulo: Loyola, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr 2002, n. 19, p. 20-28.
- CABARRÚS, Carlos Rafael. O Magis Inaciano, impulso para que a humanidade viva. **Revista de Espiritualidade Inaciana**, jun./2004. p. 34-56.
- CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. São Paulo: Loyola (Col. Documenta S.J. – 4), 1989.
- CODINA, G.; SAUVE, J. **Educación. Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús**, 2001.
- CONGREGAÇÃO GERAL XXXII. Braga: Barbosa & Xavier, 1975.
- EDUCAÇÃO INACIANA. Desafio na virada do milênio. São Paulo: Loyola, 1999.
- FERREIRA, António Gomes. **Dicionário de latim-português**. Porto: Porto Editora, 1999.
- FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores. Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GENESCÁ, Ana Maria Carpenter. A formação de professores à luz da pedagogia inaciana. In: IIº Congresso Inaciano de Educação. **A pedagogia inaciana rumo ao Século XXI**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 115-127.

KLEIN, Luiz Fernando. **Atualidade da pedagogia jesuítica**. São Paulo: Loyola, 1997.

KOLVENBACH, Peter-Hans. To friends and collegiis of the Societatis of Jesus. In: **Acta Romana Societatis Iesu**. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, 1992. p. 600-607.

_____. A pedagogia inaciana hoje. **Pedagogia inaciana. Uma proposta prática**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 89-115.

_____. Carta do Padre Geral a todos os Superiores Maiores da Companhia de Jesus. In: CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. São Paulo: Loyola, 1989. p. 5-9.

LABRADOR, Carmen. Estudio histórico-pedagógico de la *Ratio Studiorum*. In: GIL, Eusebio (Org.). **El sistema educativo de la Companhia de Jesus. La Ratio Studiorum**. Madrid, Universidad Pontificia de Comillas, 1992. p. 17-56.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAC DOWELL, João Augusto Anchieta Amazonas. As contribuições de José de Anchieta e Antônio Vieira para a cultura brasileira. In: **IIº Congresso Inaciano de Educação. A pedagogia inaciana rumo ao Século XXI**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 15-35.

MAGALHÃES, Sônia Maria. Educação em valores: como enfrentar esse desafio na escola? In: OSOWSKI, Cecília Irene. **Provocações de sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 143-163.

MATOS, Junot Cornélio. Escola: espaço para formação de professores? In: OSOWSKI, Cecília Irene. **Provocações de sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 191-222.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2000.

NÓVOA, António. **Professores. Imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

_____. Formação de professores e profissão. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 15-30.

OIZUMI, Enrique. Humanismo en la espiritualidad ignaciana. In: OSOWSKI, Cecília Irene; BECKER, Lia Bergamo (Org.). **Visão inaciana da educação. Desafios hoje**. São Leopoldo: Unisinos, 1997. p. 135-143.

OSOWSKI, Cecília Irene. **Provocações da sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

PALAORO, Adroaldo. **A experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola e a dinâmica interna dos Exercícios**. São Paulo: Loyola, 1992.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica do Papa Francisco: Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho**. Brasília: CNBB, 2013.

_____. Agli studenti delle scuole gestite dai gesuiti in Italia e Albania. In: **Acta Romana Societatis Iesu**. Roma: Cúria Geral dos Jesuítas, 2013. p. 697-707.

PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

PROJETO EDUCATIVO COMUM DA COMPANHIA DE JESUS NA AMÉRICA LATINA. Conferência dos Provinciais da América Latina, Rio de Janeiro, 2005.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Pesquisa sobre formação de professores: um exame das teses e dissertações defendidas entre 2000 e 2007**. Curitiba, 2009.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2006.

SUBSÍDIOS PARA A PEDAGOGIA INACIANA. São Paulo: Loyola, 1997.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

SCHMITZ, Egídio. **Os jesuítas e a educação. A filosofia educacional da Companhia de Jesus**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

TAPIA, Alberto Vásquez. Tecendo e gerando as características. In: TAPIA, Alberto Vásquez (Org.). **Dez anos das características da educação jesuíta**. São Leopoldo: Unisinos, 1998. p. 28-40.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Filosofia e cultura**. São Paulo: Loyola, 1997.

ANEXOS

ANEXO I – QUESTIONÁRIO ABERTO

- 1) Qual a origem da pedagogia inaciana? Quais as características que você conhece dessa pedagogia? Como elas estão presentes na pedagogia inaciana?

- 2) Quais os espaços de aprendizagem e formação do tipo continuada que a instituição na qual você trabalha (Medianeira) oferece para aprofundar temas referentes ao processo de inserção de seus educadores no método inaciano de ensino?

- 3) Atualmente, você julga conhecer a proposta da pedagogia inaciana? Ela permite-lhe fazer uma avaliação de sua formação humana?

- 4) A perspectiva da pedagogia inaciana é formar o ser humano em sua completude: excelência acadêmica e humana. Descreva uma situação vivida por você em que essa perspectiva esteve presente.

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG n.º _____, estou sendo convidado/a a participar de um estudo denominado: “Método pedagógico inaciano e formação de professores. Contribuições epistemológicas e práticas”.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome, ou qualquer outro dado confidencial, será mantido em sigilo. A elaboração final dos dados será feita de maneira codificada, respeitando o imperativo ético da confidencialidade.

Estou ciente de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, nem sofrer qualquer dano.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é _____, com quem poderei manter contato pelo telefone _____. Estão garantidas todas as informações que eu queira saber antes, durante e depois do estudo.

Li, portanto, este termo, fui orientado quanto ao teor da pesquisa acima mencionada e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Concordo, voluntariamente, em participar desta pesquisa, sabendo que não receberei nem pagarei nenhum valor econômico por minha participação.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Assinatura do pesquisador

Curitiba, _____ de _____ de 2014.

Para o avanço dessa pesquisa, a participação de voluntários é de fundamental importância.